UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E
TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS

LUCIANA ANTONINI SCHOEPS

Bibliotecas fantásticas em chamas: Machado de Assis e Gustave Flaubert

Versão Corrigida

SÃO PAULO
2012

LUCIANA ANTONINI SCHOEPS

Bibliotecas fantásticas em chamas: Machado de Assis e Gustave Flaubert

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

De acordo:

Orientadora: Profa. Dra. Verónica Galíndez Jorge

Versão Corrigida
(original disponível no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica da FFLCH)

SÃO PAULO
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Schoeps, Luciana Antonini
S367b Bibliotecas fantásticas em chamas: Machado de
Assis e Gustave Flaubert / Luciana Antonini Schoeps
; orientadora Verónica Galíndez Jorge. – São Paulo,
2012.
135 f.

Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos Linguísticos, Literários e
Tradutológicos em Francês.

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Flaubert,
Gustave, 1821-1880. 3. Bibliotecas particulares. 4.
Crítica literária. 5. Teoria literária. I. Jorge,
Verónica Galíndez, orient. II. Título.

SCHOEPS, Luciana Antonini

Bibliotecas fantásticas em chamas: Machado de Assis e Gustave Flaubert

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 14 de setembro de 2012

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Verónica Galíndez Jorge

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. João Cézar de Castro Rocha

Instituição: Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Roberto Zular

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A Verónica Galíndez Jorge, pela orientação dedicada, cuidadosa e paciente, sempre respeitando o nosso tempo e as nossas neuroses, pela inesgotável liberdade crítica, pelas leituras sempre estimulantes, pelos conselhos e motivações nos momentos difíceis e pelo inestimável convívio durante esses anos de orientação.

À professora Cláudia Amigo Pino, pela interlocução sempre aberta com seu grupo de pesquisa, e aos professores Hélio de Seixas Guimarães e Roberto Zular, membros da banca de qualificação, pela leitura atenta e mais que generosa, fonte de instigantes questões, sugestões e diretrizes para a condução desta pesquisa.

À Academia Brasileira de Letras, em especial aos funcionários da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, Luiz Antônio de Souza, Suzie e equipe, e do setor de Arquivo dos Acadêmicos, Maria Oliveira e equipe, pelo zeloso apoio e pela agradável convivência durante a semana de pesquisas no Rio de Janeiro.

Aos colegas do GELLE (Grupo de Estudos Literatura Loucura Escritura), em especial a Juliana Bratfish e Lúcia Ribeiro, e aos colegas do francês, Carolina Messias, Mônica Gama e Liliane Santos, pelas conversas e trocas literárias; a Samira Murad, pela gentil redação do abstract. Aos amigos Luís Cláudio Caliendo, Livia Gomes e Cícero Oliveira, pelo apoio mútuo nos momentos de abatimento, pelo entusiasmo em discutir literatura e, sobretudo, pelo convívio e amizade que permitiram que o mundo acadêmico se tornasse um pouco menos penoso. Ao Luís e à Livia agradeço, ainda, pelos cuidadosos comentários que contribuíram de forma decisiva para a redação deste trabalho, sobretudo em sua etapa final.

Aos funcionários do Departamento de Letras Modernas, pelo apoio com a burocracia.

A FAPESP, pela bolsa concedida.

Finalmente, dedico esta dissertação a minha pequena, mas imensurável família: minha mãe, Sueli Antonini, minha irmã, Flavia Schoeps Shiomi, e meu cunhado, Ronaldo Shiomi, sempre presentes em minha vida, pela paciência, afeto, carinho e cuidados intermináveis. A meus avós maternos (*in memoriam*), para sempre presentes na eterna ausência.

“La bibliothèque est en feu”

Michel Foucault, “La bibliothèque fantastique”

RESUMO

SCHOEPS, L. A. *Bibliotecas fantásticas em chamas: Machado de Assis e Gustave Flaubert*. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Partindo do efeito de leitura percebido nas escrituras autorreflexivas de Machado de Assis e Gustave Flaubert – que, por meio de uma intensa solicitação a discursos já-escritos, pareciam escrever verdadeiros livros feitos de livros –, o presente trabalho se propôs estudar a interdiscursividade dos autores, compreendida dentro de suas práticas de escrita e de leitura, a partir do que chamamos de “biblioteca fantástica”, num diálogo explícito com a teoria de Michel Foucault. Seguindo dois eixos principais, nos quais pretendíamos observar a obra dentro da biblioteca (o espaço das bibliotecas reais dos autores enquanto o lugar privilegiado da enunciabilidade das obras) e a biblioteca dentro da obra (a ficcionalização do livro e dos elementos concernentes ao sistema literário presente nas escrituras), fomos levados a entrever a relação tensional com o já-escrito operada pelas escrituras dos dois autores, aspecto reforçado pelo recurso a ardis ficcionais distintos, a saber, o autor ficcional machadiano e o discurso indireto livre flaubertiano. Ao longo de nosso percurso crítico, percebemos que a biblioteca fantástica dos autores estudados, construída no intervalo entre os dois citados eixos, mostrou-se reveladora da problemática concernente à enunciabilidade e à legibilidade das obras, já que a interdiscursividade de suas escrituras autorreflexivas questionava as formas naturalizadas ou impostas de escrever e de ler, recolocando a literatura enquanto questão.

Palavras-chave: 1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Flaubert, Gustave, 1821-1880. 3. Bibliotecas particulares. 4. Crítica literária. 5. Teoria literária.

ABSTRACT

SCHOEPS, L. A. *Fantastic libraries on fire: Machado de Assis and Gustave Flaubert*. 2012. 135 f. Masters degree dissertation – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012.

Having as a starting point the reading effect of Machado de Assis' and Gustave Flaubert's self reflecting narratives – which, due to the intense recourse to other discourses, seem to be books made of other books –, the aim of this work is to study these writers' interdiscursivity practices, as observed in their writing and reading practices through the concept of the "fantastic library", in an explicit dialogue with Michel Foucault's theory. Following two main paths from which we would like to observe the literary work inside the library (the space of the writers' real libraries as a privileged viewpoint of their enunciability) and the library in the work (that is, the image of the book and of elements of the literary system represented in the books), we noticed a tense relationship with these other discourses in these two writer's practices, which is reinforced by the recourse to different narratological devices such as the fictional author in Machado and free indirect style in Flaubert. As our analysis progressed, we perceive that the fantastic library of those authors, construed between those paths already mentioned, revealed some of the problems related to their enunciability and legibility, as the interdiscursivity of these self reflecting narratives questions not only naturalized or imposed manners of reading and writing but literature itself.

Key-words: 1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Flaubert, Gustave, 1821-1880. 3. Private libraries. 4. Literary criticism. 5. Literary theory.

RÉSUMÉ

SCHOEPS, L. A. *Bibliothèques fantastiques en feu: Machado de Assis et Gustave Flaubert*. 2012. 135 f. Dissertation niveau Master – Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, São Paulo, Brésil, 2012.

A partir de l'effet de lecture perçu dans les écritures autoréflexives de Machado de Assis et Gustave Flaubert – qui, par l'intense sollicitation à des discours déjà-écrits, semblaient écrire de véritables livres faits d'autres livres –, cette recherche se propose d'étudier l'interdiscursivité des auteurs, comprise dans leurs pratiques d'écriture et de lecture, d'après ce qu'on a nommé "bibliothèque fantastique", dans un explicite dialogue avec la proposition de Michel Foucault. En suivant deux axes principaux, dans lesquels on cherchait à observer l'œuvre dans la bibliothèque (l'espace des bibliothèques réelles des auteurs comme le lieu privilégié de l'énonciabilité des œuvres) et la bibliothèque dans l'œuvre (la fictionnalisation du livre et des éléments concernant le système littéraire présente dans les écritures), on a été amené à identifier le rapport de tension avec le déjà-écrit établi par les écritures des auteurs, aspect souligné par le recours à des artifices fictionnels distincts, à savoir, l'auteur fictionnel machadien et le discours indirect libre flaubertien. Le long de ce parcours critique, on a pu conclure que la bibliothèque fantastique des auteurs étudiés, construite dans l'écart entre les deux axes cités, dénonce la problématique relative à l'énonciabilité et à la lisibilité des œuvres, une fois que l'interdiscursivité de leurs écritures autoréflexives interrogeait les manières naturalisées ou imposées d'écrire et de lire, tout en reproposant la littérature en tant que question.

Mots-clés: 1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Flaubert, Gustave, 1821-1880. 3. Bibliothèques privées. 4. Critique littéraire. 5. Théorie littéraire.

SUMÁRIO

INCENDIANDO BIBLIOTECAS CRÍTICAS	10
CAPÍTULO I: A BIBLIOTECA FANTÁSTICA FOUCAULTIANA E A ENUNCIABILIDADE LITERÁRIA	26
CAPÍTULO II: A OBRA DENTRO DA BIBLIOTECA: BIBLIOTECAS REAIS?	45
2.1. BIBLIOTECA MACHADIANA	45
2.2. BIBLIOTECA FLAUBERTIANA.....	66
CAPÍTULO III: A BIBLIOTECA DENTRO DA OBRA: FICCIONALIZAÇÃO DO LITERÁRIO.....	93
3.1. MACHADO DE ASSIS: ESCRITA, AUTOR E LEITOR FICCIONAIS	94
3.2. GUSTAVE FLAUBERT: LEITURAS FICCIONAIS E DISCURSO INDIRETO LIVRE	106
BIBLIOTECAS EM CHAMAS.....	119
BIBLIOGRAFIA.....	128

INCENDIANDO BIBLIOTECAS CRÍTICAS

“la critique n’est pas un ‘hommage’ à la vérité du passé, ou à la vérité de ‘l’autre’, elle est construction de l’intelligible de notre temps”

Roland Barthes, *Essais critiques*

Talvez o título do presente trabalho cause alguma estranheza ao leitor que por ora tenha esta dissertação entre as mãos. E por dois motivos: ou a ideia de *biblioteca fantástica* não faça muito sentido e não delimite bem o pretenso “objeto” deste trabalho, ou então a comparação pareça um tanto descabida. Afinal, mesmo que se lembre do artigo “La bibliothèque fantastique” de Michel Foucault¹, de que forma pretende-se delimitar nesses autores a existência de “bibliotecas fantásticas”? E, para um leitor mais habituado com a obra de Machado e Flaubert e com os estudos comparatistas, de que forma pretende-se aproximar dois autores que não se citam explicitamente?

Adiantamos ao leitor que o termo “bibliotecas fantásticas”, apesar de se referir diretamente ao artigo foucaultiano supracitado, conforme se verá ao longo deste trabalho, ao ser empregado para designar um aspecto observado na obra de Machado de Assis e Gustave Flaubert, não se quer indicador de um conceito que preexistia às escrituras dos autores estudados. Trata-se, antes, da simples nomeação de um efeito de leitura percebido pela análise crítica aqui operada, nomeação da problemática que inquieta a presente leitura crítica: tentativa de denominação de um “objeto” de estudo que só existe *no e pelo* recorte operado na presente dissertação. Assim, apesar da relação com o termo de Foucault, as “bibliotecas fantásticas” de Machado e Flaubert aqui estudadas constituem não um objeto observável e definível, mas algo que se constrói no interstício presente entre a obra e o atual discurso crítico, ou seja, na relação da leitura crítica².

Esse efeito de leitura ou essa problemática sentida na relação com as obras literárias de Machado e Flaubert, mola propulsora da escrita deste trabalho, pode, no entanto, ser melhor explicitado a nosso leitor. Trata-se de uma inquietação percebida, de forma mais premente, ao ler *Bouvard & Pécuchet* e *La tentation de saint Antoine* de Flaubert e *Memórias póstumas de*

¹ FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 103-122.

² Fazemos aqui clara alusão aos conceitos de Starobinski (STAROBINSKI, Jean. “La relation critique”. *L’œil vivant II: La relation critique. Essai*. Paris: Gallimard, 1970, p. 9-33).

Brás Cubas e *Esau e Jacó* de Machado de Assis, que se caracterizava pela insistência das narrativas em fazer uso de formas de apropriação de outros discursos, através das inúmeras referências a discursos externos às obras, fossem apenas alusões, títulos, autores ou trechos citados. Não interessava saber se os referidos discursos citados realmente existiam ou se eram “inventados” ficcionalmente, nem de que ordem eram as reapropriações e as referências a esses discursos, mas o fato de que sua insistente presença na trama ficcional apontava para a existência de escrituras que pareciam não prescindir de discursos alheios para se construírem, numa relação onde literatura se faria *com* e *a partir* da própria literatura, numa prática escritural que dependeria diretamente de uma prática de leitura para existir. Além disso, a insistente presença desse aspecto nas escrituras, por ser algo repetitivo, assinalava um desvelamento do caráter ficcional das obras, já que mostrava e apontava de forma iterativa a suposta forma segundo a qual a obra era construída. Era de nosso conhecimento, entretanto, o fato de Gustave Flaubert, além de operar verdadeiras fichas de leitura em seus *Carnets de travail*³, tendo em vista a escrita de suas obras, ter possuído uma significativa biblioteca pessoal e ser frequentador de bibliotecas públicas, da mesma maneira que Machado de Assis frequentava bibliotecas e gabinetes de leitura do Rio de Janeiro e possuía não menos considerável biblioteca pessoal, mostrando que de alguma maneira as práticas de leitura dos autores poderiam estar correlacionadas às suas práticas de escrita.

Ao lado dessa problemática, a tematização irônica da leitura efetuada sobretudo pelo uso do discurso indireto livre, em *Bouvard & Pécuchet*, e a presença – não menos irônica – do autor ficcional, e conseqüentes escrita, leitor e livro ficcional, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pareciam, de maneira similar, colocar em relevo essa relação crítica da literatura consigo mesma, apontando de maneira ironizada as formas pelas quais uma obra é passível de ser *dizível* e *legível*. Desse modo, as obras de Machado e Flaubert pareciam apontar para uma prática de escrita predominantemente crítica, ao colocar em questionamento a própria literatura, através da figuração de elementos do sistema literário dentro da própria trama ficcional.

Quando entramos em contato com o referido artigo de Michel Foucault, contudo, uma frase nos saltou aos olhos, no que concernia a *La tentation de saint Antoine*, de maneira premente, e a *Bouvard & Pécuchet*, secundariamente: “un livre fait de livres”⁴. Era a

³ FLAUBERT, Gustave. *Carnets de travail* (Ed. estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988.

⁴ “um livro feito de livros” (FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 118, salvo indicação contrária, todas as traduções são nossas).

descrição do efeito de leitura vertiginoso que havíamos experimentado – talvez ainda sem conseguir circunscrevê-lo, sem poder ainda nomeá-lo – ao observar as escrituras machadiana e flaubertiana apontando insistentemente para outros discursos e figurando a própria literatura, numa relação crítica com os elementos do sistema literário. Parecia-nos que essa figuração crítica da literatura presente na trama ficcional, que seria decorrente da presença de livros e da literatura na ficção, poderia ser melhor vislumbrada ao lado da observação das práticas de escrita dos autores, compreendidas aqui como uma atividade que não está apartada da leitura, ou, se se quiser assim denominar, que não está apartada da biblioteca.

Parecíamos, portanto, estar diante de um interessante binômio, no qual se poderiam estudar as obras dentro da biblioteca, pensando-se nas práticas de escrita e de leitura que se operam nesse espaço com vistas à escrita das obras, e a biblioteca dentro das obras, ou seja, a ficcionalização do sistema literário que denotaria a presença crítica e patente dessa relação interdiscursiva da literatura. Eis o “objeto” a ser construído por este trabalho.

Pretendemos partir das decorrências críticas de nosso estreito diálogo com a biblioteca fantástica foucaultiana – que será perscrutada em nosso primeiro capítulo – para adentrar nas bibliotecas reais e ficcionais de ambos os autores, observando, em primeiro lugar, de que forma suas práticas de escrita e de leitura relacionam-se com o já-escrito da biblioteca discursiva, desvelando a interdiscursividade inerente a suas escrituras, no âmbito das bibliotecas particulares, pelas quais deambularemos no segundo capítulo, a fim de encontrar a obra sendo enunciada no seio da biblioteca. Em seguida, observaremos a figuração da biblioteca, efetivada por meio da inclusão na trama da ficção de elementos próprios ao livro e ao sistema literário, em verdadeiras ficcionalizações da escrita e da leitura, plasmadas a partir do recurso ao autor ficcional de Machado e ao discurso indireto livre de Flaubert, delineando escrituras autorreflexivas que trazem a biblioteca para dentro da obra e nos levam a adentrarmos em suas bibliotecas ficcionais.

Dessa forma, vê-se que pensamos, na presente dissertação, num estudo de caráter duplo, que tangencia o escopo de duas correntes críticas dos estudos literários, na medida em que estabelecemos com nosso recorte uma relação com a literatura comparada, ao escolher trabalhar com a aproximação entre dois autores, e com a crítica genética, ao pensar em observar o espaço da biblioteca dos escritores como um espaço no qual as obras são escritas. Todavia, nos afastamos de ambas as correntes críticas, se levamos em conta suas metodologias e posturas analíticas mais ortodoxas. Explicamo-nos.

No que concerne à literatura comparada, a relação com nosso trabalho é visivelmente mais problemática, conforme já apontamos nas primeiras linhas desta dissertação, uma vez que não se pretende comparar de forma tradicional as obras de Machado e Flaubert, buscando, por exemplo, as citações do escritor francês na obra do escritor brasileiro. De igual forma, também não se trata de buscar, nas bibliotecas dos escritores, de forma ampla, as fontes ou as influências de nossos autores⁵, mas de compreender as práticas de escrita destes dentro de uma relação com os outros discursos que se daria de outra forma, rejeitando toda e qualquer hierarquização entre os textos.

Desse modo, afastamo-nos das práticas metodológicas da literatura comparada por esta ainda apresentar movimentos analíticos que levam em conta uma relação unidirecional que hierarquiza de alguma forma as obras, seja partindo do texto-fonte ao texto de chegada, seja detectando no texto de chegada os intertextos que levam aos textos-fontes. Percebemos que as tentativas de abandono da antiga crítica das fontes, através da inserção de perspectivas teóricas renovadas, no que tange à relação entre discursos na literatura, passando a ver a relação dita *intertextual* como algo próprio do sistema literário, não modificaram em grande parte o cerne dos estudos de literatura comparada, visto que, por mais que se denomine de *intertexto* o que antes era *citação*, a busca da origem parece ainda figurar como um fantasma nas práticas de análise dos estudos comparatistas, como se a transformação operada no novo texto só pudesse ser julgada ao lado dessa fonte original mítica, mesmo que se perceba que

⁵ Essa linha da literatura comparada, que enseja detectar as fontes de uma obra, parece ainda perdurar de alguma forma nos estudos comparados realizados no Brasil, apesar de constituir uma antiga corrente que não é mais vista pelos próprios comparatistas como o cerne dos estudos de literatura comparada, tal como nos coloca Daniel-Henri Pageaux: “En 1931, l'intérêt se concentre sur les études de source et d'influences, 'le plus gros contingent des travaux de littérature comparée'. C'est que 'la notion d'influence est au cœur même des études de littérature comparée'. Il faut bien admettre que la littérature générale et comparée n'a plus aujourd'hui le même cœur” (“Em 1931, o interesse se concentra nos estudos de fontes e influências, ‘o maior contingente dos trabalhos de literatura comparada’. Ocorre que ‘a noção de influência encontra-se no próprio coração dos estudos de literatura comparada’. É realmente preciso admitir que a literatura geral e comparada não possui mais, atualmente, o mesmo coração”. PAGEAUX, Daniel-Henri. *La littérature générale et comparée*. Paris: Armand Colin, 1994, p. 10). Segundo depreendemos da obra do autor, os estudos comparados foram renovados pela inserção dos estudos de imagologia, dos temas, dos mitos, da morfologia, da história e do sistema literários, postura que também não seguiremos no presente trabalho: “Elle [la littérature générale et comparée] a pour penser et repenser la littérature quelques notions, quelques procédures. Certaines sont ou paraissent anciennes, d'autres ont été rajeunies, d'autres enfin ont été prises à d'autres disciplines: intermédiaires, médiation culturelle, réception, modèle, système, canon, transculturation, transposition, dialogue et rapport de force, intertextualité, littérature émergente, épigonale, longue durée, norme, forme, imaginaire social, médiation symbolique...” (“Ela [a literatura geral e comparada] possui algumas noções, alguns procedimentos para pensar e repensar a literatura. Alguns são ou parecem antigos, outros foram renovados, outros, por fim, foram tomados de empréstimo de outras disciplinas: mediadores, mediação cultural, recepção, modelo, cânone, transculturação, diálogo e relação de força, intertextualidade, literatura emergente, epigonal, longa duração, norma, forma, imaginário social, mediação simbólica...”. Ibidem, p. 167).

não há mais uma relação de superioridade-inferioridade entre o texto-fonte e o texto de chegada⁶.

Mesmo subvertendo a ordem original-secundário, percebemos ainda uma posição positivista-evolucionista nos métodos dessa literatura comparada renovada, já que agora mais do que nunca o objetivo é mostrar como a obra citante adapta de maneira magistral a obra citada às condições de sua literatura nacional, construindo algo superior à fonte e eliminando o “complexo de inferioridade” do discurso citante. Temos ainda uma relação dual e hierarquizante, na qual a segunda obra aprimora a primeira, garantindo a evolução da literatura. Esse deslocamento mínimo da ordem original-secundário, portanto, não reflete a virada ocorrida nas *epistemes* ao longo da história, ao não levar em conta o verdadeiro descentramento nessa relação dual, mantendo-se ainda na era da representação, tal como podemos depreender da observação de Perrone-Moisés a partir de um comentário de Deleuze:

Em “Platon et le simulacre”, o filósofo Gilles Deleuze caracteriza a modernidade como o momento da deposição do platonismo pela valorização do *simulacro*. [...] A deposição do platonismo na modernidade consiste em legitimar o simulacro, não como aparência igualmente legítima de essência, mas justamente como elemento perturbador da distinção essência-aparência, característica do mundo da representação. O simulacro nega o original e a cópia, o modelo prévio e sua reprodução, subvertendo todas as hierarquias e inaugurando a vertigem do descentramento.⁷

Tal é a postura de muitos dos estudos comparados realizados no Brasil, que dessa forma conseguem relacionar, de um lado, a tradição literária europeia, tratada ainda dentro das noções de fonte e influência necessárias para a formação da literatura brasileira, e, de outro, o contexto histórico-social nacional, garantidor da transformação do texto-fonte e responsável pela construção de um novo texto que eleva a literatura em formação aos patamares do cânone e da tradição literária ocidental, construindo uma literatura que supera suas fontes europeias, como podemos perceber no seguinte trecho de análise das influências francesas na obra de Machado de Assis, do crítico Gilberto Pinheiro Passos:

⁶ Para uma síntese conceitual das noções caras à literatura comparada tradicional, tais como *citação*, *fonte*, *influência*, *tradição* e *intertextualidade*, remetemos nosso leitor ao trabalho de Sandra Margarida Nitrini (NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura Comparada*. São Paulo Edusp, 1997).

⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978], p. 6 e 7, grifos do autor. Sobre as duas grandes discontinuidades ocorridas na *episteme* da cultura ocidental, a primeira por volta de meados do século XVII e a segunda no século XIX, que delimitam três grandes períodos, a saber, o período que compreende a chamada Idade Média até a Renascença, o período da Idade Clássica e o da modernidade, remetemos nosso leitor ao *Les mots et les choses* de Michel Foucault (FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966).

A alta literatura brasileira, representada por Machado de Assis, reconhece em si o germe estrangeiro, nele *se espelha*, mas, como mostramos, *adapta-o às suas necessidades de plasmação do nacional*.

Mais uma vez, Machado de Assis demonstra que o uso de *fontes estrangeiras* deve ser feito de acordo com a necessidade imperiosa de sua economia narrativa, ou seja, com as transformações que as obras brasileiras demandam.⁸

Percebemos, desse modo, que a reformulação, pela qual passou a literatura comparada, não atingiu plenamente seus métodos, sendo percebida apenas pela inserção em seu aparato teórico de teorias que contribuem para a compreensão da relação entre textos presente na literatura. A necessidade dessa atualização e de uma revisão dos pressupostos teóricos da literatura comparada foi percebida por Leyla Perrone-Moisés em um artigo escrito em 1982, no qual a autora sugere a adoção do dialogismo de Bakhtin, da intertextualidade de Julia Kristeva, das definições de tradição reformuladas por Tiniánov e Jorge Luís Borges e do antropofagismo de Oswald de Andrade, a fim de transformar os estudos comparatistas:

Entretanto, como os pressupostos em que se fundou essa disciplina, há um século e meio, não têm sido suficientemente questionados, ela se apresenta hoje com certo anacronismo, carregando, apesar das constantes tentativas de atualização, um ranço de século XIX. Enquanto os comparatistas continuam a debater-se, em nível teórico, com os mesmos problemas que ocupavam seus colegas do século XIX, *teorias mais recentes sobre a produção e a recepção da literatura estão a exigir não uma atualização superficial, reformista, dos conceitos e métodos de sua disciplina, mas uma transformação radical da mesma*.⁹

Essa transformação radical, se nos ativermos apenas ao que tange à *intertextualidade* de Julia Kristeva, nos leva a um caminho que revê a própria configuração da literatura, uma vez que “tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d’un autre texte. À la place de la notion d’intersubjectivité s’installe celle d’*intertextualité*, et le langage poétique se lit, au moins, comme *double*”¹⁰. Dessa maneira, o que era estrito a uma relação entre dois textos específicos torna-se uma relação entre toda a literatura, já que todo e qualquer texto surge a partir de uma relação com outros discursos, com outros textos. A partir do momento em que contemplamos essa relação intertextual como algo inerente ao próprio sistema literário, a relação com o já-dito passa a ser a condição *sine*

⁸ PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Cintilações francesas. Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar*. São Paulo: Nankin, 2006, p. 93 e 124, grifos nossos.

⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 91-2, grifos nossos.

¹⁰ “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade se instala a noção de *intertextualidade*, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como *dupla*” (KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969, p. 85).

qua non para a existência do discurso literário, sendo necessário o desenvolvimento de metodologias comparatistas que levem em conta essa relação interdiscursiva e abandonem o estabelecimento de relações hierárquicas entre as obras.

Percebemos, portanto, que o conceito de *intertextualidade*, com todo o seu pressuposto teórico que prevê o literário dentro de uma relação dialógica com outros discursos, agrega um novo embasamento teórico à literatura comparada, mas não muda efetivamente suas práticas metodológicas: em vez de identificar as citações e as fontes, busca-se o *intertexto*, a máxima “todo texto é um mosaico de citações” servindo apenas para corroborar a prática de busca das fontes e influências, rebatizada com o nome de *intertexto*¹¹, e culminando na análise valorativa da transformação do intertexto no novo texto¹². A mesma dinâmica é igualmente percebida na possível contribuição de Tiniánov, elencada por Perrone-Moisés, através da qual se redefiniria o que se entende por *influência*:

À noção de *influência*, Tiniánov acrescenta a de *convergência*, que ultrapassa a explicação psicológica da influência. Sobre determinado chão cultural (discursivo) podem ocorrer confluências, coincidências de temas e de soluções formais que nada têm a ver com as influências, mas com a existência de certas condições literárias em determinado momento histórico. Verificada essa possibilidade, a questão de “quem disse primeiro” torna-se inessencial.¹³

Com a noção de *convergência*, percebemos uma virada, com relação à dinâmica evolucionista e positivista das influências, para uma dinâmica puramente relacional da convergência, onde se subverte a ordem de *primeiro* e *segundo* para se estabelecer outra ordem relacional, balizada pela sincronia, onde vários discursos convergem em um único discurso. Nesse sentido, a concepção de uma literatura que se relaciona consigo mesma numa intensa rede discursiva, não podendo nenhum livro ser considerado fora dessa rede, desconsiderando-se o que já foi dito anteriormente, pode ser subentendida na noção de

¹¹ O mero rebatismo das fontes e influências parece não ser exclusividade das práticas da literatura comparada no Brasil, conforme observa Antoine Compagnon: “[...] négligeant la productivité sur laquelle Kristeva, après Bakhtine, insistait, l’intertextualité tend parfois à remplacer tout simplement les vieilles notions de ‘source’ et d’‘influence’ chères à l’histoire littéraire, pour designer les relations entre les textes” (“[...] negligenciando a produtividade acerca da qual Kristeva, a partir de Bakhtin, insistia, a intertextualidade tende às vezes a simplesmente substituir as velhas noções de ‘fonte’ e de ‘influência’, caras à história literária, a fim de designar as relações entre textos”. COMPAGNON, Antoine. *Le démon de la théorie*. Paris: Seuil, 1998, p. 118).

¹² A análise dessa transformação pela qual passa o intertexto quando este entra em nova lógica discursiva não deveria servir a nenhuma espécie de valoração entre as obras, tal como coloca Perrone-Moisés: “Para Kristeva, portanto, as ‘fontes’ deixam de interessar por elas mesmas: elas só interessam para que se possa verificar como elas foram usadas, transformadas. As ‘influências’ não se reduzem a um fenômeno simples de recepção passiva, mas são um confronto produtivo com o Outro, sem que se estabeleçam hierarquias valorativas em termos de anterioridade-posterioridade, originalidade-imitação” (PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”. *Flores da escrivania*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 94).

¹³ *Ibidem*, p. 95, grifos do autor.

convergência, principalmente se pensarmos no movimento oposto que esta pressupõe: a *dispersão*. A velha dicotomia, que relacionava discurso citante e discurso citado segundo os parâmetros de superioridade e inferioridade, poderia ser substituída não apenas por uma relação entre os termos numa via de mão dupla, mas por uma relação que mais se assemelhasse a um sistema orgânico, no qual todos os elementos relacionam-se entre si numa rede discursiva, na qual cada elemento reenvia a outro, ou, se preferirmos, cada livro reenvia a outro livro, de maneira potencialmente infinita, sem hierarquias entre os pontos da cadeia.

Essa *convergência* ou *dispersão discursiva*, vale ressaltar, não se dá apenas no nível do que é efetivamente dito, de algo que seria identificado à antiga noção de *citação explícita*. Podem ser convergentes não apenas trechos pontuais de obras diversas, mas também “certas condições literárias em determinado momento histórico” ou “soluções formais”, nas palavras já citadas de Perrone-Moisés, mostrando que essa convergência seja muito mais pulverizada do que se poderia pensar, dificultando ou até mesmo inviabilizando e invalidando a identificação dos elementos convergentes.

Desse modo, percebemos que grande parte dos estudos de literatura comparada efetuados no Brasil leva em conta a revisão conceitual, tal qual esta foi proposta por Perrone-Moisés, operada pela inclusão da noção de *intertextualidade*, mas, contraditoriamente, aborda a *intertextualidade* de seus objetos como um fenômeno relacional intrínseco às duas obras estudadas e, apesar de ver a continuação de uma obra em outra, acaba por tomar cada obra dentro de seus próprios limites, divergindo em muito do que seria condizente com este novo conceito, já que “a primeira condição para a intertextualidade é que as obras se dêem como inacabadas, isto é, que elas permitam e solicitem um prosseguimento”¹⁴, e esquecendo que “entende-se por intertextualidade este trabalho constante de cada texto com relação aos outros, esse imenso e incessante diálogo entre obras que constitui a literatura”¹⁵.

Percebe-se, assim, a existência de um descompasso entre as práticas da literatura comparada e suas novas teorias, tal como observa Sandra Nitrini, ao comentar as contribuições teóricas e metodológicas do projeto *Léryy-Assu*, encabeçado por Leyla Perrone-Moisés e desenvolvido de 1978 a 1990 na Universidade de São Paulo, visando inserir a teoria da *intertextualidade* no Brasil e coaduná-la ao *antropofagismo* oswaldiano:

Embora seja incontestável a contribuição que esses trabalhos acadêmicos trouxeram para os estudos das relações entre as literaturas brasileira e francesa, além de realizarem um inestimável levantamento

¹⁴ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978], p. 81.

¹⁵ *Ibidem*, p. 68.

histórico-documental, o projeto Léryy-Assu apresentou, na sua concretização, uma pequena parcela de renovação de estudos comparatistas, em termos de apropriação de seus inovadores pressupostos teóricos. Os autores das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento acabaram realizando, em sua maioria, uma boa literatura comparada tradicional.¹⁶

Preferimos, portanto, não utilizar no presente trabalho o termo *intertextualidade*, visto este ser marcado por esse descompasso entre teoria e método ainda presente nos atuais estudos de literatura comparada. Ao propor o estudo da biblioteca enquanto lugar de uma prática de escrita que leva em conta uma relação não hierárquica entre os discursos, preferimos falar aqui apenas em *interdiscursividade*, na tentativa de caracterizar essa relação sem se aliar a nenhuma postura crítica preexistente. Ao falar em *interdiscursividade*, pensamos não numa relação de um texto se apropriando de outro, mas no conjunto de discursos já-ditos relacionando-se entre si numa intensa trama, não prevendo nenhuma espécie de hierarquização entre seus elementos. Aqui, a melhor imagem seria a de uma rede, como propusemos acima, ao falar de convergência e dispersão, na qual cada ponto está intrinsecamente ligado aos outros, não se podendo desconectar nenhuma junção sem comprometer o todo da rede. Nesse sentido, pensamos na noção de *dispersão discursiva*¹⁷ proposta por Michel Foucault em sua *Archéologie du savoir*, da qual se depreende uma nova abordagem para as relações a serem estabelecidas entre os discursos, tal como nos coloca o filósofo francês ao falar sucintamente sobre o discurso clínico:

On peut dire que cette mise en relation d'éléments différents (dont certains sont nouveaux, d'autres préexistants) est effectuée par le discours clinique: c'est lui en tant que pratique qui instaure entre eux tous un système de relations qui n'est pas "réellement" donné ni constitué par avance; et s'il a une unité, si les modalités d'énonciation qu'il utilise, ou auxquelles il donne lieu, ne sont pas simplement juxtaposées par une série de contingences historiques, c'est qu'il met en œuvre de façon constante *ce faisceau de relations*.¹⁸

¹⁶ NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura Comparada*. São Paulo Edusp, 1997, p.273.

¹⁷ "D'une façon paradoxale, définir un ensemble d'énoncés dans ce qu'il a d'individuel consisterait à *décrire la dispersion de ces objets*, saisir tous les interstices qui les séparent, mesurer les distances qui règnent entre eux, – en d'autres termes formuler leur loi de répartition" ("De uma maneira paradoxal, definir um conjunto de enunciados em sua individualidade consistiria em *descrever a dispersão desses objetos*, compreender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que existem entre eles, – por outras palavras, formular sua lei de repartição". FOUCAULT, Michel. *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 50, grifos nossos).

¹⁸ "Pode-se dizer que esse relacionamento de elementos diferentes (dos quais alguns são novos, outros preexistentes) é efetuado pelo discurso clínico: é ele, enquanto prática, que instaura entre todos eles um sistema de relações que não é 'realmente' dado nem constituído anteriormente; e se existe uma unidade, se as modalidades de enunciação que ele utiliza, ou que ele produz, não são simplesmente justapostas por uma série de contingências históricas, é porque ele coloca em prática de modo constante esse *feixe de relações*" (Ibidem, p. 76, grifos nossos).

Com as noções de *dispersão* e *rede* ou *feixe discursivo*, Foucault propõe que se contemplem os discursos dentro de uma rede relacional que opera uma difusão, visto que cada elemento-discurso da rede reenvia a outros numa relação que poderia estender-se *ad infinitum*. Num viés estruturalista, cada discurso dessa rede adquire significação apenas por oposição aos outros elementos, não podendo ser concebido fora dela, numa definição relacional que denota muitos pontos de contato com a noção de *valor* estabelecida por Ferdinand de Saussure no *Cours de linguistique générale*¹⁹. No entanto, nota-se que essa nova trama de discursos não é algo preexistente ao momento enunciativo, uma vez que ela só é tecida quando de um evento discursivo, já que este vai mobilizar e agenciar os discursos disponíveis para poder existir, para poder ser enunciado. Dessa maneira, os discursos só poderiam ser compreendidos dentro desse feixe relacional que torna sua enunciabilidade possível no interior de uma dada ciência, isto é, que torna possível sua própria existência, sua formação:

Or cette dispersion elle-même – avec ses lacunes, ses déchirures, ses enchevêtrements, ses superpositions, ses incompatibilités, ses remplacements et ses substitutions – peut être décrite dans sa singularité si on est capable de déterminer les règles spécifiques selon lesquelles ont été formés objets, énonciations, concepts, options théoriques: si unité il y a, elle n'est point dans la cohérence visible et horizontale des éléments formés; elle réside, bien en deçà, *dans le système qui rend possible et régit leur formation*²⁰.

Nesse ponto, poderíamos novamente entrever uma noção de literatura que levasse em conta essa relação tensional entre discursos e que, em vez de *intertextualidade*, pensasse nessa *dispersão* e nessa rede relacional inerente à interdiscursividade estabelecida *no e através do* discurso literário, encarado como um campo de forças que tensiona os discursos já-ditos. Dispersão que, como vimos, é a própria condição prévia para a existência desse discurso, visto ser dentro desse sistema que a literatura se constrói, não existindo literatura possível fora dessa relação interdiscursiva. Essa relação que ocorre entre a literatura e outros discursos – pertencentes tanto a outras áreas do saber como à própria literatura – é reveladora de outra característica do discurso literário: a *permeabilidade discursiva*, da qual nos fala Juan Rigoli ao observar que vários discursos científicos, como é o caso do discurso médico e do discurso da psicanálise ainda em formação, fizeram uso da literatura para se construir como ciência,

¹⁹ SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969 [1916].

²⁰ “Ora, esta dispersão – com suas lacunas, suas feridas, seus encavalamentos, suas superposições, suas incompatibilidades, seus remanejamentos e suas substituições – pode ser descrita em sua singularidade se se for capaz de determinar as regras específicas segundo as quais foram formados objetos, enunciações, conceitos, opções teóricas: se existe unidade, ela não está na coerência visível e horizontal dos elementos formados; ela reside, bem aquém, *no sistema que torna possível e rege sua formação*” (FOUCAULT, Michel. *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 99, grifos nossos).

percebendo que a relação entre a literatura e os outros campos do saber se dá numa via de mão dupla e é pautada por essa permeabilidade²¹. Percebe-se que as noções de dispersão e permeabilidade literárias apontam não apenas para a continuação de uma obra em outras – ideia que configura o próprio conceito de rede discursiva – e seu decorrente inacabamento, mas também para a instabilidade do texto literário, apontando para uma relação entre discursos não hierárquica e até mesmo pulverizada.

A partir das diversas reformulações propostas para os estudos comparatistas e operando-se uma verdadeira mudança epistemológica, como vimos, coloca-se aos estudos literários a possibilidade de se desenvolver novas formas de abordagem dessa relação interdiscursiva. Propomos, pois, em nosso estudo, a observação dessa interdiscursividade não hierárquica dentro de práticas de escrita específicas, que parecem estar de alguma maneira ligadas ao espaço da biblioteca e estar na base de um efeito de leitura também específico, do qual falamos nas primeiras linhas deste trabalho. Buscamos compreender, portanto, o significado de a obra machadiana e flaubertiana arrolarem práticas de escrita distintas, porém diretamente marcadas por uma relação interdiscursiva que não se quer velada, dando-se a ver escrituras que se relacionam com a própria literatura de forma crítica, ao que poderíamos chamá-las de autorreflexivas ou autorreferenciais.

Temos consciência, todavia, de que se poderia objetar que essa prática escritural e seus aspectos autorreflexivos ou autorreferenciais são passíveis de serem observados em qualquer autor, a partir do momento em que identificamos essa relação interdiscursiva como sendo inerente ao próprio discurso literário, tal qual nos coloca Perrone-Moisés:

O inter-relacionamento de discursos de diferentes épocas ou de diferentes áreas lingüísticas não é novo, podemos mesmo dizer que ele caracteriza desde sempre a atividade poética. Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da e na literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado com a Bíblia, com os textos greco-latinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviam de modelo estrutural e de fonte de “citações”, personagens e situações (*A Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, *Dom Quixote*, etc.).²²

²¹ RIGOLI, Juan. *Lire le délire. Aliénisme, rhétorique et littérature en France au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 2001. Sobre esse mesmo assunto, também remetemos nosso leitor ao primeiro capítulo do livro de Verónica Galíndez Jorge (GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Fogos de artifício. Flaubert e a escritura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009), onde a autora sintetiza a relação entre discurso médico e literatura no século XIX, a partir da leitura da alucinação efetuada na obra flaubertiana.

²² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978], p. 62, sublinhas nossas.

Poderíamos responder a essa objeção fazendo algumas considerações. Ressaltaríamos, primeiramente, e lembrando mais uma vez as palavras de Leyla Perrone-Moisés, que a observação dessa característica própria do sistema literário coloca-se de forma vital para uma crítica que não vê mais a obra literária como um objeto acabado, sendo portanto um problema de extremo interesse para a crítica atual:

*Perdidas a unidade do texto e a de sua leitura, a crítica se depara, mais do que nunca, com o problema das relações entre diferentes discursos, entre diferentes textos. Alusões, citações, paródias, pastiches, plágios inserem-se agora na própria tessitura do discurso poético, sem que seja possível destrinchá-lo daquilo que lhe seria específico e original.*²³

Em segundo lugar, para além de refletir um problema com o qual a crítica atual fatalmente se defronta, não escolhemos os dois autores por acaso. Ambos se localizam numa espécie de divisor de águas das literaturas das quais fazem parte. Fazemos referência aqui à problematização que a literatura passa a empreender com relação à linguagem e que é localizada por Roland Barthes em meados do século XIX com o surgimento da escritura, advinda de uma ruptura com a escrita burguesa e com a retórica²⁴. Esse advento da escritura é associado pelo próprio Roland Barthes à escritura flaubertiana, tida como um dos marcos de uma literatura que se torna objeto da própria literatura, ou seja, se torna literatura-objeto, além de pautar-se pelo valor-trabalho de um artesanato do estilo²⁵:

L'écriture classique a donc éclaté et la Littérature entière, de Flaubert à nos jours, est devenue une problématique du langage.

C'est à ce moment même que la Littérature (le mot est né peu de temps avant) a été consacrée définitivement comme un objet.

[...]

Flaubert – pour ne marquer ici que les moments typiques de ce procès – a constitué définitivement la Littérature en objet, par l'avènement d'une valeur-travail: la forme est devenue le terme d'une "fabrication", comme une

²³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978], p. 62, grifos nossos.

²⁴ Seguimos no presente trabalho a definição de escritura desenvolvida por Roland Barthes no *Degré zéro de l'écriture* (BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture, suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972). Sabendo que este é um conceito que sofre alterações ao longo da obra barthesiana, sobretudo no que tange à definição das fronteiras entre escritura e estilo, nos restringimos aos postulados oferecidos nessa obra inaugural de Barthes. Para uma análise dessa noção e suas redefinições no conjunto da obra do crítico, remetemos ao segundo capítulo do livro *Texto, crítica, escritura* (PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit.).

²⁵ Utilizamos aqui a terminologia fazendo explícita referência ao capítulo "L'artisanat du style" do já citado livro de Roland Barthes (BARTHES, Roland. Op. cit.), no qual o autor disserta sobre o advento do valor-trabalho à literatura e da elaboração de uma "imagerie de l'écrivain-artisan" ("imaginária do escritor-artesão". Ibidem, p. 50), da qual Flaubert seria o representante mais expressivo, já que este fundou a escritura artesanal: "Flaubert, avec le plus d'ordre, a fondé cette écriture artisanale" ("Flaubert, com mais rigor, fundou essa escritura artesanal". Ibidem, p. 51).

poterie ou un joyau (il faut lire que la fabrication en fut “signifiée”, c’est-à-dire pour la première fois livrée comme spectacle et imposée).²⁶

No caso de Machado de Assis, apesar de este não apresentar em sua escritura algo que possamos chamar de artesanato do estilo, nos termos barthesianos, parece-nos que o autor também se localiza numa certa ruptura com as práticas de escrita que lhe eram diretamente anteriores e com o caráter representativo-referencial da linguagem, havendo, pois, a colocada da literatura como próprio objeto do literário e essa problematização com relação à linguagem da qual nos fala Barthes, fazendo com que a literatura assumisse um caráter crítico consigo mesma e questionasse, inclusive, as condições de existência da própria literatura brasileira, como veremos ao longo desta dissertação. Ambos os autores fariam parte de práticas de escrita diversas, mas que assumiriam efeitos de leitura que nos parecem muito semelhantes, conforme se enseja aqui apontar.

Parece-nos, igualmente, que essa autorreflexividade, apesar de constituir uma prática antiga, presente na literatura talvez desde sempre, ganha um caráter preponderantemente crítico e sistemático no século XIX:

Portanto, a intercomunicação dos discursos não é algo novo. O que é novo, a partir do século XIX, é que esse inter-relacionamento apareça como algo sistemático, assumido implicitamente pelos escritores, e que o recurso a textos alheios se faça sem preocupação de fidelidade (imitação), ou de contestação simples (paródia ridicularizante), sem o estabelecimento de distâncias claras entre o original autêntico e a réplica, sem respeito a qualquer hierarquia dependente da “verdade” (religiosa, estética, gramatical). O que é novo é que essa assimilação se realize em termos de reelaboração ilimitada da forma e do sentido, em termos de apropriação livre, sem que se vise o estabelecimento de um sentido final (coincidente ou contraditório com o sentido do discurso incorporado).²⁷

Nesse sentido, percebemos que a noção de escritura, definida por Barthes como algo que articula esse caráter de autorreflexividade ao aspecto de problematizador da linguagem que a literatura adquire em meados do século XIX, parece se aproximar em muito da análise das obras de Machado e Flaubert que nos propomos operar aqui, uma vez que tais

²⁶ “A escritura clássica, então, cindiu-se e toda a Literatura, de Flaubert até os nossos dias, tornou-se uma problemática da linguagem. Foi nesse mesmo momento que a Literatura (a palavra nascera pouco tempo antes) consagrou-se definitivamente como um objeto. [...] Flaubert – para apontar aqui apenas os momentos típicos desse processo – instituiu definitivamente a Literatura como objeto, através do advento de um valor-trabalho: a forma tornou-se o objetivo de uma ‘fabricação’, como uma porcelana ou uma joia (é necessário compreender que a fabricação foi por ele ‘significada’, ou seja, pela primeira vez ela foi dada e imposta como espetáculo)” (BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l’écriture, suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972, p. 10 e 11).

²⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978], p. 63.

características escriturais dos autores parecem estar ligadas à forma como estes se relacionam com os discursos alheios, apontando para uma relação crítica da literatura consigo mesma.

Já no que respeita à crítica genética, acabamos por tocar em seu escopo de estudo ao abordar as bibliotecas reais dos escritores como o lugar das práticas de leitura que permitem a existência de práticas de escrita determinadas, como o lugar que fornece as condições de enunciabilidade das obras. Observando o espaço da biblioteca como o lugar onde as obras são escritas, fica incontornável não pensar ou não falar aqui em “criação” literária, objeto da crítica genética.

A palavra criação aparece nos estudos de crítica genética podendo ser aproximada às metáforas de cunho organicista, usadas para abordar o momento da criação e seu produto, tais como “*naissance du texte*”, “*gestation, enfantement, engendrement, parturition, embryon, avorton*”, “*arbres*”, “*parentés*”, “*ramifications*”²⁸, nas quais subjaz a ideia de um escritor que seja à imagem de Deus. Segundo Almuth Grésillon, ao lado desse grupo, encontramos nas teorias acerca da criação outro conjunto, de cunho construtivista, com metáforas tais como “*la coulisse*”, “*l’atelier*”, “*le laboratoire*”, “*le chantier*”, “*la fabrique*”, “*l’industrie*”²⁹, que ao lado das primeiras constituem o campo sobre o qual a crítica genética trabalha, operando uma conjunção entre ambos. Vê-se que, apesar da estranha união entre *construção* e *gestação*, a noção de uma criação *ex nihilo* permeia os estudos tradicionais dessa ciência dos estudos literários. No entanto, não pretendemos empregar, neste trabalho, o termo “criação” remetendo a uma acepção romântica, que prevê uma criação a partir do nada, ligada a uma possível inspiração de genialidade divina. Quando falamos aqui em “criação”, o faremos sempre entre aspas, visando apontar nossa postura de crítica com relação ao termo muitas vezes empregado pela crítica genética dentro da expressão “processos de criação literária”³⁰, pressupondo que haveria a possibilidade e a necessidade de se reestabelecer o percurso desse processo a partir das marcas deixadas pelos bastidores da criação, numa empreitada

²⁸ “*nascimento do texto*”, “*gestação, parto, geração, parição, embrião, aborto*”, “*árvores*”, “*parentescos*”, “*ramificações*” (GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994, p. 8-9, grifos do autor).

²⁹ “*o bastidor*”, “*o ateliê*”, “*o laboratório*”, “*o canteiro*”, “*a fábrica*”, “*a indústria*” (Ibidem, loc. cit., grifos do autor).

³⁰ Sobre a crítica à noção de processo, remetemos o leitor à obra *Escrever sobre escrever* (PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007), e para as implicações concernidas na palavra criação, principalmente no que se refere a sua aproximação com a teoria de criação *ex nihilo* bíblica e às outras possibilidades de se encarar a criação nos manuscritos, remetemos ao capítulo “As origens culturais do conceito de criação e o nascimento da escritura” (WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999, p. 61-94), além do capítulo “A criação do texto literário” (PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivania*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 100-10).

arqueológica de reconstrução da totalidade cronológica do trajeto criacional, tal como alguns geneticistas, ainda arraigados às práticas iniciais dessa ciência, pontuam ser o objetivo da crítica genética:

Seu [da crítica genética] objeto de estudo é o *caminho percorrido pelo artista* para chegar (ou quase sempre chegar) à obra entregue ao público. Esta crítica é o estudo do *processo criativo* a partir das marcas deixadas pelo próprio artista ao longo deste processo. A crítica genética *refaz*, com o material que possui, os diferentes momentos da gênese da obra, com a intenção de *reconstruir* e compreender o processo criativo.³¹

Desse modo, nos afastamos dessa corrente mais ortodoxa da crítica genética³² e nos aproximamos de outra vertente, que prevê a possibilidade de se pensar a “criação” como o momento em que se colocam as condições de enunciabilidade da obra, contemplada dentro de práticas de escrita específicas. Essa proposta de se pensar em práticas de escrita a partir da crítica genética não é algo corrente nos estudos mais tradicionais dessa ciência, constituindo-se, contudo, numa perspectiva que vem sendo defendida teoricamente nas últimas décadas pelos recentes trabalhos desenvolvidos na área³³.

Quando falamos aqui em biblioteca pensamos, portanto, não num lugar de seara da “criação”, onde se recuperam os traços dos processos criacionais, mas como o lugar do desenvolvimento de práticas de leitura e de práticas de escrita, base de uma relação interdiscursiva vertiginosa que será extrapolada pela própria ficção. Ao falarmos de relação interdiscursiva presente na literatura, pensando no espaço da biblioteca, estamos refletindo não apenas acerca da forma pela qual uma obra particular é gerada, acerca de sua gênese, estando dentro do campo da crítica genética, mas também estamos refletindo acerca das condições de surgimento do próprio discurso literário, assim como Foucault pensou em mostrar as condições de surgimento e de enunciabilidade de uma *episteme*, de um campo do saber, em sua *Archéologie du savoir*³⁴. Pensamos, pois, na enunciabilidade possível das obras de Flaubert e Machado a partir das práticas empreendidas na biblioteca.

Entretanto, antes de adentrarmos nas escrituras e nas práticas de escrita de Flaubert e Machado, origens do efeito de leitura que desencadeou o presente trabalho, é necessário

³¹ SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação*. São Paulo, Educ, 2000 [1992], p. 31-2, grifos nossos.

³² Para uma teorização mais detida acerca dessa crítica genética tradicional, bem como uma síntese de seus principais conceitos e métodos, remetemos nosso leitor à obra de Grésillon (GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994).

³³ Para um desenvolvimento teórico acerca dessa nova abordagem em crítica genética, remetemos ao já citado *Escrever sobre escrever* (PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007).

³⁴ FOUCAULT, Michel. *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

percorrer algumas etapas prévias, definindo em primeiro lugar de que biblioteca falamos quando usamos a expressão foucaultiana *biblioteca fantástica*, explicitando, em seguida, o que esta implica na abordagem das bibliotecas reais como o lugar de uma enunciabilidade empreendida a partir de práticas de escrita e de leitura.

CAPÍTULO I: A BIBLIOTECA FANTÁSTICA FOUCAULTIANA E A ENUNCIABILIDADE LITERÁRIA

“Pour rêver, il ne faut pas fermer les yeux, il faut lire”

Michel Foucault, “La bibliothèque fantastique”

O trabalho empreendido durante as campanhas redacionais de uma obra não se limita à relação entre um *scriptor*³⁵ forjado *no e através do* processo da escrita e a página em branco. Esse intenso processo, já tão estudado pela crítica genética, que inclui rascunhos, rasuras, leituras e cópias dos manuscritos, é apenas uma das facetas da chamada “criação” literária e, vale a pena reforçar, não começa em um *ex nihilo* de uma página branca. Da mesma maneira pela qual consentimos em afirmar que a “criação” literária não se dá num único lance de inspiração romântica – mimetizado em manuscritos limpos, sem rasuras, correlatos da formação de um *éthos* romântico – mas que, ao contrário, a “criação” só se produz dentro de um verdadeiro artesanato do estilo³⁶, temos que admitir que essa empresa escritural não começa apenas quando o escritor pega em sua pena para escrever. Nesse caso, teríamos que aceitar que em algum momento haveria o surgimento de uma ideia inspirada que levaria o escritor a decidir entrar na aventura da escrita. De forma oposta, consideramos que há um trabalho, anterior às campanhas escriturais, que é determinante e inerente à enunciabilidade possível de uma obra e que reaparece de forma vital na escritura. E esse trabalho seria desenvolvido em um espaço privilegiado: a biblioteca do escritor.

Atualmente, o interesse pelas bibliotecas dos escritores se tem feito observar através de trabalhos de catalogação, conservação e manutenção do acervo dos autores e de estudos realizados no âmbito da crítica genética, que pretendem observar, por exemplo, determinados aspectos do acervo ou as notas feitas pelo escritor na margem dos livros, na chamada

³⁵ Utilizamos aqui o termo a partir da acepção que Philippe Willemart lhe confere em *Universo da criação literária* (WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993) como uma instância que se constrói ao longo e através das campanhas escriturais de uma obra, não existindo antes da imersão na escritura. O *scriptor* seria *forjado* pela escrita na medida em que ele se deixa falar pela linguagem e pela escrita, já que há algo que ele não controla nesse processo escritural. Nesse sentido, não é possível afirmar que o *scriptor* se forja na escrita, uma vez que ele não é inteiramente sujeito desse fazer, mas sim *assujeitado* em parte à escrita. Conforme se verá neste capítulo, percebe-se que empregamos o termo fazendo referência não à existência de um sujeito regulador da escrita, nem à construção de uma possível subjetividade através da mesma, mas a uma instância discursiva, a partir do deslocamento que operamos em direção às teorias da função autor de Foucault e da escritura de Barthes.

³⁶ Sobre as noções de “criação” e “artesanato de estilo”, remetemos o leitor à introdução deste trabalho.

marginália. A biblioteca é também vista por alguns como um testemunho das leituras efetivadas pelo autor, como prova da erudição do escritor e como um lugar privilegiado para se buscar as “fontes” de sua obra, *trouvaille* tão cara a uma das vertentes da literatura comparada, conforme expusemos anteriormente³⁷.

Entre um lugar onde se pode passear por objetos carregados de fetiche, já que pertenceram e foram lidos pelo tão admirado escritor, e um lugar transmutado em mina de ouro, da qual se pretende garimpar alguma descoberta inédita, a biblioteca do escritor é um espaço que testemunha a existência de práticas de leitura e de escrita determinantes para a enunciação das obras literárias. Longe de esconder as “fontes” utilizadas pelo autor, ela contém em si a representação de um fenômeno somente observável no discurso literário: a união de vários livros em um só espaço, a união de discursos díspares em um único discurso. Essa imagem, observada por Michel Foucault em sua *biblioteca fantástica*³⁸, seria representativa desse amálgama discursivo decorrente de um processo intenso e trabalhoso de intermináveis leituras efetivadas, tendo em vista uma espécie de documentação necessária ao fazer literário. Desse modo, a enunciabilidade literária dar-se-ia apenas a partir dessa relação interdiscursiva e não mais a partir de uma página em branco. O processo de pesquisa e de documentação estaria intrinsecamente ligado ao que se poderia chamar de “criação” literária, incluindo aí não apenas as pesquisas efetivadas através das leituras, mas também as pesquisas de campo, as viagens empreendidas pelos escritores, que agregam não somente informações pontuais, mas que são também determinantes para as construções imagéticas e discursivas de suas obras.

O trabalho artesanal da escrita começaria, então, na biblioteca do escritor, onde este entraria em contato com um vasto mundo discursivo e operaria práticas de leitura e de escrita específicas. A importância desse processo de leituras é testemunhada de forma inquestionável pelo *modus operandi* da construção literária flaubertiana e pela patente relação interdiscursiva presente na obra machadiana. Não se trata apenas de reforçar aqui um fato já bastante

³⁷ É o caso, por exemplo, do trabalho da equipe coordenada por Telê Ancona Lopez, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, que se debruça sobre a biblioteca e os processos escriturais de Mário de Andrade, ilustrando os dois tipos elencados de estudo acerca de acervos pessoais. Para uma descrição sucinta desse trabalho e um apanhado geral de suas principais balizas crítico-analíticas, remetemos o leitor ao artigo publicado na revista *Ciência & Cultura* (LOPEZ, Telê Ancona. “A criação literária na biblioteca do escritor”. In: *Cienc. Cult.*. São Paulo, v. 59, nº 1, 2007, p. 33-37. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul 2008).

³⁸ FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 103-122.

conhecido, a saber, o grande número de leituras efetuadas pelos autores em suas bibliotecas³⁹, visando diretamente ou não a escrita de suas obras, nem de lembrar, no caso específico de Flaubert, a quantidade de notas feitas a cada leitura, num verdadeiro fichamento de citações, e suas listas de livros lidos, que podem ser contempladas nos *Carnets de travail*⁴⁰, mas de sublinhar a existência de uma verdadeira sistemática de trabalho de pesquisa bibliográfica – muito próxima da realizada por nós, críticos literários pesquisadores –, empreendida antes das campanhas escriturais. Esse trabalho, vale a pena salientar, recobre vários campos do saber, não se limitando de forma alguma ao literário. Assim sendo, o espaço da biblioteca é facilmente identificável a um lugar ao qual o escritor vai em busca de uma erudição necessária enquanto substrato para a escrita do discurso ficcional.

No entanto, como podemos compreender essa erudição? Como uma simples busca pela documentação? E será que podemos encarar essa pretensa erudição como um substrato para a “criação”? De que forma biblioteca e enunciabilidade literária se relacionariam? Que tipo de relação interdiscursiva é operada nesse espaço? Longe de querer aqui responder e esgotar esses questionamentos, pretendemos dissertar acerca das decorrências dessas questões a partir de alguns críticos pontuais. Para tanto, em primeiro lugar, abordaremos o que chamamos de *biblioteca fantástica*, a fim de definir melhor qual é a relação entre discursos vislumbrada na biblioteca, e, em segundo lugar, expandiremos essa questão através de uma reflexão acerca da relação entre biblioteca e erudição.

No texto “La bibliothèque fantastique”, no qual Michel Foucault analisa a obra flaubertiana *La tentation de saint Antoine*, o filósofo francês, ao observar o fato de que o incomum romance de Flaubert solicitava um grande número de referências a outros discursos, percebe que, apesar das infindáveis leituras efetivadas para a composição da suposta hagiografia de Santo Antônio, o escritor se afastava de uma pretensa relação referencial com os discursos lidos e fazia explodir seu próprio discurso romanesco ao incluir indiscriminadamente um desfile de figuras míticas do imaginário oriental.

Ao incluir em sua obra, de forma vertiginosa, elementos advindos de outros discursos, Flaubert constrói um livro feito de outros livros, erigindo o que Foucault identificaria, anos depois, como uma *biblioteca fantástica*. Essa abordagem foucaultiana da

³⁹ Para o acesso à lista de livros pertencentes às bibliotecas pessoais de Machado de Assis e Gustave Flaubert, remetemos nosso leitor, respectivamente, às obras *A biblioteca de Machado de Assis* e *La bibliothèque de Flaubert* (JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001; LECLERC, Yvan (dir.). *La Bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001).

⁴⁰ FLAUBERT, Gustave. *Carnets de travail* (Ed. estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988.

biblioteca a coloca, portanto, como o lugar em potencial para o amálgama de todos os discursos já-escritos, visto não como o acúmulo banal de erudição, mas como o espaço de um imaginário que se encontra no interstício dos livros, entre uma lombada e outra, ou, para parafrasear a expressão do filósofo francês, no entretextos dos livros: “L’imaginaire ne se constitue pas contre le réel pour le nier ou le compenser; il s’étend entre les signes, de livre à livre, dans l’interstice des redites et des commentaires; il naît et se forme dans *l’entre-deux des textes*. C’est un phénomène de bibliothèque”⁴¹.

O fenômeno de biblioteca, portanto, pressupõe a retomada e a reescrita incessante dos discursos já-escritos, numa relação escritural que não se faz fora da própria instituição literária, constituindo não uma enciclopédia dos saberes humanos, mas um “onirisme érudit”⁴². A biblioteca seria o conjunto dos discursos que faria o escritor sonhar, no sentido de que estes discursos já-escritos povoariam de alguma maneira seu imaginário, para que este possa “criar” sua obra a partir deles, numa espécie de reescritura da biblioteca que se quer também extensão da própria biblioteca:

[*La Tentation*] C’est moins un livre nouveau, à placer à côté des autres, qu’une oeuvre qui s’étend sur l’espace des livres existants. Elle les recouvre, les cache, les manifeste, d’un seul mouvement les fait étinceler et disparaître. Elle n’est pas seulement un livre que Flaubert, longtemps, a rêvé d’écrire; elle est le rêve des autres livres: tous les autres livres, rêvants, rêvés, – repris, fragmentés, déplacés, combinés, mis à distance par le songe, mais par lui aussi rapprochés jusqu’à la satisfaction imaginaire et scintillante du désir. Après, *Le Livre* de Mallarmé deviendra possible, puis Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges. La bibliothèque est en feu.⁴³

É interessante notar que essa relação interdiscursiva operada no espaço da biblioteca, além de ser constitutiva da enunciabilidade literária, rejeita qualquer tipo de hierarquização, já que ela reflete uma característica do próprio espaço físico de uma biblioteca, no qual os livros de um acervo pessoal podem ser organizados de forma livre, sendo este o lugar onde todos os discursos em potencial encontram-se dividindo o mesmo espaço. A biblioteca torna-se, então,

⁴¹ “O imaginário não se constitui contra o real a fim de negá-lo ou de compensá-lo; ele se estende entre os signos, de livro a livro, no interstício das repetições e dos comentários; ele nasce e se forma *no intervalo dos textos*. É um fenômeno de biblioteca” (FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 106, grifos nossos).

⁴² “onirismo erudito” (Ibidem, loc. cit.).

⁴³ “[*A Tentação*] É menos um livro novo, a ser colocado ao lado dos outros, que uma obra que se estende sobre o espaço dos livros existentes. Ela os recobre, os esconde, os manifesta, de um único movimento os faz brilhar e desaparecer. Ela não é somente um livro que Flaubert, por muito tempo, sonhou escrever; ela é o sonho dos outros livros: todos os outros livros, sonhadores, sonhados, – retomados, fragmentados, deslocados, combinados, afastados pelo sonho, mas por ele igualmente aproximados até a satisfação imaginária e cintilante do desejo. Depois, *O Livro* de Mallarmé se tornará possível, em seguida Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges. A biblioteca está em chamas” (Ibidem, p. 106-7, sublinhas nossas).

um lugar de estabelecimento de relações múltiplas, tanto apenas entre os seus elementos, quanto entre o sujeito que a frequenta e seus elementos, revelando que “l’espace se donne à nous sous la forme de relations d’emplacements”, onde “l’emplacement est défini par les relations de voisinage entre points ou éléments”⁴⁴.

A relação a ser estabelecida entre os discursos torna-se, portanto, vertiginosa, visto ser infinita. E é essa relação vertiginosa que Foucault observa na própria trama ficcional de *La tentation de saint Antoine* e de *Bouvard & Pécuchet*, já que esses livros, ao reenviarem a uma quantidade enorme de outros discursos, abririam a possibilidade de se entrever toda a biblioteca, na medida em que eles são escritos a partir do já-escrito:

On comprend comment *La Tentation* peut être le livre des livres: elle compose en un “volume” une série d’éléments de langage qui ont été constitués à partir des livres déjà écrits, et qui sont, par leur caractère rigoureusement documentaire, la redite du déjà dit; la bibliothèque est ouverte, inventoriée, découpée, répétée et combinée dans un espace nouveau: et ce “volume” où Flaubert la fait entrer, c’est à la fois l’épaisseur d’un livre qui développe le fil nécessairement linéaire de son texte et un défilé de marionnettes qui ouvre sur toute une profondeur de visions emboîtées.⁴⁵

Ao reenviar a outros discursos, a obra de Flaubert apresentaria a mesma característica que uma biblioteca possui, a saber, a união de tempos múltiplos em um único espaço, tal como expõe Foucault ao definir o espaço da biblioteca como uma heterotopia, como um lugar que estabelece uma relação dúbia com todos os outros lugares, uma vez que as heterotopias são

[...] des lieux réels, des lieux effectifs, des lieux qui sont dessinés dans l’institution même de la société, et qui sont des sortes de contre-emplacements, sortes d’utopies effectivement réalisées dans lesquelles les emplacements réels, tous les autres emplacements réels que l’on peut trouver

⁴⁴ “o espaço se nos apresenta sob a forma de relações de posicionamentos”, onde “o posicionamento é definido pelas relações de proximidade entre pontos ou elementos” (FOUCAULT, Michel. “Des espaces autres” [Conférence au Cercle d’études architecturales, 14 mars 1967]. *Dits et écrits IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 1994 [1984], p. 754 e 753). Traduzimos nesse trabalho *emplacement* por *posicionamento* visto que, na citada conferência, Foucault estabelece uma distinção entre o espaço da localização (*localisation*), próprio da *episteme* da Idade Média, a extensão (*l’étendue*), própria da *episteme* inaugurada por volta do século XVII, e o posicionamento (*emplacement*), próprio da *episteme* da época atual. Ressalta-se que a localização medieval pressupunha uma relação hierárquica entre os lugares, aspecto inexistente no posicionamento, onde os elementos parecem definir-se pela relação que estabelecem com os outros, em sua proximidade ou em sua distância.

⁴⁵ “Compreende-se como *A Tentação* pode ser o livro dos livros: ela compõe em um ‘volume’ uma série de elementos de linguagem que foram constituídos a partir de livros já-escritos, e que são, devido a seu aspecto rigorosamente documentário, a repetição do já-dito; a biblioteca está aberta, inventariada, recortada, repetida e combinada num novo espaço: e esse ‘volume’ onde Flaubert a faz entrar é, ao mesmo tempo, a dimensão de um livro que desenrola o fio necessariamente linear de seu texto e um desfilar de marionetes que se abrem para toda uma profundidade de visões articuladas” (Idem. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 118, sublinhas nossas).

à l'intérieur de la culture sont à la fois représentés, contestés et inversés, des sortes des lieux qui sont hors de tous les lieux, bien que pourtant ils soient effectivement localisables.⁴⁶

Nesses lugares localizáveis mas fora de todos os lugares possíveis, espaços isolados mas também abertos, Foucault entrevê a característica de aglutinação de tempos diversos em um só lugar, aspecto observável nas bibliotecas, que rompem com o tempo tradicional ao permitir a acumulação de livros de todas as épocas, num amontoamento do tempo em si mesmo, na tentativa de arquivar todas as épocas possíveis, ocasionando a acumulação perpétua do tempo que faria com que a biblioteca se tornasse o lugar de todos os tempos, mas, por isso mesmo, fora do tempo⁴⁷. A biblioteca, ao aglutinar discursos vários, seria um espaço relacional que se caracterizaria, por ser um não lugar, visto estar dentro e fora dos espaços e dos tempos possíveis.

Vê-se que esse fenômeno, que compõe o cerne da ideia de biblioteca fantástica observada por Foucault, seria característico dessa interdiscursividade que se apresenta de forma intrínseca à trama ficcional, construindo o que se poderia chamar de livros-biblioteca⁴⁸, na medida em que a enunciabilidade das obras está intrinsecamente ligada à mobilização dos discursos já existentes, trazendo para a obra tempos e espaços outros. Desse modo, quando

⁴⁶ “[...] lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se pode encontrar no interior da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, apesar de, entretanto, serem efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, Michel. “Des espaces autres” [Conférence au Cercle d’études architecturales, 14 mars 1967]. *Dits et écrits IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 1994 [1984], p. 755-6).

⁴⁷ “[...] musées et bibliothèques sont des hétérotopies dans lesquelles le temps ne cesse de s’amorceler et de se jucher au sommet de lui-même, alors qu’au XVII^e, jusqu’à la fin du XVII^e siècle encore, les musées et le bibliothèques étaient l’expression d’un choix individuel. En revanche, l’idée de tout accumuler, l’idée de constituer une sorte d’archive générale, la volonté d’enfermer dans un lieu tous les temps, toutes les époques, toutes les formes, tous les goûts, l’idée de constituer un lieu de tous les temps qui soit lui-même hors du temps, et inaccessible à sa morsure, le projet d’organiser ainsi une sorte d’accumulation perpétuelle et indéfinie du temps dans un lieu qui ne bougerait pas, eh bien, tout cela appartient à notre modernité” (“[...] museus e bibliotecas são heterotopias nas quais o tempo não cessa de se amontoar e de se empilhar, enquanto que no século XVII, até o fim do século XVII ainda, os museus e as bibliotecas eram a expressão de uma escolha individual. Contrariamente, a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de aprisionar num lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele mesmo fora do tempo, e inacessível a seu desgaste, o projeto de organizar, desse modo, uma espécie de acumulação perpétua e indefinida do tempo num lugar que não se modificasse, enfim, tudo isso pertence a nossa modernidade”. Ibidem, p. 759).

⁴⁸ O termo livro-biblioteca, metáfora decorrente da ideia foucaultiana de biblioteca fantástica, também é empregado por Carolina Augusto Messias, que analisa o efeito de biblioteca não apenas como um procedimento de escrita, mas como um modo de ler em relação, em seu estudo acerca das escrituras de Gustave Flaubert e Georges Perec, dentro do que ela convencionou subdividir em biblioteca virtual, imaginária – ou ficcional, como preferimos nomear – e real (Cf. MESSIAS, Carolina Augusto. *A biblioteca caleidoscópica: um modo de ler La Vie mode d’emploi e Bouvard et Pécuchet*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, em fase de finalização; Idem. “Um modo de ler um livro-biblioteca: a reescritura perecquiana na composição de *La vie mode d’emploi*”. In: *Revista de Letras*. São Paulo, v. 50, nº 1, 2010, p. 129-145. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/3169/2898>>. Acesso em: 25 mar 2012).

falamos numa *biblioteca fantástica* presente em obras literárias, onde a relação com os outros discursos parece se desconectar de uma relação de busca de verossimilhança empírica, a questão da documentação e da erudição das leituras e pesquisas efetivadas pelos escritores merece ser reposta, tendo agora em nosso horizonte crítico as reflexões foucaultianas acerca da biblioteca.

Todavia, o caráter documental e informativo de uma biblioteca é inegável e até mesmo reforçado por parte da crítica. No que tange ao caso flaubertiano, exemplar para quem deseja estudar as relações entre literatura e erudição ou entre a literatura e outros campos do saber, Paul Valéry, em um artigo intitulado “La Tentation de (saint) Flaubert”, coloca o autor francês ao lado da documentação, já que “Flaubert, avec son temps, croyait à la valeur du ‘document historique’ et à l’observation du présent toute crue”⁴⁹.

Partindo de um ponto de vista bastante semelhante, Florence Vatan, em um artigo introdutório à *Revue Flaubert* 4, número dedicado à relação entre a obra flaubertiana e as ciências⁵⁰, não hesita em afirmar que “la science intéresse Flaubert par sa valeur documentaire, sa rigueur intellectuelle, ainsi que ses méthodes d’observation et d’exposition”⁵¹. Mesmo se ao longo do artigo essa posição é colocada ao lado de um enfoque que mais se aproxima do ponto de vista foucaultiano exposto no artigo intitulado “La bibliothèque fantastique”, no qual a biblioteca é vista como lugar do imaginário⁵² – enfoque, inclusive, muito bem apreendido quando a autora percebe que “La surface du texte imprimé ouvre sur une enfilade vertigineuse de livres”⁵³ – esta abordagem “documental” que Flaubert efetuaría com relação ao discurso científico não é propriamente descartada, sequer mesmo problematizada.

⁴⁹ “Flaubert, assim como a sua contemporaneidade, acreditava no valor do ‘documento histórico’ e na observação crua do presente” (VALÉRY, Paul. “La Tentation de (saint) Flaubert”. *Œuvres complètes I*. Paris: Gallimard, 1957, p. 613).

⁵⁰ O número em questão da revista tinha como subtítulo “Flaubert et les sciences” (“Flaubert e as ciências”) e foi dirigido pela autora supracitada.

⁵¹ “a ciência interessa Flaubert por seu valor documental, seu rigor intelectual, assim como por seus métodos de observação e de exposição” (VATAN, Florence. “Flaubert et les sciences. Avant-propos: Du désir de savoir à l’art de (faire) rêver”. *Revue Flaubert*, n° 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010, p. 2).

⁵² “L’imaginaire se loge entre le livre et la lampe.” (“O imaginário se localiza entre o livro e a lâmpada”. FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 106).

⁵³ “A superfície do texto impresso abre-se sobre uma sucessão vertiginosa de livros” (VATAN, Florence. Op. cit., p. 2).

Nesse sentido, a autora chega mesmo a afirmar que a documentação empreendida pelo autor atuaria como um meio de conferir à obra autoridade e legitimidade⁵⁴, o que nos remeteria a uma relação de pura mimese com os discursos citados e/ou amalgamados à obra, visto que estes incorporariam o real e o “verdadeiro” à literatura, dando-lhe a pretensa legitimidade que se espera de uma literatura dita “realista”. Esse enfoque é tanto mais problemático na medida em que ele pressupõe uma adesão ao discurso documental por parte daquele que escreve, privilegiando uma relação que toma por base o discurso científico como verdadeiro e como representativo da realidade, numa apropriação muito próxima daquela efetivada pelos dois personagens de *Bouvard & Pécuchet*, que tentam a cada empreitada “aplicar” o que se lê à realidade ou encontrar corroboração da realidade, previamente experienciada, nos discursos lidos, ora tentando refazer as experiências descritas nos livros, como podemos observar no excerto do capítulo III, no qual eles decidem estudar a fisiologia humana e comprovar empiricamente as teorias e os experimentos descritos nos discursos científicos:

[...] Et ils continuèrent leur physiologie.

Est-il vrai que la surface de notre corps dégage perpétuellement une vapeur subtile? La preuve, c'est que le poids d'un homme décroît à chaque minute. Si chaque jour s'opère l'addition de ce qui manque et la soustraction de ce qui excède, la santé se maintiendra en parfait équilibre. Sanctorius, l'inventeur de cette loi, employa un demi-siècle à peser quotidiennement sa nourriture avec toutes ses excréments, et se pesait lui-même, ne prenant de relâche que pour écrire ses calculs.

Ils essayèrent d'imiter Sanctorius. Mais comme leur balance ne pouvait les supporter tous les deux, ce fut Pécuchet qui commença.

Il retira ses habits, afin de ne pas gêner la perspiration – et il se tenait sur le plateau, complètement nu, laissant voir, malgré la pudeur, son torse très long pareil à un cylindre, avec des jambes courtes, les pieds plats et la peau brune. À ses côtés, sur une chaise, son ami lui faisait la lecture.^{55 56},

⁵⁴ “L’aura prestigieuse du savoir scientifique confère à l’œuvre autorité et légitimité” (“A prestigiosa aura do saber científico confere autoridade e legitimidade à obra”. VATAN, Florence. “Flaubert et les sciences. Avant-propos: Du désir de savoir à l’art de (faire) rêver”. *Revue Flaubert*, n° 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010, p. 3).

⁵⁵ FLAUBERT, Gustave. *Bouvard et Pécuchet*. Paris: Gallimard, 1979 [1881], p. 124, grifos nossos. A partir daqui todas as citações desta obra serão identificadas no corpo do texto, entre parêntesis, pela abreviação do título (BP), seguida da indicação da página correspondente a esta edição, reservando a nota de rodapé para a tradução do excerto.

⁵⁶ “[...] E prosseguiram nos estudos de fisiologia.

É então verdade que a superfície do nosso corpo desprende incessantemente um vapor sutil? A prova é que o peso do homem decresce a cada minuto. Se cada dia se processar o aporte do que falta e a eliminação do que excede, a saúde se mantém em perfeito equilíbrio. Sanctorius, autor dessa lei, levou meio século a pesar, todos os dias, seus alimentos com todas as excreções, e tomava o próprio peso, interrompendo-se apenas para fazer os respectivos cálculos.

Tentaram imitar Sanctorius. Mas, como a balança que possuíam não podia suportar ambos, foi Pécuchet quem começou. Despiu-se, a fim de não perturbar a transpiração, mantendo-se inteiramente nu sobre o prato da balança, deixando ver, apesar do pudor, o torso muito alongado, semelhante a um cilindro, as pernas curtas, os

ora buscando nos livros exposições convergentes com as experiências por eles vivenciadas no mundo empírico, como no trecho do mesmo capítulo, no qual eles buscam nos livros médicos as descrições e nomeações das doenças tais quais eles haviam visto ao acompanhar as visitas do médico da cidade aos pacientes:

Ils accompagnaient le médecin chez les pauvres, *puis consultaient leurs livres*.

Les symptômes notés par les auteurs n'étaient pas ceux qu'ils venaient de voir. Quant aux noms des maladies, du latin, du grec, du français, une bigarrure de toutes les langues.

On les compte par milliers, et la classification linnéenne est bien commode, avec ses genres et ses espèces; mais comment établir les espèces? Alors, ils s'égarèrent dans la philosophie de la médecine. (*BP*, p. 129, grifos nossos)⁵⁷

Em ambos os casos, percebe-se que os copistas pressupõem a possibilidade de uma relação imediata entre os discursos lidos e a realidade empírica vivenciada ou suscetível de ser vivenciada, ficando implícito que o discurso escrito é passível de ser apreendido como documento e como legatário de uma verdade unívoca. No entanto, conforme veremos nos capítulos seguintes, a ficcionalização da leitura das personagens é colocada de forma problematizada e ironizada pela escritura flaubertiana, de forma a questionar não apenas a pretensa “verdade” por trás dos discursos citados, mas também a própria forma pela qual os dois copistas leem. Essa relação com o documental, presente nas leituras empreendidas pelas personagens de *Bouvard & Pécuchet* e na fortuna crítica flaubertiana, além de solapar as mediações existentes entre o agenciamento discursivo e a realidade empírica, parece igualmente negligenciar que o discurso científico também é um discurso, ou seja, também é algo construído e, portanto, manipulado, carregado de um ponto de vista: se ele é legatário de uma verdade, é legatário de apenas uma das verdades possíveis, já que esta poderia ser encarada não como uma moeda de duas faces, nem como um prisma, mas como um caleidoscópio que remete a várias possibilidades de pontos de vista.

pés chatos e a pele morena. Ao lado, sentado numa cadeira, o amigo fazia a leitura.” (FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Trad. Galeão Coutinho e Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 59-60, grifos nossos. A partir daqui todas as citações desta tradução serão identificadas, entre parêntesis, pela abreviação do título (*BP*), seguida da indicação da página correspondente a esta edição)

⁵⁷ “Acompanhavam o médico à casa dos doentes pobres, *depois consultavam os livros*. Os sintomas assinalados pelos tratadistas não eram aqueles que acabavam de verificar. Quanto aos nomes das doenças, provinham do latim, do grego, do francês, enfim, uma salada de todas as línguas.

Tais nomes contavam-se por milhares, e a classificação de Lineu pareceu-lhes cômoda, com seus gêneros e espécies; mas como estabelecer as espécies? Então, perderam-se na filosofia da medicina.” (*BP*, p. 63, grifos nossos)

De forma semelhante, a intensa solicitação de outros discursos operada pela escritura machadiana, refletida em diversas formas de apropriação discursiva, dispersadas ao longo de toda a trama romanesca, como citações, alusões, paráfrases, referências, entre outras, também é contemplada por alguns estudiosos como correlata de um *enciclopedismo* que seria próprio da escrita de Machado, para quem a biblioteca seria um “arquivo do saber”, segundo define K. David Jackson:

É da *biblioteca, arquivo do saber*, que [Machado] constrói uma verdadeira narrativa paralela, feita de conhecidos exemplos de alcance universal, no sentido de um *enciclopedismo filosófico-literário das fontes*, uma seleção sincrônica inspirada pelo Iluminismo europeu. Cada romance está construído sobre um arquivo de centenas de referências (identificadas em notas de rodapé preparadas por Massaud Moisés nas velhas edições da Brasiliense), especializadas sobretudo em aforismos, sentenças e máximas morais do Iluminismo oitocentista.⁵⁸

Como se percebe pelas palavras do crítico, a biblioteca de Machado seria o lugar onde se recuperaria a erudição latente de sua obra, que teria consequentemente uma envergadura enciclopédica. Assim, as leituras realizadas na biblioteca pessoal do escritor estariam muito próximas de uma busca documental conteudista que autoriza e legitima a obra, vista como um monumento de erudição e como portadora de uma verdade referencial unívoca, numa postura semelhante à dos citados críticos flaubertianos, na qual a acumulação discursiva é compreendida de maneira positiva, como correlata de uma possível construção de conhecimento, tal como poderíamos interpretar o excerto abaixo, presente no capítulo IV de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, intitulado “A idéia fixa”, no qual o narrador enceta em sua tagarelice uma espécie de listagem de nomes de personagens históricos, elencados numa profusão que parece querer afetar um conhecimento erudito:

A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o *Cavour*; foi a idéia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que *Bismarck* não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, *Suetônio* deu-nos um *Cláudio*, que era um simplório, – ou “uma abóbora” como lhe chamou *Sêneca*, e um *Tito*, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que dos dous césares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o “abóbora” de *Sêneca*. E tu, madama *Lucrécia*, flor dos *Bórgias*, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um *Gregorovius* incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu

⁵⁸ JACKSON, David K. “A modernidade do eterno em Machado de Assis”. In: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (orgs.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 57, grifos nossos.

deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a história, *a volúvel história que dá para tudo*; e, tornando à idéia fixa, direi que é ela a que faz os varões fortes e os doudos; a idéia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os *Cláudios*, – formula *Suetônio*.

Era fixa a minha idéia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. *Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar*, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. [...] ⁵⁹

O excerto, recheado de nomes de personagens históricos e de escritores que se consagraram ao estudo da História na antiguidade, demonstra a facilidade com que o narrador manipula os discursos do saber. Porém, nota-se que a profusão erudita, ao ser trazida à narrativa de modo a caracterizar e exemplificar o que seria uma ideia fixa, além de sublinhar o próprio ato de citar – já que este se coloca de maneira insistente –, aponta não apenas o despropósito da comparação entre a ideia da personagem e os grandes eventos da História, mas também a inutilidade da exemplificação, visto que esta pouco define do que seria a ideia fixa, pois o narrador, logo em seguida, tem que insistir em buscar outras comparações, jogando a decisão final para o leitor, instado a escolher qualquer comparação que lhe convier. Desse modo, toda a listagem de exemplos eruditos poderia ser trocada por outras listas de exemplos, ao gosto do leitor ou ao sabor dos caprichos do narrador, mostrando a arbitrariedade da suposta erudição incluída na narrativa, uma vez que, no limite, as comparações históricas também poderiam servir para ilustrar qualquer situação, pois, como coloca o narrador, a “volúvel história [...] dá para tudo”.

Conforme veremos de forma mais detida nos capítulos seguintes, os procedimentos de citar são trazidos à narrativa de forma a problematizar a relação que se estabelece com os discursos citados e com o próprio artifício da citação, mostrando que as bibliotecas reais dos escritores, enquanto potências imaginativas extrapoladas pelo discurso romanesco, aparecem de forma tensional na estrutura da ficção, questionando a positividade da erudição e as relações de caráter documental com o discurso escrito.

Não poderíamos negar, contudo, o vasto trabalho de pesquisa efetivado através das incontáveis leituras realizadas por Flaubert e do grande número de citações e referências incluídas na obra de Machado, reveladores também de incontáveis leituras em sua biblioteca

⁵⁹ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1975 [1881], p. 103-4, grifos nossos. A partir daqui todas as citações desta obra serão identificadas no corpo do texto, entre parêntesis, pela abreviação do título (*MPBC*), seguida da indicação da página correspondente a esta edição.

peçoal, o que mostraria a existência de algum tipo de documentação prévia às campanhas redacionais das obras. Entretanto, o que devemos é nos interrogar sobre a função dessa “documentação”, sobre qual seria o uso que Flaubert e Machado fariam dessas pesquisas e leituras e o que elas revelariam no que respeita às suas práticas de escrita. Certamente, estas não revelam o desejo de afetar uma erudição ou de incluir “informações” do real no discurso ficcional.

Como bem nos aponta a obra de Verónica Galíndez Jorge⁶⁰, no que concerne à relação entre o discurso médico acerca das alucinações e a escritura flaubertiana, Flaubert não faz um uso estritamente documental das fontes bibliográficas lidas, mas, ao contrário, apropria-se destas enquanto discurso, chegando até mesmo a repetir nos romances estruturas discursivas encontradas nos livros lidos, como é o caso da expressão *tout à coup*, utilizada sistematicamente nos relatos dos estudos de caso dos discursos médicos para introduzir as descrições das alucinações dos pacientes e observada no discurso ficcional flaubertiano como um antecedente das visões alucinatórias das personagens. O processo de leitura operado por Flaubert seria responsável por uma abertura que permite uma espécie de “alimentação discursiva”, que servirá de base para a entrada na escritura, ressurgindo nas campanhas escriturais quando o *scriptor* passa a repetir e a recopiar – não interessando aqui saber se conscientemente ou não – estruturas discursivas já-lidas.

De igual forma, ao não fazer um uso documental de suas leituras, mas, pelo contrário, ao estabelecer uma relação de livre-reapropriação com o discurso alheio, Machado de Assis empregaria “o recurso à intertextualidade como processo de construção da ambigüidade, traço inerente à ficção machadiana”⁶¹ que, segundo Marta de Senna, seria uma estratégia narrativa responsável pela inclusão nas obras de citações que aparecem de forma ambígua ou até mesmo deturpadas, havendo inclusive traduções errôneas para o português de citações de obras estrangeiras, tal como aponta a autora, visando criar uma dupla interpretação do trecho narrativo no qual estão inseridas, indeterminando a narrativa.

Nesse sentido, é interessante observar que o valor erudito, documental ou informativo dessas fontes é tanto mais problematizado na medida em que pensamos na verdadeira metamorfose pela qual estas passam durante o processo das campanhas redacionais, já que a entrada na escrita leva o *scriptor* a um caminho por ele mesmo desconhecido, no qual ele

⁶⁰ GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Fogos de artifício. Flaubert e a escritura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

⁶¹ SENNA, Marta de. “A tradução do Conselheiro”. In: GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia; RICIERI, Francine Weiss (orgs.). *Machado de Assis. Ensaio da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008, p. 257-8.

retrabalha o seu texto, através de um vaivém de leituras, cópias e rasuras, como um “sujeito titubeante, não seguro de si e efeito de seu discurso”⁶², como um sujeito submetido à linguagem, ouvindo o Terceiro no texto⁶³ e deixando-se levar pelos lapsos, pelas rasuras e pela própria escrita, tal como demonstrou Willemart:

A rasura ajudou o escritor a entrar ou a manter-se no processo poético, a distanciar-se do documento e testemunha da presença contínua do poético. Nossa análise é uma amostragem da luta entre o documento e a escritura, entre a mimese e o poético. Trabalhando o texto, o escritor não resgata suas leituras e suas anotações por um processo progressivo de poetização, mas, pelo contrário, inicia o processo pelo poético. Este é a base e o fundamento do estilo do autor de Salammô.⁶⁴

Dessa maneira, mesmo o que pode ser à primeira vista contemplado como meramente documental é trabalhado pelo poético, sendo metamorfoseado e tensionado pela escrita, passando esta a se inscrever numa relação de tensão com a instituição literária e seus discursos. Vale destacar que esse “documento” não vem *a priori*, mas advém no poético, a própria escrita fazendo-o emergir, reaparecer. Nesse sentido, percebemos que as leituras prévias servem menos como fontes de informação que como um material potencialmente poético, ou potencialmente literário, que vai povoar o imaginário do *scriptor*, ressurgir na escrita e ser trabalhado por ela para, em seguida, ganhar corpo no texto e povoar o imaginário do leitor, assomado por essas *rêveries* discursivas, *rêveries* de livros. Assim, “la fiction absorbe les savoirs en neutralisant leur finalité informative mais en libérant leur imaginaire pour stimuler ses potentialités fictionnelles”⁶⁵.

Percebemos, então, que a literatura passa a ser necessariamente plasmada em um diálogo com outros saberes, com outros discursos. O processo de pesquisas e leituras prévias empreendido pelos escritores, longe de ser um meio de se documentar, de recolher informações necessárias para a composição de um livro, passa a ser um processo no qual o

⁶² WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999, p. 27.

⁶³ Usamos aqui o termo “Terceiro” seguindo a definição empregada por Willemart, num viés que, apesar de apresentar forte inspiração da psicanálise lacaniana, não se restringe a esta e abre para o sentido de uma interdiscursividade possível, a partir de um diálogo com o já-dito, ou, nas palavras do autor, com a tradição, apontando para operações preponderantemente discursivas: “O texto relido não é portanto um espelho em que se admira o escritor, mas o viés através do qual se insinua um Terceiro no texto, que seja a tradição literária ou histórica, o inconsciente do autor ou outros fatores que excedem o escritor. O Terceiro ou o Outro, se retomarmos o conceito lacaniano, pouco importa de onde vem, insere-se pela leitura-escritura no texto. Diríamos até que, mesmo em caso de simples cópia de um texto, para não dizer de plágio, o autor acrescenta sua parte.” (Idem. *Universo da criação literária* São Paulo: Edusp, 1993, p. 68).

⁶⁴ Idem. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999, p. 23.

⁶⁵ “a ficção absorve os saberes neutralizando sua finalidade informativa, mas liberando seu imaginário a fim de estimular suas potencialidades ficcionais” (SÉGINGER, Gisèle. “La Tentation et les savoirs”. *Flaubert. Revue critique et génétique*, nº 1, 2009. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index389.html>>. Acesso em: 14 mar 2009, p. 9).

escritor vai entrar em contato com outros discursos, deixando-se por eles povoar, “nutrindo-se” de discursos necessários para a entrada na escrita, num processo onde as práticas de leitura são determinantes para a enunciabilidade da obra.

Essa interdiscursividade percebida no fazer literário é reveladora da *permeabilidade* própria do discurso literário, que se constrói a partir de um imbricamento de discursos ficcionais e não ficcionais, já que essa relação se dá tanto no diálogo literatura-literatura como no diálogo literatura-ciências, ou se preferirmos, literatura-discursos não ficcionais, como já pontuamos na introdução do presente trabalho. Sobre essa relação entre discursos tidos como não ficcionais e a literatura, Florence Vatan argumenta que

Le XIX^e siècle, rappelle Wolf Lepenies, se caractérise par un divorce croissant entre science et littérature. Face au prestige symbolique grandissant d’une activité scientifique qui s’approprie le monopole du vrai, la littérature se voit “exclu[e] [...] du canon de la connaissance” et ravalée au rang d’activité subalterne à visée purement divertissante⁶⁶,

posição à qual a literatura faria frente, ao operar um uso indiscriminado e por vezes irônico de outros discursos do saber, dando origem a uma postura de crítica ao discurso científico. No entanto, quando encaramos essa relação discursiva não somente como uma crítica ao discurso da ciência, mas como uma característica inerente à enunciabilidade literária, percebemos que não se trata de tirar a literatura de uma posição subalterna com relação a outros saberes. Ao percebermos que a literatura só se constrói dentro dessa relação entre discursos, ela adquire um estatuto autônomo com relação ao discurso científico, na medida em que ela não está mais submetida a ele, nem aos seus parâmetros de verdade e de realidade, e passa a se distinguir desses discursos e a manipulá-los dentro de seu próprio lugar de enunciabilidade, dentro de seu próprio campo discursivo, e segundo a lógica discursiva desse campo, a saber, a lógica do discurso ficcional, que estabelece a disposição de se ler determinado discurso não como uma verdade factual, mas como *ficção*, como *literatura*. Assim, a entrada desses discursos no ficcional os transforma, operando uma mudança discursiva e fazendo com que estes não sejam mais encarados do ponto de vista científico: eles se transformam em ficção. Entretanto, essa autonomia é paradoxal, uma vez que a literatura só se constrói nessa relação com os outros discursos. Ou seja, há certo grau de dependência, na medida em que a literatura precisa

⁶⁶ “O século XIX, lembra Wolf Lepenies, caracteriza-se por um divórcio crescente entre ciência e literatura. Frente ao ascendente prestígio simbólico de uma atividade científica que toma para si o monopólio do verdadeiro, a literatura se vê ‘exclud[a] [...] do cânone do conhecimento’ e rebaixada à posição de uma atividade subalterna com objetivo de simples divertimento” (VATAN, Florence. “Flaubert et les sciences. Avant-propos: Du désir de savoir à l’art de (faire) rêver”. *Revue Flaubert*, n° 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010, p. 5).

de todos esses outros discursos para se constituir, mas é justamente a partir dessa dependência que a literatura pode manipular esses discursos e se distinguir deles, fazendo um uso autônomo dessa ciência, já que totalmente inserida numa lógica discursiva ficcional⁶⁷.

A oposição entre literatura e ciência estabelecida por Wolf Lepenies e lembrada por Florence Vatan tem de ser nuançada, visto não podermos mais afirmar que a literatura se vê excluída do cânone do conhecimento devido ao “monopólio da verdade” exercido pela atividade científica. Essa afirmação traz inúmeros problemas no que tange à abordagem dada ao literário, já que ela não distingue as lógicas discursivas próprias aos âmbitos científico e literário: a lógica discursiva ficcional, própria do literário, não permite que a coloquemos dentro de uma lógica discursiva que se identifica com o discurso da verdade ou do verdadeiro. A literatura não perderia com esse monopólio da verdade do discurso científico, nem poderia ser excluída de um cânone do conhecimento, tal qual este é encarado pelas ciências. Em vez disso, a literatura vai se servir desse cânone, isto é, dos discursos dos diversos campos do saber, e se construir a partir deles, inserindo-os na lógica discursiva literária. O objetivo aqui não é mais produzir conhecimento e erudição, mas criar um espaço ficcional construído de outros discursos, reunir no ficcional todos os livros já-escritos, construir na literatura uma

⁶⁷ Quando falamos aqui em possíveis características do *ficcional*, ou do *discurso ficcional*, pensamos sobretudo nas reflexões estabelecidas a esse respeito por Diderot, que, retomando a *Arte poética* de Horácio, vê a ficção como uma mentira-verdadeira, tal como se depreende do conto *Les deux amis de Bourbonne*, no qual, ao preconizar o conto histórico, o autor concilia a verdade e a história com a mentira da ficção, através da inclusão de pequenos detalhes verdadeiros, controlando a exageração e amplificação da eloquência e do poético, o que demonstra que a verdade e a história por ele defendidas não são outra coisa senão a própria ilusão romanesca: “C’est ainsi qu’il [le conteur] sauvera l’exagération de l’éloquence et de la poésie; que la vérité de la nature couvrira le prestige de l’art, et qu’il satisfera à deux conditions qui semblent contradictoires, d’être en même temps historien et poète, véridique et menteur” (“É assim que ele [o contista] eliminará a exageração da eloquência e da poesia; que a verdade da natureza garantirá o prestígio da arte e que ele satisfará às duas condições que parecem contraditórias: ser ao mesmo tempo historiador e poeta, verídico e mentiroso”). DIDEROT, Denis. *Les Deux Amis de Bourbonne suivi de Ceci n’est pas un conte*. Paris: Le livre de Poche, 1996 [1770, 1773], p. 36). Uma tensão entre história e ficção pode igualmente ser percebida nas cartas de Flaubert, nas quais ele expõe o embate entre os eventos históricos do pano de fundo e o primeiro plano do enredo ficcional, no que concerne à escrita de *L’éducation sentimentale*: “Mais j’ai bien du mal à emboîter mes personnages dans les événements politiques de 48! J’ai peur que les fonds ne dévorent les premiers plans. C’est là le défaut du genre historique. Les personnages de l’histoire sont plus intéressants que ceux de la fiction, surtout quand ceux-là ont des passions modérées. On s’intéressera moins à Frédéric qu’à Lamartine? – Et puis, quoi choisir parmi les Faits réels? Je suis perplexe. *C’est dur!*” (“Mas tenho grande dificuldade em encaixar minhas personagens nos eventos políticos de 48! Receio que o fundo devore o primeiro plano. Eis o defeito do gênero histórico. As personagens da história são mais interessantes que as da ficção, sobretudo quando estas possuem paixões moderadas. Interessar-se-ão mais por Lamartine que por Frédéric? – E, além disso, o que escolher entre os Fatos reais? Estou desorientado. *É extenuante!*”). FLAUBERT, Gustave. “Carta a Jules Duplan, de 14 de março de 1868”. *Correspondance*. Tome III. Janvier 1859 – décembre 1868. Paris: Gallimard, 1991, p. 734, grifos do autor). Sem pretender resolver aqui essa questão, sabemos que as relações entre verdade e mentira, no que se refere ao estatuto ficcional, não são inauguradas pelo século XVIII francês de Diderot, nem terminam com ele, encontrando inúmeras reverberações ao longo da crítica, como por exemplo nos escritos de René Girard (GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Bernard Grasset, 1961).

biblioteca que estabeleça entre os livros uma relação vertiginosa e tensional. Nesse ponto, nota-se, nos aproximamos novamente da “biblioteca fantástica” de Foucault.

Assim sendo, percebemos que o fazer literário acaba por utilizar-se de uma prática científica, na medida em que a literatura depende de um processo prévio de leituras, de pesquisa bibliográfica, para se constituir. No entanto, essa práxis científica para quando o *scriptor* articula esses pedaços de outros discursos na trama da escritura, onde rege a lógica do ficcional, através da qual os discursos perdem seu caráter científico. Nesse sentido, a escrita poderia ser contemplada como a atividade de reunir e de organizar esses discursos: ao mesmo tempo em que o *scriptor* vai operando suas escolhas e trabalhando o texto, a escritura também vai se construindo nesse processo que nasce a partir dos restos das leituras que emergem ao longo do processo da escrita e são por ela tensionados. Podemos dizer que são nas escolhas operadas, nas rasuras e também na organização desses discursos que *scriptor*, escritura e autor se constroem. No que respeita à autoria, estabelecemos aqui uma aproximação com a noção foucaultiana da função autor:

L’auteur, non pas entendu, bien sûr, comme l’individu parlant qui a prononcé ou écrit un texte, mais l’auteur comme *principe de groupement du discours*, comme unité et origine de leurs significations, comme foyer de leur cohérence. [...] l’individu qui se met à écrire un texte à l’horizon duquel rôde une œuvre possible reprend à son compte la fonction de l’auteur: *ce qu’il écrit et ce qu’il n’a écrit pas*, ce qu’il dessine, même à titre de brouillon provisoire, comme esquisse de l’œuvre, et ce qu’il laisse va tomber comme propos quotidiens, tout ce jeu de différences est prescrit par la fonction auteur, telle qu’il la reçoit de son époque, ou telle qu’à son tour il la modifie.⁶⁸

Percebemos que a função autor se baliza tanto por uma ordenação discursiva quanto pelas escolhas operadas pelo autor, em seu agenciamento discursivo, nos permitindo dizer que a literatura se faria justamente nessa operação de ordenação, no intervalo⁶⁹ entre um discurso e outro, entre uma fonte citada ou incorporada e outra, ou, para nos mantermos dentro da metáfora foucaultiana, entre um livro e outro da biblioteca. A escrita seria, então, aquilo que

⁶⁸ “O autor entendido, evidentemente, não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como *princípio de agrupamento do discurso*, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] o indivíduo que se põe a escrever um texto, ao redor do qual deambula uma obra possível, toma para sua responsabilidade a função do autor: *o que ele escreve e o que não escreve*, o que ele desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que ele deixa vai cair como intenções habituais, todo esse jogo de diferenças é prescrito pela função autor, tal qual ele a recebe de sua época, ou tal qual ele, por sua vez, a modifica” (FOUCAULT, Michel. *L’ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971, p. 28 e 30-1, grifos nossos). A noção de função autor também é abordada pelo filósofo francês na conferência “Qu’est-ce qu’un auteur?”, à qual remetemos nosso leitor (Idem. “Qu’est-ce qu’un auteur?”. *Dits et écrits I (1954-1969)*. Paris: Gallimard, 1994 [1969]).

⁶⁹ Aludimos claramente ao conceito de João Alexandre Barbosa (BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo. Ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990).

operaria a ordenação desses discursos vários, ordenação que não significa apenas a atividade de juntar pedaços de discursos citados, mas também de incorporá-los na estrutura da obra: a relação não é apenas de conteúdo, mas também formal.

Esse caráter do fazer literário nos remete novamente às noções foucaultianas de *feixe* e *dispersão discursiva* presentes na *Archéologie du savoir*⁷⁰, delineando uma verdadeira rede na qual cada discurso reenvia a outros discursos. Esse reenvio, que muito se aproxima de uma relação hipertextual, pode dar-se *ad infinitum*, visto que todo discurso é feito de outros discursos, numa relação vertiginosa na qual todos os livros da biblioteca estão interligados, todos os livros se “respondem”, numa correspondência quase baudelairiana. Podemos contemplar este efeito de biblioteca, depreendido tanto da noção de “biblioteca fantástica” do artigo foucaultiano, quanto da ideia da “biblioteca de Babel” presente no conto de Jorge Luis Borges. É interessante notar que a biblioteca borgiana possui duas das características aqui elencadas: o reenvio de um livro a outro e a ideia de vertigem:

Para localizar el libro A, consultar previamente un libro B que indique el sitio de A; para localizar el libro B, consultar previamente un libro C, y así hasta lo infinito... En aventuras de ésas, he prodigado y consumido mis años. No me parece inverosímil que en algún anaquel del universo haya un *libro total* [...]

Desde cualquier hexágono, se ven los pisos inferiores y superiores: interminablemente. [...] Por ahí pasa *la escalera espiral, que se abisma y se eleva hacia lo remoto*.⁷¹

Nessa biblioteca infinita quase que entrevemos os projetos flaubertianos da *Tentation de saint Antoine* e do *Bouvard & Pécuchet*, que pressupõem um livro feito de outros livros, tal qual nos aponta Foucault⁷², o que nos remete diretamente a uma relação infinita entre os

⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

⁷¹ “Para localizar o livro A, consultar previamente um livro B que indique a localização de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito... Em aventuras como essas, gastei e consumi meus anos. Não me parece inverossímil que em alguma estante do universo exista um *livro total*”; “Desde qualquer hexágono, veem-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente. [...] Por ali passa *a escada espiral, que se abisma e eleva-se até o remoto*” (BORGES, Jorge Luis. “La biblioteca de Babel”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1944], p. 469 e 465, grifos nossos).

⁷² “Elle [la *Tentation de saint Antoine*] ouvre l’espace d’une littérature qui n’existe que dans et par le réseau du déjà écrit: livre où se joue la fiction des livres” (“Ela [A *tentação de santo Antônio*] abre o espaço de uma literatura que só existe na e através da rede do já-escrito: livro onde se realiza a ficção dos livros”. FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 106, grifos nossos). Nesse sentido, Paul Valéry também percebe essa relação entre a *Tentation de saint Antoine* e uma biblioteca vertiginosa: “Trop de souci d’émerveiller par la multiplicité des épisodes, des apparitions et des changements à vue, des thèses, des voix diverses, engendre chez le lecteur une sensation croissante d’être la proie d’une bibliothèque soudain vertigineusement déchaînée, dont tous les tomes eussent vociféré leurs millions de mots en même temps, et tous les cartons en révolte vomi leurs estampes et leurs dessins à la fois” (“O excesso de cuidado em maravilhar pela multiplicidade de episódios, as aparições e mudanças não veladas, as teses, as vozes diversas, engendram no leitor uma sensação crescente de

tomos dessa biblioteca inserida no ficcional, numa relação que causa vertigem e criaria algo muito próximo de um livro total, já que essa relação infinita acabaria por incluir toda a biblioteca dentro de um só livro. De modo semelhante, a intensa trama de referências a outros discursos, presente em toda a obra de Machado e percebida por alguns críticos⁷³, também aponta para a construção de uma biblioteca infinita, que se quer coadunadora de todos os discursos já antes proferidos.

Notamos que o processo prévio de leituras ou de documentação não é incluído para a constituição de uma erudição, mas para incluir no ficcional essa biblioteca babelesca e, nos casos dos dois autores aqui estudados, onde essa relação entre livros parece ficar evidente na estrutura das próprias obras, para inserir e evidenciar no ficcional um procedimento próprio do fazer literário, como se a escritura quisesse mostrar sua própria máscara, para usar a metáfora tantas vezes utilizada por Barthes⁷⁴. Dessa forma, percebemos que a literatura mimetiza as bibliotecas fantástica e de Babel de Foucault e de Borges.

Esse procedimento, portanto, revela um aspecto próprio da enunciabilidade literária e de uma prática de escrita específica, tal como vimos no tópico anterior de nosso trabalho, que se faz apenas dentro desse fenômeno da permeabilidade e da dispersão discursiva, aspecto que se torna mais visível no caso de um escritor como Flaubert ou como Machado, cuja obra parece não ser possível fora de uma intensa inclusão ou referências a discursos já-escritos.

O documentário ou a erudição implicada no intenso trabalho de pesquisa empreendido antes das campanhas escriturais estarão a serviço não da inclusão de dados informativos ou de uma exposição erudita vazia, como vimos, mas a serviço da própria construção poético-escritural, visto que a biblioteca entra no literário, tal qual nos aponta a biblioteca fantástica

ser arrebatado por uma *biblioteca que de súbito desencadeia-se vertiginosamente*, cuja totalidade de tomos tivesse vociferado seus milhões de palavras ao mesmo tempo, e todos os atlas em revolta tivessem vomitado suas estampas e seus desenhos de uma vez”. VALÉRY, Paul. “La Tentation de (saint) Flaubert”. *Œuvres complètes I*. Paris: Gallimard, 1957, p. 616, grifos nossos).

⁷³ Apesar do impressionismo de suas observações, Agrippino Grieco, ao falar das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, aponta justamente para a interdiscursividade de Machado de Assis como um aspecto que denota um “amontoado de livros”, característica que o aproxima de uma prática de pesquisa: “Sente-se o amontoamento *livresco* desde as primeiras páginas, nos inúmeros nomes famosos e situações literárias evocados implícita ou explicitamente, a dar antes *idéia de crítica ou ensaio* que de trabalho de ficção” (GRIECO, Agrippino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p.34, grifos nossos).

⁷⁴ Fazemos aqui referência à metáfora empregada ao longo da obra de Roland Barthes para designar a autorreflexividade da literatura. Para citar apenas dois exemplos, um de *Le degré zéro de l'écriture*, “Elle [l'écriture romanesque] a pour charge de placer le masque et en même temps de le désigner” (“Ela [a escritura romanesca] tem como fardo colocar a máscara e ao mesmo tempo a apontar”. BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture, suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972, p. 30), e outro do capítulo “Littérature et méta-langage” dos *Essais critiques*, ao qual reenviamos nosso leitor, para um aprofundamento do que o crítico francês denomina de literatura-objeto: “La vérité de notre littérature n'est pas de l'ordre du faire, mais elle n'est déjà plus de l'ordre de la nature: elle est un masque qui se montre du doigt” (“A verdade de nossa literatura não é da ordem do fazer, mas ela já não é mais da ordem da natureza: ela é uma máscara que se aponta com o próprio dedo”. Idem. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964, p. 111).

de Foucault, para fazer sonhar⁷⁵ e não como um saber, estando subjacente à própria condição de enunciabilidade da obra. Esse imaginário bibliotesco será tramado, transfigurado e tensionado pela escrita, dentro de um processo próprio ao fazer literário, que se alimenta de outros discursos e se constrói numa relação interdiscursiva, permitindo-nos contemplar a relação entre a obra de Machado e Flaubert e o já-dito não mais dentro de uma relação meramente documental ou legatária de uma erudição ou de uma tradição, mas dentro de um fenômeno estritamente ficcional, particular ao próprio fazer literário, delineando uma prática de escrita que se quer reveladora de uma prática prévia de leitura e de pesquisa. Alargando esse fenômeno, as leituras prévias à entrada na escrita ingressam no ficcional para extrapolar os limites da própria literatura, para explodir o livro ao incluir nele todos os livros já-escritos, ao incluir nele uma biblioteca total, vislumbrando a utopia literária do livro total.

Nossa abordagem teórica nos leva a encarar a biblioteca não mais como o lugar da erudição, mas como o espaço privilegiado do sonho, do imaginário, do potencialmente poético, e, na medida em que ela torna-se a própria condição de existência da literatura, como o lugar da enunciabilidade literária. Ao propor o estudo das bibliotecas reais enquanto o lugar da enunciabilidade, pretendemos não nos restringir à materialidade destas, mas, ao contrário, partir dos restos de suas materialidades para alargar o conceito de biblioteca, visto então como o lugar onde circulam os discursos, onde estes se entrecruzam, para povoar o imaginário do escritor, numa via de mão dupla entre prática de escrita e prática de leitura, já que os interesses de leitura dos escritores parecem não apenas permear as obras mas serem determinantes para a enunciabilidade destas, numa biblioteca que se mostra difusa e que se extravasa na própria escrita ficcional das obras.

Assim sendo, podemos adentrar nas bibliotecas reais de Machado e Flaubert, pensadas como o lugar da enunciabilidade de suas obras, que parecem correlacionar práticas de escrita e práticas de leitura – observando a obra (ou as obras) dentro da biblioteca e seus efeitos de leitura –, para em seguida adentrar nas escrituras machadiana e flaubertiana, que parecem querer desvelar essa relação interdiscursiva e incluir em sua trama ficcional o próprio sistema literário – observando a biblioteca dentro da obra –, já que nosso objeto de estudo, a biblioteca fantástica, localiza-se no encontro entre a biblioteca real e seu extravasamento presente na biblioteca ficcional, conúbio que se coloca incontornável no âmbito de nosso percurso crítico.

⁷⁵ “Pour rêver, il ne faut pas fermer les yeux, il faut lire” (“Para sonhar, não é preciso fechar os olhos, é preciso ler”. FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 106).

CAPÍTULO II: A OBRA DENTRO DA BIBLIOTECA: BIBLIOTECAS REAIS?

“la certidumbre de que todo está escrito nos anula o nos afantasma”

Jorge Luis Borges, “La biblioteca de Babel”

2.1. BIBLIOTECA MACHADIANA

A biblioteca de Machado de Assis, acervo contendo os livros que pertenceram à biblioteca pessoal do escritor, encontra-se atualmente sob a guarda da Academia Brasileira de Letras (ABL), com a maior parte dos livros acondicionados no salão principal da Biblioteca Lúcio de Mendonça, ao lado dos demais acervos da Academia, tendo ainda uma pequena parcela de livros guardados em uma estante da Sala Machado de Assis, que reproduz o espaço do escritório do autor, ao lado de outros objetos e móveis do acervo pessoal de Machado.

Contudo, tendo defronte esse acervo livresco de Machado, como o crítico literário deve operar? Evitando o deslumbre fetichista de tocar em objetos que pertenceram ao escritor, algumas cautelas devem ser tomadas. Em primeiro lugar, a própria trajetória da biblioteca depois da morte do autor, conforme veremos adiante, nos impede que a contemplemos como o lugar onde se corroborarão (ou não) as tão estudadas influências e a intertextualidade presente na obra de Machado. Como vimos no capítulo anterior, ao falarmos em *biblioteca fantástica*, rejeitamos essa postura crítica que leva em conta formas de apropriação discursiva hierárquicas, para pensar a biblioteca como o lugar das práticas de leitura e de escrita que contribuirão, a partir do encontro entre biblioteca real e biblioteca ficcional, para o surgimento de uma biblioteca fantástica.

Por outro lado, não podemos afirmar que essa biblioteca real machadiana contém a totalidade das leituras efetuadas pelo escritor. Essa postura, ademais, parece-nos descabida, mesmo fora de nossa abordagem teórica, visto que muito possivelmente a biblioteca com a qual o escritor se relacionou enquanto vivo não é a mesma que o pesquisador tem perante si, tanto devido a sua trajetória tortuosa, quanto devido a um fato muita vez negligenciado: a maneira pela qual essa biblioteca estava organizada. Os critérios pessoais de organização de uma biblioteca, que determinam qual livro estará em contato físico com outro, quais livros serão postos lado a lado, são reveladores da forma de relacionamento do escritor com sua

biblioteca, aspecto irrecuperável quando se transporta a biblioteca de um escritor sem se ter o cuidado de manter ao menos uma memória iconográfica de tal ordenamento. Desse modo, quando nos deparamos com a biblioteca machadiana, organizada numa numeração que leva em conta os domínios linguísticos do acervo, segundo a catalogação pioneira de Jean-Michel Massa⁷⁶, não podemos mais resgatar a maneira pela qual Machado dispunha seus livros, tendo agora diante de si a maneira pela qual o crítico se relacionou com essa biblioteca.

Além disso, o acervo não se encontra mais em sua totalidade, se pensarmos na biblioteca que Machado realmente possuiu. Isso porque muitas perdas e avarias ocorreram desde a morte do autor até a catalogação e arquivagem de sua biblioteca, cujo acervo sofreu duas importantes diminuições, uma logo após a morte do autor e outra quando, ainda em posse dos herdeiros, esta perdeu uma parte significativa de seus volumes durante a Segunda Guerra, conforme relatou Jean-Michel Massa em 1960:

Infelizmente essa biblioteca está incompleta, já que por duas vezes foi amputada. Uma parte, que devia contar com cerca de 200 volumes, foi doada no dia seguinte à morte do autor e, até o momento, não foi possível reencontrá-la. Por outro lado, durante a última guerra, os livros em brochura dessa biblioteca, guardados em uma garagem durante a ausência dos herdeiros, se deterioraram e foram destruídos sem que fosse feito um levantamento. Os descendentes de Carolina Machado de Assis me informaram que, entre as obras das quais eles guardavam alguma lembrança, estavam Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, George Sand, Prosper Merimée, Gustave Flaubert e as obras completas de Pierre Loti. A literatura russa era representada pelas obras de Tolstoi. Finalmente, os seis volumes das obras completas de José de Alencar.⁷⁷

Faz-se necessário aqui explicitar a trajetória histórica dessa biblioteca, a fim de compreender melhor a constituição atual de seu acervo. Conforme foi dito acima, o primeiro crítico a catalogar a biblioteca machadiana foi Jean-Michel Massa, em 1960, quando esta ainda estava em posse dos herdeiros, tendo havido uma segunda catalogação apenas na década de 1990, realizada por Glória Vianna já na ABL⁷⁸.

O percurso dessa biblioteca, desde a morte do autor até o transporte para a Academia, passando pelo período de permanência com os herdeiros, segundo se verá, não é uma linha reta. Inicialmente, conforme o testamento deixado por Machado de Assis, sua biblioteca, ao lado de todos os seus bens e objetos pessoais, excetuando-se apenas a propriedade das obras

⁷⁶ A primeira catalogação dos livros de Machado, efetivada por Massa, foi publicada em francês na *Revista do Livro*, nº 21 e 22, em 1961, e traduzida e publicada em português apenas em 2001 (Cf. JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001).

⁷⁷ MASSA, Jean-Michel. "A biblioteca de Machado de Assis". In: JOBIM, José Luís (org.). Op. cit., p. 23.

⁷⁸ A catalogação de Glória Vianna foi publicada em 2001 no livro organizado por José Luís Jobim (VIANNA, Glória. "Revendo a biblioteca de Machado de Assis". In: JOBIM, José Luís (org.). Op. cit., p. 99-274).

literárias, deixada para o editor Garnier, foi legada a Laura Leitão de Carvalho, filha da sobrinha de sua esposa Carolina e afilhada do casal Machado de Assis⁷⁹. Contudo, segundo recuperou Glória Vianna em sua pesquisa nas atas das sessões acadêmicas da ABL, Machado havia declarado verbalmente na antevéspera de sua morte a transmissão de parte de seu espólio para a Academia, entre o qual estava a menção de sua biblioteca pessoal. A partir de então, a ABL encetou uma negociação amigável com a família da herdeira, para requerer o legado machadiano, resultando na transmissão para a Academia, em 30 de novembro de 1908, de “papéis manuscritos, originais, correspondências, retratos com dedicatórias, pequenos quadros oferecidos por amigos a Machado, a secretária e a cadeira que haviam sido usadas pelo escritor desde 1874, além de *várias obras com dedicatórias*”⁸⁰, cujos títulos não foram listados na ata da sessão que anunciava o acordo com os herdeiros.

Esse episódio da biblioteca machadiana explicaria, ainda segundo as hipóteses da pesquisadora Glória Vianna, a doação de parte dos livros do escritor logo após a sua morte, segundo relatou a Jean-Michel Massa, em 1960, a herdeira Laura Leitão de Carvalho, nessa época já casada com o Marechal E. Leitão de Carvalho. Quando da primeira catalogação dos livros pertencentes a Machado de Assis, na casa da herdeira, o crítico francês contabilizou 723 volumes.

Após um longo período de aparente esquecimento da biblioteca de Machado, o assunto voltou a ser discutido somente depois das comemorações do cinquentenário da morte do autor, em 1958. No entanto, a biblioteca de Machado só foi definitivamente transferida para a ABL por volta de 1964, sem que se tenha registrado nas atas das sessões acadêmicas nem a data exata, nem a lista dos livros transferidos⁸¹. Desse modo, não se pode recuperar se a totalidade do catálogo realizado por Massa em 1960 chegou intacta à Academia alguns anos depois.

Uma nova catalogação só será efetuada, como já afirmamos, na década de 1990, pela pesquisadora Glória Vianna. Segundo sua contabilização, foram listados 736 volumes ao proceder à atualização da lista de Massa, que colocava em uma única entrada obras que possuíam mais de um volume, fazendo com que o número superior de livros contabilizados,

⁷⁹ “nomeio herdeira única a menina Laura, filha de minha sobrinha e comadre Sara Braga da Costa e de seu esposo e meu compadre Major Bonifácio Gomes da Costa. // A propriedade das minhas obras literárias pertence ao meu editor Garnier”. (ASSIS, Machado de. *Testamento*. Arquivos da ABL. Firmado a 31 de maio de 1906. apud. VIANNA, Glória. “Revendo a biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 113).

⁸⁰ VIANNA, Glória. “Revendo a biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, José Luís (org.). Op. cit., p. 114, grifos do autor.

⁸¹ Segundo Vianna, a única menção nas atas à biblioteca machadiana já transferida é de 30 de dezembro de 1964 (Ibidem, p. 118.).

se se compará-lo com a contagem do crítico francês, revelasse, contraditoriamente, uma diminuição no acervo. Desse modo, não foram localizados 77 dos exemplares listados por Massa, o que apontava para uma nova perda no acervo da biblioteca de Machado. A pesquisadora também revelou outra importante mudança na constituição deste acervo, ao encontrar, em meio aos demais acervos da Academia, 15 exemplares que, apesar de listados, não foram numerados na sequência da catalogação então existente, todos dedicados a Machado de Assis, apontando para o fato de que esses livros poderiam fazer parte do lote de livros doados à Academia e incorporados ao acervo geral da ABL logo após a morte do autor.

Além disso, Vianna contabilizou no acervo total dos livros pertencentes a Machado a existência de exemplares carimbados com o nome do marido de Laura Leitão de Carvalho, o que apontaria para um possível enxerto de livros em sua biblioteca. A real condição de tais exemplares, no entanto, é dúbia, restando-nos apenas hipóteses, já que, apesar de conter o nome do esposo da herdeira, os tomos encontrados possuíam dedicatórias a Machado:

Ademais, o fato de verificarmos que 89 volumes⁸² da Biblioteca de Machado haviam sido carimbados com o nome de E. Leitão de Carvalho, esposo da herdeira do escritor, gerou muita inquietação, pois tal observação poderia levar-nos a supor que a biblioteca fora enxertada com os livros do Sr. Leitão de Carvalho... Mas, curiosamente, dentre os 89 volumes nos quais encontramos o referido carimbo, cinco estavam dedicados a Machado de Assis.⁸³

Desde então, segundo nos informou, em nossa visita à ABL em 2011, o bibliotecário responsável pela Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, Luiz Antônio de Souza, houve a informatização do sistema de catalogação da biblioteca, período durante o qual foram encontrados, em meio ao resto do acervo da ABL, mais volumes contendo dedicatórias dos autores, tradutores ou editores a Machado de Assis. Esses exemplares, somados aos 15 encontrados por Glória Vianna, foram catalogados e numerados, totalizando cerca de 173 volumes, em sua grande parte de autoria de contemporâneos de Machado, tais como Lúcio de

⁸² Alertamos para o fato de haver algumas inconsistências no catálogo desenvolvido pela autora e publicado em 2001 (Cf. JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001), no que concerne ao levantamento e à indicação das obras carimbadas com o nome do esposo da herdeira e das obras com marcações de leitura. Conforme pudemos verificar em nossa pesquisa na biblioteca machadiana, alguns volumes não indicados em sua lista possuem o referido carimbo (por exemplo: RETZ, Cardinal de. *Mémoires, adressées à Madame de Caumartin*. Paris: Charpentier, 1871 e RENAN, Ernest. *Histoire des origines du christianisme, depuis le départ de saint Paul pour sa première mission jusqu'à l'arrivée de saint Paul à Rome*. Paris: Michel Lévy Frères, 1869) e outros possuem marcas em mais páginas do que as indicadas (por exemplo: HÉRODIEN. *Histoire romaine, depuis la mort de Marc-Aurèle jusqu'à l'avènement de Gordien III*. Trad. Léon Halévy. Paris: Firman Didot, 1860 e RENAN, Ernest. Op. cit.).

⁸³ VIANNA, Glória. "Revendo a biblioteca de Machado de Assis". In: JOBIM, José Luís (org.). Op. cit., p. 105.

Mendonça, José Veríssimo, Júlio de Castilho, Souza Bandeira, Alfredo d'Escagnolle Taunay e Vicente de Carvalho.

Além disso, em nossa incursão pela biblioteca pessoal de Machado, nos deparamos com alguns dos volumes arrolados por Glória Vianna como desaparecidos, tais como toda a obra de Gustave Flaubert que se encontrava perdida, exceto o exemplar de *Salammbô*, ainda não localizado, e o exemplar da *Bíblia Sagrada*. Como nosso cotejo com a lista de Vianna não foi exaustivo, alertamos para o fato de esta última catalogação pública da biblioteca machadiana estar completamente defasada, sendo urgente a publicação de um catálogo atualizado das obras pertencentes a Machado, a fim de permitir o acesso público a este, evitando que tais informações fiquem restritas ao âmbito da ABL⁸⁴.

Percebe-se que a trajetória da biblioteca machadiana, com as suas avarias e possíveis enxertos, com todas as manipulações que esta sofreu ao passar por seus vários possíveis leitores, desde os herdeiros até os críticos que a catalogaram, denota a ingenuidade metodológica de se tomar uma dada catalogação de livros como a biblioteca completa de um escritor, já que

[...] a ausência de um livro das prateleiras desta biblioteca não significa que Machado não o tenha lido e, mesmo, não o tenha possuído nas prateleiras de sua biblioteca quando esta estava completa. Da mesma forma, *sua presença não prova nada além de um eco, uma reminiscência*, uma pista, um ar familiar que vem confirmar sua presença ou sua lembrança na obra de Machado de Assis.⁸⁵

O referido problema, nota-se, acentua-se ainda mais em nossa proposta de trabalho, quando se pretende olhar para a biblioteca pensando nas práticas de leitura, o que nos levaria às leituras efetivadas pelo escritor, leituras que teriam povoado seu imaginário e que estariam na base da enunciabilidade de suas obras, sendo tensionadas pela escrita ficcional. Pensar na biblioteca real de um escritor como denotadora da completude das leituras por ele efetivadas pressupõe, em primeiro lugar, que se está diante da totalidade de sua biblioteca, remetendo à primeira dificuldade já exposta; em segundo lugar, pressupõe que o resto da biblioteca que chegou até nós foi completamente lido pelo escritor e que ele nada leu além desse resto, o que

⁸⁴ Apesar de existir um sistema de consulta on-line ao acervo da Biblioteca Lúcio de Mendonça, disponível no site da ABL (www.academia.org.br), o catálogo atualizado das obras da biblioteca machadiana não é possível de ser acessado em sua integralidade pelo público geral através do site, já que o motor de busca permite que se encontrem as obras por palavra-chave, título, autor, assunto, editora, ISBN/ISSN, série e tipo de material, mas não pelo número de chamada, único indicativo do acervo ao qual o livro pertence, no nosso caso, o acervo pessoal de Machado de Assis. Dessa forma, faz-se necessária a publicação desse catálogo, para o livre acesso aos pesquisadores da lista completa das obras da biblioteca pessoal machadiana.

⁸⁵ MASSA, Jean-Michel. "A biblioteca de Machado de Assis". In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 32, grifos nossos.

implicaria na exclusão da hipótese dele frequentar outras bibliotecas ou gabinetes de leitura⁸⁶ ou do autor simplesmente não ter lido parte dos livros que possuía. Assim, temos que ter algumas precauções ao abordar a biblioteca pessoal de um escritor, levando em conta que o acervo que chegou ao crítico literário é apenas parte do que ele possuía, que ao longo do tempo outros livros podem ter sido enxertados à biblioteca, que o escritor não leu a sua totalidade de exemplares e que ela não contém a totalidade do que ele leu em vida⁸⁷.

Dessa maneira, devemos encarar a materialidade das bibliotecas dos escritores como um resto, como a parte de um todo que se perdeu. A biblioteca seria então vislumbrada como metonímia de uma virtualidade à qual não podemos mais aceder. Essa virtualidade pode ser encarada tanto como a biblioteca material completa, que o escritor possuía quando vivo, quanto o conjunto das leituras reais que ele efetivou ou como o potencial discursivo com o qual o escritor se relacionava e que sua escrita ficcional tensionou, dentro da noção de biblioteca fantástica. Já que pretendemos trabalhar com essa noção de biblioteca, mesmo que tivéssemos acesso à totalidade das bibliotecas dos escritores estudados, esta ainda seria algo metonímico, uma vez que possuiríamos apenas indícios das leituras realizadas e dessa relação babelesca estabelecida com os discursos. Como só possuímos restos dessa biblioteca, trabalhamos com uma metonímia em segundo grau: restos de restos.

O estudo com a biblioteca de Machado ou de Flaubert deve, pois, ter em mente o caráter precário desse “objeto”, relativizando sempre as pretensas descobertas de fontes ou influências, visto que a presença de um livro em suas bibliotecas não comprova um intertexto, mas

O conhecimento do que restou do universo de obras da biblioteca de Machado de Assis nos permite saber, pelo menos parcialmente, *quais os assuntos, quais os gêneros, quais os autores lidos por Machado, a partir dos quais/ com os quais/ contra os quais ele elaborou sua escrita*. Como os leitores contemporâneos, com frequência, não têm noção do papel que certos assuntos, obras e autores desempenharam no passado, uma das tarefas que

⁸⁶ No caso machadiano, é conhecido o fato de o escritor ser assíduo frequentador do Real Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca Nacional.

⁸⁷ Essa parece ser a mesma ressalva de Otto Maria Carpeaux, no que concerne às incursões em bibliotecas pessoais: “Contudo, nem sempre é possível tirar conclusões dessa espécie. Sobretudo no caso de espíritos de erudição enciclopédica, o conteúdo da biblioteca não quer dizer nada. Quem percorre hoje a imensa biblioteca (talvez a maior de todas as bibliotecas particulares) acumulada no Palazzo Filomarino em Nápoles por Benedetto Croce, em 80 anos de vida, encontra muita coisa que o filósofo detestava e não encontrará alguns livros que o acompanhavam até a última hora. Um repórter americano, visitando a formidável biblioteca particular do presidente Masaryk, perguntou ingenuamente: ‘E o senhor leu esses livros todos?’, a que o estadista tcheco respondeu: ‘Não li nem a metade dos meus livros, mas li muitos outros que aqui não estão’.” (CARPEAUX, Otto Maria. “Os mistérios da biblioteca”. *Reflexo e realidade. Ensaios*. Rio de Janeiro: Fontana, 1978, p. 275). Devemos a indicação deste ensaio ao bibliotecário-chefe da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça da ABL, Luiz Antônio de Souza.

cabe aos estudiosos da literatura é *recuperar, para o público de hoje, o contexto intelectual vivenciado por Machado*.⁸⁸

Ao observar as obras presentes no acervo da biblioteca machadiana, para além da recuperação de um contexto intelectual vivenciado por Machado, visto que sua biblioteca é representativa não apenas de seus interesses pessoais de leitura, mas também dos interesses de leitura de sua época, percebemos quais são os discursos latentes em sua obra, quais discursos já-escritos ele pode potencialmente ter tensionado na escrita de sua obra ficcional, ou seja, sobre qual biblioteca fantástica ele escreve, reescrevendo os discursos já-escritos. É interessante, nesse sentido, ver que sua biblioteca apresenta um número considerável de obras relacionadas a temas que percorrem parte significativa de sua obra ficcional, como por exemplo as incipientes psiquiatria e psicologia, que fazem presença em sua biblioteca em livros como *La vie psychique des bêtes* de Büchner, de 1881⁸⁹, *Les maladies de la mémoire* de Ribot, de 1881⁹⁰, *Prolégomènes à la psychogénie moderne* de Siciliani, de 1880⁹¹, e *Philosophie de l'inconscient* de Hartmann, de 1877⁹²; a biologia, em livros como *Principes de biologie* de Spencer, de 1877⁹³; temas relacionados à religião, em livros como as *Confissões do grande doutor da igreja* do Santo Agostinho, em edição de 1905⁹⁴, a *Bíblia Sagrada, contendo o velho e o novo testamento; traduzida em portuguez segundo a vulgata latina*, em edição de 1866⁹⁵, *Philosophie du droit ecclésiastique: des rapports de la religion et de l'état* de Franck, de 1864⁹⁶, e *Histoire des origines du christianisme, depuis le départ de saint Paul pour sa première mission jusqu'à l'arrivée de saint Paul à Rome* de Renan, de 1869⁹⁷; a história, em livros como *Histoire de la Guerre du Péloponnèse* de Tucídides, em edição de 1869⁹⁸, *Histoire romaine, depuis la mort de Marc-Aurèle jusqu'à l'avènement de Gordien III*

⁸⁸ JOBIM, José Luís. "Introdução". In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 14, grifos nossos.

⁸⁹ BÜCHNER, Louis. *La vie psychique des bêtes*. Paris: C. Reinwald, 1881.

⁹⁰ RIBOT, Th.. *Les maladies de la mémoire*. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1881.

⁹¹ SICILIANI, Pierre. *Prolégomènes à la psychogénie moderne*. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1880.

⁹² HARTMANN, Edouard. *Philosophie de l'inconscient*, 2 vol. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1877.

⁹³ SPENCER, Herbert. *Principes de biologie*, 2 vol. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1877.

⁹⁴ AGOSTINHO, Santo. *Confissões do grande doutor da igreja*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

⁹⁵ *BÍBLIA SAGRADA, contendo o velho e o novo testamento; traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, por Antonio Pereira de Figueiredo*. Londres: na Officina de Harrison e filhos, St. Martin's Lane, Charing Cross, 1866.

⁹⁶ . FRANCK, Ad. *Philosophie du droit ecclésiastique: des rapports de la religion et de l'état*. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1864.

⁹⁷ RENAN, Ernest. *Histoire des origines du christianisme, depuis le départ de saint Paul pour sa première mission jusqu'à l'arrivée de saint Paul à Rome*. Paris: Michel Lévy Frères, 1869.

⁹⁸ THUCYDIDE. *Histoire de la guerre du Péloponnèse*, 2 vol. Paris: Charpentier, 1869.

de Herodiano, em edição de 1860⁹⁹, e praticamente todos os volumes, até 1874, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁰⁰.

No entanto, a partir de uma biblioteca de temas variados – onde ao lado de livros de cunho não ficcional não faltam a literatura inglesa, alemã, brasileira, portuguesa, italiana, latina, grega, além de um grande contingente de literatura francesa –, uma vez que partimos do pressuposto de que a escritura machadiana revela um efeito de leitura que desvela sua própria interdiscursividade, o que podemos depreender do trabalho de escrita e de leitura efetuados na biblioteca real e extravasados pela biblioteca ficcional?

Tentar recuperar rastros desse trabalho de leitura, subjacente à escrita, que denotem procedimentos de leitura e de escrita, é dificultoso no caso machadiano, visto praticamente não haver marcas ou anotações de leitura em sua biblioteca, mostrando um apagamento sistemático desse trabalho de leitura, como aponta Glória Vianna:

Quanto às anotações feitas nos livros, pode-se afirmar que não era uma prática do escritor fazer considerações nas margens dos textos. É muito mais comum verificar-se marcações de leitura, prática que se observa em mais de 10% da coleção. Só observamos anotações em 4 volumes, mas não se pode garantir que tenham sido feitas pelo escritor. O professor Massa defende a idéia de que tais livros podem ter sido comprados de segunda mão, o que significa que já possuíam anotações.¹⁰¹

Apontando esse apagamento da leitura, até mesmo nos casos em que o escritor parece haver procedido ao que se chamaria de uma citação direta, copiando integralmente um trecho de uma obra para o seu discurso ficcional, esse processo passa sem deixar nenhuma indicação no livro lido. Vejamos um exemplo.

Na obra *Esau e Jacó* é evidente o fato de o autor utilizar-se do discurso bíblico em sua trama ficcional, fazendo uso de referências, alusões e até mesmo citações de trechos, para as quais chamamos aqui a atenção. Como se pode verificar na obra publicada, em dois momentos específicos, o narrador faz uso da citação de trechos da Bíblia, a fim de ilustrar a situação vivida pelos personagens, comparando-a com o evento narrado nas Escrituras. Um deles se dá no capítulo XV, intitulado “*Teste David cum Sibylla*”, no qual o espírita Plácido, ao ser consultado por Santos acerca da briga dos gêmeos no ventre da mãe, revelada

⁹⁹ HÉRODIEN. *Histoire romaine, depuis la mort de Marc-Aurèle jusqu'à l'avènement de Gordien III*. Trad. Léon Halévy. Paris: Firman Didot, 1860.

¹⁰⁰ *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. 1-11, 14-37. Rio de Janeiro: 1839-1874.

¹⁰¹ VIANNA, Glória. “Revendo a biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 127.

pela cabocla do Castelo, vê nos nomes escolhidos para os dois uma corroboração da briga e, para provar o desentendimento dos apóstolos Pedro e Paulo, cita um versículo bíblico:

Santos expôs então a consulta, gravemente, com um gesto particular que tinha de arregalar os olhos para arregalar a novidade. Não esqueceu nem escondeu nada; contou a própria ida da mulher ao Castelo, com desdém, é verdade, mas ponto por ponto. Plácido ouvia atento, perguntando, voltando atrás, e acabou por meditar alguns minutos. Enfim, declarou que o fenômeno, caso se houvesse dado, era raro, se não único, mas possível. Já o fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também.

– Perdão, mas o baptismo...

– Foi posterior, sei, mas os nomes podem ter sido predestinados, tanto mais que a escolha dos nomes veio, como o senhor me disse, por inspiração à tia dos meninos.

– Justamente.

– D. Perpétua é muito devota.

– Muito.

– Creio que os próprios espíritos de São Pedro e São Paulo houvessem escolhido aquela senhora para inspirar os nomes que estão no Credo; advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles.

– Exato, exato!

O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epístola de São Paulo *aos Gálatas*, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava São Pedro, “resistiu-lhe na cara”.¹⁰²

Se cotejarmos a citação machadiana com a edição da Bíblia Sagrada presente no acervo da biblioteca de Machado, veremos uma quase coincidência textual, ficando evidente a cópia: “Ora tendo vindo Céfas a Antioquia: eu lhe resisti na cara, porque era reprehensível.”¹⁰³. Percebe-se, todavia, duas mudanças mínimas operadas pelo texto machadiano; a primeira é a inversão de papéis entre as personagens: parecendo pouco preocupado em seguir à risca o texto citado, na paráfrase da contextualização do evento bíblico, o narrador afirma que Paulo é quem chega em Antioquia, onde estava Pedro, quando na Bíblia o que se dá é o contrário. Em seguida, ao transcrever o trecho, revela-se uma tensão operada pela escrita machadiana com relação à oralidade, já que o narrador acaba por solapar a colocação pronominal em próclise do original, “lhe resisti”, mais condizente com o falar

¹⁰² ASSIS, Machado de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1975 [1904], p. 93-4, grifos do autor. A partir daqui todas as citações desta obra serão identificadas corpo do texto, entre parêntesis, pela abreviação do título (*EJ*), seguida da indicação da página correspondente a esta edição.

¹⁰³ *BÍBLIA SAGRADA, contendo o velho e o novo testamento; traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, por Antonio Pereira de Figueiredo*. Londres: na Officina de Harrison e filhos, St. Martin's Lane, Charing Cross, 1866, p. 1143.

brasileiro, para empregar a forma preconizada pela normatização gramatical, que recomenda a ênclise, “resisti-lhe”.

O outro momento no qual um trecho bíblico é citado *ipsis litteris* ocorre no capítulo XLVII, intitulado “*São Mateus, IV, 1-10*”, no qual Dona Cláudia tenta convencer Baptista a passar para o lado dos liberais, a fim de permitir que o marido consiga uma presidência de província. Ao final da disputa verbal encetada entre as duas personagens, o narrador cita um trecho do evangelho de São Mateus, estabelecendo um paralelo entre a situação relatada no excerto bíblico – a tentação de Cristo no deserto – e a situação das personagens, na qual a esposa de Baptista estaria desempenhando o papel do Diabo:

[...] O pai abraçou-a [Flora] com amor, e perguntou-lhe se queria ir para alguma província, sendo ele presidente.

– Mas os conservadores não caíram?

– Caíram, sim, mas supõe que...

– Ah! não, papai!

– Não, porquê?

– Não desejo sair do Rio de Janeiro.

Talvez o Rio de Janeiro para ela fosse Botafogo, e propriamente a casa de Natividade. O pai não apurou as causas da recusa; supô-las políticas, e achou novas forças para resistir às *tentações de Dona Cláudia*: “Vai-te, Satanás; porque escripto está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele servirás.” E seguiu-se como na Escripura: “Então o deixou o Diabo; e eis que chegaram os anjos e o serviram.” Os anjos foram só um, que valia por muitos; e o pai lhe disse beijando-a carinhosamente:

– Muito bem, muito bem, minha filha.

– Não é, papai?

Não, não foi a filha que tolheu a deserção do pai. Ao contrário. Baptista, se tivesse de ceder, cederia à *mulher ou ao Diabo*, sinônimos neste capítulo. (EJ, p. 150-1, grifos nossos)

Consultando a Bíblia presente na biblioteca pessoal de Machado, encontramos o trecho citado, sugerindo uma transposição quase exata, uma cópia do excerto: “Então lhe disse Jesus: Vai-te Satanás: Porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás. // Então o deixou o diabo: e eis-que chegarão os anjos, e o servirão”¹⁰⁴.

Vê-se que, mesmo quando o excerto é retomado em sua integralidade, sem mudanças, não aparecem marcas de leitura no volume original, apontando para a dificuldade em se verificar materialmente os procedimentos de leitura do autor, levando-nos a observar a tensão estabelecida na própria ficção, na biblioteca ficcional. Dessa forma, ao observarmos a transposição do texto bíblico, pelo simples fato de este estar em outro contexto, sendo regido

¹⁰⁴ *BIBLIA SAGRADA*, contendo o velho e o novo testamento; traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: na Officina de Harrison e filhos, St. Martin's Lane, Charing Cross, 1866, p. 933.

por lógicas discursivas divergentes, ele já é modificado de alguma forma. Observar o lugar de inserção desse excerto no ficcional parece-nos ser a via alternativa para compreender a maneira pela qual Machado faz a sua literatura relacionar-se com os discursos já-escritos, o que revelaria sua maneira de ler – através da reescrita – a biblioteca. Resta-nos então a indagação que julgamos ser primordial aqui: o que significa inserir esses trechos da Bíblia em *Esaú e Jacó*?

Primeiramente, como já apontamos, a simples transposição do excerto de um contexto a outro já traz mudanças consideráveis, mesmo que se mantenha o discurso alheio sem alterações. Lembramos aqui a ideia borgiana da reescrita do Quixote por Pierre Menard¹⁰⁵: a cópia exata do texto de Cervantes nos dias atuais não gera um plágio, mas paradoxalmente dá lugar a um texto novo, completamente diferente do original, uma vez que escrever um Quixote *hoje* tem implicações diversas de se escrever um Quixote na época de Cervantes. Percebe-se que a distância histórica que nos separa do contexto de produção da obra cervantina é que é determinante para a resignificação da reescrita da obra, fazendo com que sua cópia em outro tempo e espaço, ou seja, sua enunciação segundo outras condições de produção, gere uma obra necessariamente original.

Desse modo, a cópia da Bíblia no texto de Machado, ao deslocá-la de seu contexto de produção, já faz com que o texto reescrito seja outro. Além disso, no texto ficcional, não estamos mais diante da mesma lógica discursiva: se na Bíblia a baliza para se compreender o que é dito encontra-se sobretudo na ideia de que se veicula uma Verdade, no texto do romancista temos o pressuposto de que tudo o que é lido deve ser encarado como algo ficcional, como algo construído, isto é, como artifício, visto estar subentendida em toda leitura romanesca uma disposição de leitura que prevê que tudo ali seja lido como *literatura*.

Em segundo lugar, vemos que o texto machadiano arrola a citação bíblica, no primeiro caso, de maneira que esta venha a ser usada por uma personagem a fim de justificar e corroborar a predição da cabocla, esta carregada de misticismo. Percebe-se que a colocada, lado a lado, de um texto tido como sagrado a uma situação tida como profana, nivela os dois contextos, ao transformar o que era legatário de uma verdade unívoca em mais uma predição mística e incontestável logicamente, já que igualmente regida pela baliza da crença: ou se acredita ou não se acredita em sua pretensa “veracidade”. Vemos que o texto bíblico é manipulado pela personagem, a fim de confirmar algo que não pode ser confirmado ou demonstrado de maneira nenhuma, uma vez que a predição, assim como tudo o que envolve a

¹⁰⁵ BORGES, Jorge Luis. “Pierre Menard, autor del Quijote”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1944], p. 444-450.

crença religiosa, não é passível de ser explicada e demonstrada logicamente. Percebe-se que a Verdade bíblica se perde, já que esta, equiparada à predição, é igualmente discutível e hipotética.

Além disso, o texto machadiano opera uma ironia fina ao proceder a essa equiparação, colocando em relevo no próprio título do capítulo, e em seguida na fala da personagem, a comparação entre o profano e o sagrado, através da expressão “*Teste David cum Sibylla*”, que aponta justamente para o fato de um “oráculo” equivaler e provar o outro, no que concerne à inquietação da personagem: “– Deixe às senhoras as suas crenças da meninice, concluiu; se elas têm fé na tal mulher do Castelo, e acham que é um veículo de verdade, não as desminta por ora. Diga-lhes que eu estou de acordo com o seu oráculo. *Teste David cum Sibylla*” (EJ, p. 95, grifos do autor).

A fina ironia é igualmente reforçada quando a personagem, logo após ler a citação bíblica apresentada por Plácido e embarcando na predição bíblica, vê em todos os menores fatos indícios que corroboram o oráculo, fazendo com que até os números do capítulo e versículo da citação comprovem o presságio anunciado:

– Leia: “resisti-lhe na cara.”

Santos leu e teve uma ideia. As ideias querem-se festejadas, quando são belas, e examinadas, quando novas; a dele era a um tempo nova e bela. Deslumbrado, ergueu a mão e deu uma palmada na folha, bradando:

– Sem contar que este número *onze* do versículo, composto de dous algarismos iguais, 1 e 1, é um número gêmeo, não lhe parece?

– Justamente. E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dous, que é o próprio número dos irmãos gêmeos. (EJ, p. 94, grifos do autor)

Em seguida, as personagens continuam a cogitar e Santos deixa-se levar por uma espécie de *rêverie*, aventando uma nova hipótese, então inspirada pelo espiritismo, centrada na ideia da reencarnação, ampliando ainda mais o leque de conjecturas balizadas pela crença, mas desencadeadas por indícios mínimos e pouco convincentes, ironicamente descritos como “substanciais”, tais como os números dobrados, a suposta briga dos gêmeos no ventre da mãe e a suposta inspiração divina dos nomes de Pedro e Paulo:

Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram *águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força*. Santos foi mais ao fundo; não seriam os dous meninos os próprios espíritos de São Pedro e de São Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dous apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um *ar quase divino*, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a *chama da vida*. Pai de apóstolos! e que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de

um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que os espíritos de São Pedro e São Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia. (EJ, p. 95, grifos nossos)

Nota-se que a descrição é permeada por algumas imagens muito próximas de lugares-comuns de efeito romântico¹⁰⁶, que reforçam o aspecto irônico do excerto, mostrando o ridículo das suposições das personagens. O texto bíblico é, portanto, contaminado pela ironia do texto machadiano, contribuindo para o rebaixamento do texto original.

Nesse mesmo sentido, na outra citação do texto das Escrituras, também temos um rebaixamento do texto bíblico, visto que este é comparado pelo narrador a uma rele situação cotidiana. Ao colocar lado a lado as “tentações de Dona Cláudia” – que enseja que seu marido abandone os conservadores e se declare liberal, a fim de conseguir vantagens pessoais, já que estes estavam então no poder – e a tentação de Cristo no deserto, esta última vê-se diminuída, uma vez que serve para ilustrar um caso mezinho decorrente da dança política de alternância entre liberais e conservadores. Apontando o despropósito da comparação, dada a distância e a desproporção entre as situações, a aproximação subjacente à inserção do texto bíblico, a saber, Satanás-Dona Cláudia-liberais, Cristo-Baptista-conservadores e anjos do céu-Flora, mas explicitada pelo narrador, ao colocar Dona Cláudia e o Diabo como “sinônimos neste capítulo”, se torna, no mínimo, risível, já que a luta maniqueísta entre o bem e o mal, Deus e Diabo, da Bíblia é justaposta à mera alternância política entre partidos e aos interesses pessoais de uma personagem. A própria oposição entre bem e mal, entre Deus e Diabo, ao ser nivelada à oposição entre conservadores e liberais, é relativizada, senão extinta, visto o que é comparado à oposição maniqueísta máxima aparecer no próprio texto como algo relativo, onde os opostos quase que se equivaleriam: “– Você estava com eles [os conservadores], como a gente está num baile, onde não é preciso ter as mesmas ideias para dançar a mesma quadrilha” (EJ, p. 149). O despropósito da comparação risível, ao esvaziar o sentido do texto bíblico e ironizá-lo, acaba por afetar o próprio procedimento da citação, visto como um artifício igualmente risível e rebaixado.

Assim sendo, o leitor depara-se com a referência a um texto que lhe é familiar, fazendo com que este reconheça a narrativa como válida e como inserida numa tradição de

¹⁰⁶ Para um estudo mais aprofundado das imagens advindas de um lugar-comum, nomeadas de *comparação-kitsch*, e sua relação com a ironia na obra de Machado e Flaubert, remetemos ao estudo de Livia Cristina Gomes (GOMES, Livia Cristina. *Machado com Flaubert ou a política da escrita*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011).

outros textos, mas este aparece de maneira a ser rebaixado e dessacralizado¹⁰⁷. Frente à necessidade de citar para que sua narrativa seja reconhecida, resta o recurso de dessacralizar o texto – tornando sua verdade unívoca não apenas relativizada e ironizada, mas também inócua – e de apontar para a citação como algo artificialmente construído e imposto.

Percebemos que a operação machadiana de manipulação de leituras é evidente, mesmo quando estas não deixam marcas. No entanto, faz-se necessário observar se os escassos sinais deixados pela leitura machadiana em sua biblioteca ainda têm algo a nos dizer e quais dificuldades o estudo destes impõe ao crítico literário.

Observando os exemplares da biblioteca machadiana, corroboramos a existência de poucas marcas de leitura, entre as quais se encontram trechos e palavras soltas sublinhadas, excertos marcados com risco na margem, páginas com as pontas dobradas, páginas com manchas que indicam a marcação com papel e pouquíssimas anotações nas margens. Essas poucas indicações, contudo, poderiam apontar para um interesse mais específico em determinadas leituras, já que se em um pequeno contingente de livros foram feitas sublinhas ou marcações de parágrafos e na grande maioria não, isso denotaria uma leitura mais fina ou mais detida em certas obras.

Analisando brevemente algumas dessas marcas, pudemos ver que o estilo delas é bastante variado, havendo, por exemplo, tanto marcas nas margens e sublinhas a lápis comum, retas, onduladas ou em arcos, quanto marcas com lápis azul ou vermelho, em linha reta na margem ou em pequenos colchetes marcando o início ou o fim de um parágrafo. É evidente que Machado poderia utilizar vários padrões de marcações, mas o fato de termos encontrado em um dos exemplares com mais marcas a lápis comum a existência de um comentário numa grafia que claramente não é de Machado, se se compará-la à grafia do escritor nos manuscritos de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*¹⁰⁸, por exemplo, somado ao fato de haver no mesmo exemplar marcas com lápis azul e uma dedicatória que indica que o livro pertenceu a Alfred de Vigny¹⁰⁹, aponta para a reserva que devemos ter quanto à atribuição da autoria

¹⁰⁷ Sobre o procedimento dessacralizador da escrita de Machado, que procede a uma profanação (no sentido de tornar profano, de retirar o aspecto sagrado) do texto, remetemos ao artigo de Ivo Barbieri (BARBIERI, Ivo. “O lapso ou uma psicoterapia do humor”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 335-357), do qual trataremos mais adiante, ainda neste tópico.

¹⁰⁸ Os referidos manuscritos, por nós consultados, encontram-se sob a guarda da ABL, no setor de Arquivo dos Acadêmicos.

¹⁰⁹ Trata-se do exemplar da *Histoire romaine* de Herodiano (HÉRODIEN. *Histoire romaine, depuis la mort de Marc-Aurèle jusqu'à l'avènement de Gordien III*. Trad. Léon Halévy. Paris: Firman Didot, 1860), onde figura a dedicatória “A Monsieur le Comte Alfred de Vigny de l'Académie Française. Hommage respectueux de Léon Halévy” e em cuja página de número 13, onde se encontra sublinhado “Rome est là où est l'empereur” (“Roma está onde está o imperador”), lê-se o seguinte comentário parcialmente ilegível na margem inferior: “Corneille a

dessas marcações. Além disso, a própria trajetória tortuosa da biblioteca nos adverte para a possibilidade de esta poder ter possuído vários outros leitores que não Machado de Assis.

Apesar dessa dificuldade, observando as partes marcadas nas margens ou sublinhadas, encontramos sinais em trechos que coadunam informações específicas com relação a dado tema¹¹⁰, episódio histórico¹¹¹ ou descrição de algum aspecto científico¹¹², além de alguns trechos que parecem ter sido marcados por seu potencial imagético¹¹³, demonstrando o interesse mais detido em algumas partes ou aspectos da obra, mas que se revelaram pouco produtivas no âmbito de nosso trabalho, devido ao número reduzido de ocorrências.

No entanto, como se percebe por esse rápido exame da biblioteca machadiana, as dificuldades encontradas pelo crítico que deseja seguir traços materiais deixados pela leitura

pu prendre ici. // Rome n'est plus dans Rome <illisible>” (“Corneille pode ter tirado daqui. // Roma não está mais em Roma <ilegível>”).

¹¹⁰ Tal é o caso das anotações efetuadas nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde, por exemplo, no tomo VI, de 1844, no capítulo intitulado “Instrução para o visconde de Barbacena Luiz Antonio Furtado de Mendonça, governador e capitão general da capitania de Minas-Geraes. (oferecida ao Instituto pelo seu secretario perpetuo o cônego Januario da Cunha Barbosa)”, há inúmeras marcas em azul e vermelho nas margens e várias sublinhas em trechos que abordam os impostos das paróquias em Minas em 1718, a cobrança do quinto, as casas de fundição, o estabelecimento da casa da moeda, o valor do rendimento anual das minas e a derrama do ouro, sublinhados sobretudo datas e valores (*Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. VI. Rio de Janeiro: Typographia João Ignácio da Silva, 1865); o mesmo se repete no tomo XV da revista, de 1852, em cujo artigo “Instrução para o governo da capitania de Minas-Geraes, por João José Teixeira Coelho” há marcas em azul nos parágrafos e tabelas, além de sublinhas em trechos sobre a intendência do ouro e os ordenados dos oficiais nas diversas comarcas de Minas, tais como Villa Rica, Sabará, São João d’El-Rei e Villa do Príncipe (*Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. XV. Rio de Janeiro: Laemmert, 1852).

¹¹¹ A título de ilustração, citamos o trecho marcado na margem em azul na obra de Herodiano: “Pendant que la Cappadoce était le théâtre de ces événements, les habitants de Laodicée, en Syrie, par jalousie pour les habitants d’Antioche, qu’ils détestaient, commençaient à se soulever contre Nigér; et ceux de Tyr, en Phénicie, suivaient cet exemple, par haine pour les habitants de Beryte” (“Enquanto que a Capadócia era o palco destes acontecimentos, os habitantes da Laodiceia, na Síria, por inveja dos habitantes de Antioquia, que eles detestavam, começaram a sublevar-se contra Níger; e os habitantes de Tiro, na Fenícia, seguiram esse exemplo, por ódio pelos habitantes de Beirute”. HÉRODIEN. *Histoire romaine, depuis la mort de Marc-Aurèle jusqu’à l’avènement de Gordien III*. Trad. Léon Halévy. Paris: Firman Didot, 1860, p. 99).

¹¹² Também a título de exemplificação, transcrevemos o trecho marcado com lápis azul na obra de Ribot: “Lorsqu’un enfant apprend à écrire, remarque Lewes, il lui est impossible de remuer sa main toute seule; il fait mouvoir aussi sa langue, les muscles de sa face et même son pied. Il en vient avec le temps à supprimer des mouvements inutiles. Tous, quand nous essayons pour la première fois un acte musculaire nous dépensons une grande quantité d’énergie superflue, que nous apprenons graduellement à restreindre au nécessaire” (“Quando uma criança aprende a escrever, observa Lewes, lhe é impossível mexer a mão sozinha; ela move também sua língua, os músculos de sua face e até mesmo seu pé. Com o tempo, ela acaba por suprimir os movimentos inúteis. Todos nós, quando esboçamos pela primeira vez um ato muscular, desperdiçamos uma grande quantidade de energia supérflua, que aprendemos gradualmente a restringir ao necessário”. RIBOT, Th.. *Les maladies de la mémoire*. Paris: Librairie Germer Baillière et cie, 1881, p. 7).

¹¹³ Exemplos dessa ocorrência singular foram encontrados sobretudo na obra de Renan, da qual citamos um exemplo, marcado na margem com lápis vermelho: “A chaque bordée, on effleure cette terre vraiment sainte, où la perfection s’est une fois dévoilée, où l’idéal a réellement existé, cette terre qui a vu la plus noble des races fonder en même temps l’art, la science, la philosophie, la politique” (“A cada navegação costeira, tocamos essa terra verdadeiramente santa, onde a perfeição se desvelou outrora, onde o ideal realmente existiu, essa terra que viu a mais nobre das raças fundar ao mesmo tempo a arte, a ciência, a filosofia, a política”. RENAN, Ernest. *Histoire des origines du christianisme, depuis le départ de saint Paul pour sa première mission jusqu’à l’arrivée de saint Paul à Rome*. Paris: Michel Lévy Frères, 1869, p. 167).

do escritor são imensas e incontornáveis, como testemunha tanto a falta de marcas e/ou anotações de leitura e a precariedade da definição da autoria dos poucos traços deixados nos livros, quanto a própria configuração da biblioteca que, como vimos, prevê como hipótese a existência de enxertos, além de denotar perdas consideráveis. Nosso interesse pela biblioteca real do escritor volta-se, mais uma vez, para o que ela tem de virtual, para o que ela potencialmente nos aponta como sendo uma relação material e discursivamente mais fluida entre leitura e escrita, pensando-a como o lugar da enunciabilidade e da construção de um imaginário livresco que se forma entre o resto ambíguo da biblioteca real e a biblioteca ficcional, delineando uma biblioteca fantástica. Percebe-se que nosso percurso crítico, olhando para os restos da biblioteca pessoal de Machado enquanto virtualidade a ser extrapolada pela ficção, reencontrou o livro feito de livros, a biblioteca ficcionalizada, com vistas a compreender os efeitos dessa relação interdiscursiva na escritura, sem ensejar detectar possíveis diálogos diretos, já que

[...] mesmo que contássemos com a biblioteca perfeitamente conservada e de fato tivéssemos certeza de que eventuais anotações foram produzidas por Machado, ainda assim não poderíamos estabelecer *nenhuma* relação imediata entre eventuais leituras e a obra do autor.¹¹⁴

Conforme ressalta João Cezar de Castro Rocha, devemos relativizar a busca pelos traços das “influências diretas” na biblioteca de Machado e procurar novas formas de abordá-la, visto que a biblioteca parece ser mobilizada pela escritura de maneira diversa, atuando mais como um potencial discursivo *com o qual* ou *contra o qual* o escritor trabalha, numa relação que se aproxima da ideia de uma biblioteca fantástica e nega qualquer tipo de relação direta e/ou hierárquica, conforme vimos no caso das citações bíblicas e conforme veremos a seguir, a partir de duas breves análises literárias de críticos que abordaram o tema.

Nesse sentido, podemos citar o caso aventado por Maria Elizabeth Chaves de Mello, acerca da relação entre Machado e Sterne. Observando os exemplares do escritor inglês na biblioteca de Machado, a crítica se depara com um problema curioso: o fato de haver um exemplar de Sterne em francês, o *Sterne inédit. Le koran, oeuvres posthumes complètes*, obra possivelmente apócrifa, conforme ressalta a autora, ao lado de dois únicos exemplares de Sterne no original, *The life and opinions of Tristram Shandy* e *A sentimental journey*, volumes aparentemente intactos, sem nenhuma marca de terem sido manuseados. Apesar de colocar

¹¹⁴ ROCHA, João Cezar de Castro. “Machado de Assis, leitor (autor) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 325, grifos do autor.

em questão uma hipótese difícil de ser provada – se Machado teria ou não lido Sterne no original – a crítica tira uma interessante conclusão de seu dilema: “Se ele só leu o autor de *Tristram Shandy* em texto apócrifo, nossa reflexão torna-se mais interessante, pois abre-se um espaço maior e mais rico para pensar sobre a questão do imaginário em sua obra”¹¹⁵.

Desse modo, a autora coloca a possibilidade de afastar-se da busca de traços de uma leitura precisa de Sterne para pensar, conforme preferimos nomear, a questão da interdiscursividade a partir do ponto de vista de uma biblioteca fantástica, construída no intervalo entre os livros presentes na biblioteca real do escritor e seu imaginário livresco: os livros sonhados na biblioteca ficcional presente no discurso romanesco. Concluimos que, frente à necessidade de citar, ou ao menos de trazer uma reminiscência, ou ecos, de outros discursos, de fazer uso de um já-escrito para validar a própria literatura que está sendo forjada, é de pouca ou nenhuma importância verificar a veracidade ou fidedignidade da fonte, ou certificar se Machado leu ou não determinado autor.

Nesse caso, frente à falta de marcas de leitura, ao apagamento do trabalho de leitura implícito pela escrita, contrapostos a uma profusão de discursos na trama ficcional, nos interessa aqui compreender sobretudo qual é o efeito gerado pela inclusão na própria estrutura das obras de uma explícita interdiscursividade, que aponta para uma patente relação entre o trabalho de escrita e as leituras empreendidas na biblioteca, fazendo desta o lugar da enunciabilidade das obras, a partir da qual se delineará a biblioteca fantástica. Para isso, observemos outro caso de análise da tentativa de relacionar a escritura de Machado e os discursos já-escritos, a partir de sua biblioteca real.

Ivo Barbieri, num artigo no qual se enseja relacionar de alguma forma as leituras machadianas efetivadas em sua biblioteca aos seus ecos presentes na obra ficcional, no que concerne à reescrita dos discursos da psicologia, percebe que os discursos já-escritos apareceriam na obra do escritor a contrapelo deles mesmos, visando estabelecer um afastamento com relação ao discurso alheio original. Ao buscar as formas de reapropriação do livro *Les maladies de la mémoire* de Ribot no conto machadiano “O lapso”, o crítico destaca que

A leitura em paralelo dos dois textos, o do ficcionista e o do psicólogo, produz o efeito de um diálogo intertextual gerador de espaço semântico contraditório pois que, articulado à base de unidades lexicais convergentes, gera significados divergentes. É que táticas e estratégia divergem de um para outro texto. Enquanto a exposição do psicólogo apresenta-se com a

¹¹⁵ Maria Elizabeth Chaves de Mello. “Machado de Assis, leitor de Lawrence Sterne”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 306, grifos do autor.

gravidade de quem pretende ter alcançado uma nova verdade científica e, para enunciá-la, necessita elaborar um discurso coeso e convincente, a narrativa do ficcionista desmascara, sob a aparência de falsa seriedade, a inconsistência da construção monolítica e presunçosa. Imitando a forma retórica do discurso pseudo-científico, Machado inverte-lhe o sentido, bem ao gosto da paródia estilística.¹¹⁶

Desse modo, Machado operaria uma importante mudança discursiva ao incluir em sua obra discursos – ou restos de discursos – já-escritos, uma vez que, ao fazer uso de uma retórica pseudocientífica num contexto irônico, acaba minando a univocidade de sentido do discurso original: a verdade científica torna-se mera ficção risível. Segundo Barbieri, a principal forma machadiana de reapropriação de discursos alheios, responsável por esse efeito que ele denomina de dessacralizador¹¹⁷, seria a descontextualização discursiva: “Descontextualizando categorias e enunciados, emenda-os em novos contextos, construindo novos textos, os seus, sobre as ruínas de textos desmoronados”¹¹⁸.

É interessante, pois, observar que a reescrita machadiana do já-dito não se faz na ordem da continuação passiva de uma biblioteca, mas sim dentro de uma perspectiva de contraposição aos discursos alheios¹¹⁹. Apesar de subentendida na ficção de Machado, visto que sua trama ficcional aponta justamente para seu aspecto interdiscursivo e sua própria enunciabilidade não parece ser possível fora dessa relação intrínseca com os discursos já-escritos, a biblioteca aparece para ser negada: ela está subentendida em negativo na obra.

Dada a relação predominantemente irônica ou de rebaixamento que Machado parece estabelecer com esses discursos e com o próprio procedimento de citar, lendo-os a contrapelo ou diminuindo-os ao colocá-los para narrar coisas mezinhas, sem se apropriar da biblioteca como portadora de uma verdade absoluta, mas tornando os discursos ambíguos, notamos que a referência a esses discursos parece ser caracterizadora de uma necessidade imperiosa e dúbia de se relacionar com uma instituição discursiva, que revela uma problemática própria à literatura brasileira da época machadiana: como fazer literatura no Brasil nos oitocentos? Quais suas condições de enunciabilidade e de legibilidade? Com quem, contra quem se

¹¹⁶ BARBIERI, Ivo. “O lapso ou uma psicoterapia do humor”. In: JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001, p. 342-3.

¹¹⁷ “circuito dessacralizador do procedimento machadiano” (Ibidem, p. 345).

¹¹⁸ Ibidem, p. 344.

¹¹⁹ Igualmente nesse sentido de uma escrita que se contrapõe à biblioteca, remetemos nosso leitor ao trabalho de Leonardo Vieira de Almeida acerca da biblioteca machadiana, para quem “Este potencial crítico, descentralizador da verdade, é o meio pelo qual o defunto autor destrói, mediante a leitura distorcida do original, a posição do saber da biblioteca”, “exuma[ndo] a biblioteca de seu lugar preconizado de um saber instituído” (ALMEIDA, Leonardo Vieira. “A questão da biblioteca em *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006, p. 147 e 152).

relaciona ao fazer literatura? Onde se insere a literatura brasileira? E, talvez a pergunta mais difícil de sobrepujar, existe literatura no Brasil de Machado? Assim, a necessidade de se relacionar com outros discursos parece ser uma saída possível para dar existência a essa “literatura em formação”¹²⁰, como se a escritura machadiana assim dissesse: “já que temos que nos inserir numa tradição ou na rede de discursos já-escritos para escrever, para fazer literatura, para tornar nossa literatura legível, para construir um campo, vou fazê-lo, mas de forma crítica, lendo a contrapelo e mostrando de forma irônica o próprio procedimento escritural”. Nesse caso, os discursos já-escritos, ou a biblioteca, se impõem como uma instituição artificiosa.

No entanto, é interessante reforçar que, como vimos no caso da leitura machadiana do texto bíblico, o efeito crítico percebido através da inclusão enviesada de discursos já-escritos, que desvela a necessidade de relacionamento com uma biblioteca artificialmente imposta como condição de legitimação do discurso literário, acaba por atingir o próprio procedimento da citação: não apenas os discursos citados são ironizados e “desmoronados” pela ficção machadiana, mas a necessidade imperiosa de citar é também colocada de maneira irônica e desvelada enquanto um artifício igualmente “dessacralizado”, que não mais manifesta o lugar da inserção da erudição ou do *tópos* da emulação, mas apenas ocupa um vazio a ser convencionalmente preenchido.

Nesse sentido, percebemos em *Memórias póstumas de Brás Cubas* um excerto no qual o ato de citar é colocado de maneira irônica como uma forma de legitimação discursiva socialmente imposta. Trata-se do segundo parágrafo do capítulo CXXIV, intitulado “Vá de intermédio”, passagem presente na versão seriada de 1880, publicada na *Revista Brasileira*, e na primeira edição em livro de 1881, porém suprimida a partir da segunda edição de 1896, segundo aponta o cotejo realizado pela Comissão Machado de Assis para as edições críticas das obras do autor, que trazem em nota de rodapé as variações entre as edições. Citamos o capítulo em sua integralidade, conforme a versão das duas primeiras edições, incluindo-se o excerto suprimido:

¹²⁰ Esse aspecto da escrita machadiana foi abordado por João Cezar de Castro Rocha em um ciclo de conferências realizadas na Universidade de São Paulo (proferidas durante o seminário “Caminhos do romance no Brasil oitocentista”, nos dias 03 e 05 de novembro de 2010, tendo como título “Machado de Assis e a poética da emulação”), nas quais o crítico buscou relacionar os recursos formais de Machado, identificáveis ao campo da *emulatio-imitatio*, a uma estratégia para fazer frente a situações assimétricas de inferioridade/dependência socioculturais próprias da relação entre países não hegemônicos e o cânone, apontando para o fato de as práticas de escrita no Brasil oitocentista pressuporem a necessidade de citar a tradição europeia. Na presente dissertação, apesar de não levarmos em consideração essas assimetrias socioculturais, julgamos ser importante observar os *efeitos* da inclusão irônica de discursos da tradição canônica frente às práticas de escrita que impõem a necessidade de citação em um contexto de produção literária considerada por parte da crítica como em estado de “formação”.

Que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Não obstante, se eu não compusesse este capítulo, padeceria o leitor um forte abalo, assaz danoso ao efeito do livro. Saltar de um retrato a um epitáfio, pode ser real e comum; o leitor, entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida. Não digo que este pensamento seja meu; digo que há nele uma dose de verdade, e que, ao menos, a forma é pitoresca. E repito: não é meu

Vá de intermédio, e contemos a este propósito uma anedocta. Foi no tempo da minha vida parlamentar; éramos cinco; falávamos de cousas e lousas, e aconteceu tocar nos negócios do Rio da Prata. Então disse um: – O governo não deve esquecer que o dinheiro é o nervo da guerra. Ao que eu redargui que não, que o nervo da guerra eram os bons soldados. Um dos ouvintes coçou o nariz, outro consultou o relógio, o terceiro tamborilou sobre o joelho, o quarto deu algumas pernadas pela sala, o quinto era eu. *Mas, continuando a falar, ponderei que essa idéa, inteiramente justa, não era minha, e sim de Machiavelli*; circunstância que levou o primeiro a não coçar o nariz, o segundo a não consultar o relógio, o terceiro a não tamborilar sobre o joelho, e o quarto a não dar pernadas; e todos me rodearam, e me pediram que repetisse o dito, e repeti, e eles extasiavam-se, e batiam com a cabeça aprovando, saboreando, decorando. O que estimei, porque fui sempre amador de idéas justas. Mas vamos ao epitáfio. (MPBC, p. 269-270, grifos nossos)

Neste capítulo, intercalado entre a descrição do caráter de Cotrim e o epitáfio que serve de anúncio para a morte de Nhã-loló, com quem Brás Cubas se casaria, o narrador, valendo-se da oportunidade aberta pela revelação de que ele coloca em sua narração pensamentos que não são de sua autoria, aproveita para contar uma anedota que, na verdade, ficcionaliza ironicamente a recepção que procedimentos citacionais obtêm em um determinado contexto social. No caso aventado, percebe-se que a estrutura narrativa opõe dois cenários que se desenham, primeiramente, a partir da frase de Brás Cubas que discorda de seu interlocutor, e, em seguida, a partir da indicação da autoria da frase, o que revela a inclusão no discurso da personagem do recurso à citação. A frase citada de Maquiavel, afirmando que o nervo da guerra são os bons soldados, constitui-se em uma sentença simples, fundada na percepção de que a guerra se faz fisicamente por seus agentes mais imediatos, aqueles que estão em combate, os bons soldados, revelando um aspecto óbvio e mais evidente das batalhas, e opõe-se à frase anterior, afirmando que o nervo da guerra é o dinheiro, sentença igualmente simples, mas que busca observar os aspectos subjacentes ao corpo-a-corpo visível da guerra, saindo do primeiro plano inicial do combate literal para encontrar num segundo plano o dinheiro como o interesse e o vetor implícitos. A frase, na boca de Brás Cubas, soa como uma trivialidade desmerecedora da atenção dos interlocutores, que reagem calados, de maneira a demonstrar algo semelhante ao enfado, exercendo gestos próprios a

cacoetes ordinários para passar o tempo: “Um dos ouvintes coçou o nariz, outro consultou o relógio, o terceiro tamborilou sobre o joelho, o quarto deu algumas pernadas pela sala”.

Todavia, ao revelar que a ideia, recebida por todos com indiferença, não era de autoria da personagem, mas sim de um autor consagrado no âmbito das questões políticas, Maquiavel, ocorre uma mudança brusca na reação dos ouvintes de Brás Cubas, exposta primeiramente por uma negação sequencial das ações apáticas anteriores: “circunstância que levou o primeiro a *não* coçar o nariz, o segundo a *não* consultar o relógio, o terceiro a *não* tamborilar sobre o joelho, e o quarto a *não* dar pernadas”. A repetição negatizada das ações já descritas, além de reforçar o tom de anedota risível, sublinha a diametral diferença entre a atitude dos interlocutores, apontando ironicamente a relatividade da recepção de uma mesma frase. Após a indicação da autoria verdadeira do excerto, que revela o estratagema do recurso ao discurso alheio e ao mesmo tempo legitima e autoriza o discurso de Brás Cubas, seus ouvintes demonstram uma ímpar consideração e entusiasmo pela fala da personagem, chegando a extasiarem-se, a saborear e decorar a frase, já que a mera indicação de que se tratava de um argumento de autoridade transforma o discurso citado em um enunciado merecedor de fruição e da disposição de ser repetido, isto é, reinserido em outras ocasiões sociais.

A anedota, ao mostrar o antagonismo da dupla recepção da mesma frase, cuja relatividade reside na indicação da fonte enunciativa primeva, coloca a atitude dos interlocutores de Brás como algo risível, na medida em que eles se entusiasmam apenas posteriormente com aquilo que num primeiro momento não era merecedor de atenção, jogando o interesse pelo que é dito para fora do âmbito do próprio enunciado. Assim, aponta-se de forma irônica a maneira pela qual um discurso é legitimado: não pelo que é dito, nem pela inclusão silenciosa de discursos autorizados, mas pela revelação explícita do recurso ao uso de citações legitimadoras.

Percebe-se que a ironia machadiana não se limita, portanto, apenas aos discursos citados em si, mas estende-se ao procedimento de citar, revelado em sua imposição convencional. Mais uma vez, frente a práticas de escrita que impõem a necessidade de citar o cânone literário para se consolidar enquanto discurso legitimado, a ficção machadiana vai minar os procedimentos literários, permeando a tudo com uma ironia da qual não escapa nem o leitor: se os interlocutores de Brás são ridículos porque valorizam a citação como recurso legitimador, a ficção de Machado nos oferece justamente uma literatura plena de citações e alusões que parecem agradar a um leitor ávido de discursos autorizados por sua relação com o

cânone... Dessa ironia que não poupa ninguém, apontando para os procedimentos de escrita e de leitura impostos para que uma obra seja *dizível e legível*, parece-nos que um dos efeitos primordiais seria o questionamento das próprias estruturas que permitem a enunciabilidade e a legibilidade da literatura brasileira oitocentista, problematizando as relações possíveis entre as práticas de escrita e as práticas de leitura pressupostas por uma biblioteca fantástica.

Percebemos que a escrita de Machado se confunde com a leitura, mas essa leitura se faz de forma enviesada, a contrapelo da tradição ou dos discursos já-escritos, numa relação preponderantemente crítica da literatura consigo mesma, já que esta coloca em questão, e a descoberto, as condições e as implicações de se fazer literatura em dado contexto. Parece-nos que, dessa maneira, a enunciabilidade da obra e suas condições, ou ao menos a problemática circundante a esta, é revelada por uma estrutura ficcional autorreflexiva que, apesar da ironia subjacente, parece querer incluir em si toda a biblioteca possível e todo o seu sistema literário adjacente, sendo necessário, pois, uma análise do que aqui observamos como “a biblioteca dentro da obra”, para melhor compreender essa relação crítica entre leitura, escrita, autorreflexividade e enunciabilidade, conforme se verá no próximo capítulo. Assim, nosso percurso, a fim de entrever a biblioteca fantástica machadiana e tendo partido da biblioteca real de Machado de Assis, nos leva a visitar sua biblioteca ficcional.

Antes disso, viajaremos à roda da biblioteca de Gustave Flaubert.

2.2. BIBLIOTECA FLAUBERTIANA

A biblioteca de Gustave Flaubert, acervo atualmente sob a guarda da prefeitura de Canteleu, cidade ao norte da França que abrange Croisset, o vilarejo onde o escritor morou a maior parte de sua vida, não pode ser considerada como equivalente ao acervo das obras que pertenceram à biblioteca pessoal do escritor. Se no caso machadiano a hipótese de enxertos ao acervo se coloca de forma dubitativa, no caso flaubertiano ela é corroborada por evidências de uma fusão entre a biblioteca do escritor e a de sua herdeira e sobrinha, Caroline Franklin-Grout, conforme veremos adiante.

Dessa maneira, a constituição do acervo atualmente conservado no norte da França demonstra, tal como no caso de Machado de Assis, que o crítico literário que almeja estudar tal biblioteca deve ser cauteloso: a trajetória histórica da biblioteca de Flaubert mostra-se

igualmente tortuosa, revelando perdas e manipulações que a afastaram de sua composição inicial, quando ela estava em posse do próprio escritor, e nos obriga a encará-la como um resto dessa virtualidade perdida. Contudo, ao longo desse percurso enredado, alguns registros documentais permitem acompanhar não apenas a história dessa biblioteca, mas também as mudanças empreendidas na composição do acervo, que confluíram para sua constituição atual, permitindo recuperar, ainda que de maneira lacunar e aproximativa – como, aliás, parecem ser todas as tentativas de reconstituição desse tipo –, algo do que foi essa biblioteca completa. Sem ensejar qualquer espécie de reconstrução, faz-se necessário aqui seguir mais de perto o percurso desse acervo, a fim de melhor compreender seu estado atual e suas decorrências no que concerne aos estudos literários que almejam depreender algo das práticas de leitura de um escritor através do acervo de sua biblioteca pessoal, encarada como o lugar da enunciabilidade das obras e da construção de um imaginário que será tensionado e delineado pela própria ficção. De forma semelhante ao que propomos para o caso machadiano, partiremos da biblioteca real flaubertiana como a primeira parada de nosso percurso, que convergirá em sua biblioteca ficcional, objetivando entrever o que chamamos aqui de biblioteca fantástica.

Em 1880, poucos dias após a morte de Gustave Flaubert, foi realizado entre os dias 20 e 22 de maio o inventário dos objetos pertencentes ao escritor, presentes no domicílio onde morava, em Croisset, sendo repertoriados, em meio a objetos mobiliários, vestimentas, pratarias e outros objetos pessoais, os livros que faziam parte de sua biblioteca. No inventário, estabelecido pelo tabelião Bidault¹²¹, foram listados cerca de 1689 livros, em sua grande parte encontrados nas três estantes de seu *cabinet de travail*, cômodo no qual Flaubert escrevia suas obras e que lhe servia também de biblioteca. Segundo o registro de Bidault, os exemplares da biblioteca flaubertiana, entretanto, não se restringiam ao espaço físico de seu escritório, já que foram encontradas obras acondicionadas no quarto de Ernest Commanville, primeiro marido de sua sobrinha Caroline, no corredor da casa e até mesmo em armários do banheiro. Conforme se pode observar através desse primeiro catálogo da biblioteca de Flaubert, o tabelião repertoriou as obras encontradas seguindo a localização em que estas se encontravam quando do estabelecimento do inventário, apontando não apenas o cômodo da casa, mas

¹²¹ O inventário executado após a morte do escritor pode ser consultado em sua integralidade através do site da Université de Rouen (Cf. <<http://flaubert.univ-rouen.fr/biographie/bidault.pdf>>. Acesso em: 20 set 2011) e o excerto onde estão repertoriados os livros da biblioteca pessoal de Flaubert encontra-se publicado no livro organizado por Yvan Leclerc (“Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. Transcrição de Matthieu Desportes. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 151-156).

também o móvel em que estas estavam guardadas e, supostamente, sua ordenação em cada estante ou armário, de modo que atualmente é possível recuperar – sempre de maneira parcial e aproximativa – um pouco da organização espacial dessa biblioteca, com a qual o escritor francês se relacionava, conforme pontua a sistematização de Daniel Fauvel, ensejando observar uma possível lógica de organização do acervo:

Grâce à lui [l'inventaire], on sait que plus de mille six cents livres et brochures étaient alignés sur les rayons des trois bibliothèques en chêne sculpté qui se trouvaient dans le cabinet de travail, et non dans le petit pavillon comme on l'a souvent écrit. La grande bibliothèque à sept compartiments accueillait les dictionnaires, les histoires générales, les encyclopédies, les œuvres complètes d'auteurs de l'Antiquité à l'époque moderne. L'une des petites bibliothèques comprenait principalement des œuvres de théâtre et l'autre était consacré à l'histoire et aux écrivains du XIX^e siècle, ses contemporains et amis. Mais, à Croisset, les livres savaient également sortir de ces lieux privilégiés où ils s'entassaient côte à côte en bataillons serrés; l'inventaire nous apprend qu'on en trouvait dans la chambre de M. Commanville, voisine de celle de Flaubert, dans le corridor et même dans les placards du cabinet de toilette.¹²²

Percorrendo a lista de livros presente no inventário, depreende-se um pouco do que foi essa biblioteca virtualmente completa, o que nos permite observar parte dos interesses de leitura do escritor – que nos levam à delineação da biblioteca fantástica a ser construída no interstício entre esses restos da biblioteca real e a biblioteca ficcionalizada – e ter uma visão aproximada da espacialidade desse acervo que se espraiava por todos os cantos da casa de Flaubert, em Croisset. Fazendo um rápido exame do catálogo, percebemos a constituição de uma biblioteca que revela um interesse não apenas pela literatura já institucionalizada pelo cânone, seja ela de origem francesa, latina, grega, alemã, inglesa, espanhola ou italiana, presentes em sua maioria em traduções para o francês – excetuando-se, talvez, o domínio greco-latino, cujos exemplares no original marcam uma maior presença frente às traduções francesas –, mas também por seus contemporâneos, além do evidente interesse pelos mais diversos campos do saber, corroborado pela presença de várias obras de referência,

¹²² “Graças a ele [o inventário], sabe-se que mais de mil e seiscentos livros e brochuras estavam alinhados nas prateleiras de três estantes de carvalho esculpido, que se encontravam no escritório e não no pequeno pavilhão, como geralmente escreveu-se. A grande estante com sete compartimentos acolhia os dicionários, as histórias gerais, as enciclopédias, as obras completas de autores desde a Antiguidade até a época moderna. Uma das pequenas estantes compreendia principalmente obras de teatro e a outra era consagrada à história e aos escritores do século XIX, seus contemporâneos e amigos. Mas, em Croisset, os livros sabiam igualmente sair desses lugares privilegiados nos quais eles amontoavam-se lado a lado em batalhões apertados; o inventário nos informa que se encontravam exemplares no quarto do Sr. Commanville, cômodo vizinho ao de Flaubert, no corredor e até mesmo nos armários do banheiro” (FAUVEL, Daniel. “De Croisset à Croisset: itinéraire de la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 188).

dicionários, enciclopédias e manuais tais como o *Manuel encyclopédique et pittoresque des Sciences et des Arts*, de 1835¹²³, e de obras não ficcionais, abrangendo, entre outros, as artes, em obras como *Stalles de la Cathédrale de Rouen* de Langlois, de 1838¹²⁴; a religião, em obras como *Études sur les Évangiles apocryphes* de Michel Nicolas, de 1866¹²⁵, *Études d'histoire religieuse* de Renan, de 1857¹²⁶, e *Histoire des religions de la Grèce Antique* de Maury, de 1857¹²⁷; e, sobretudo, a história, em obras como *Histoire de la ville de Rouen* de Du Souillet e Lebrun, editada entre 1731 e 1738¹²⁸, *Histoire de l'administration monarchique en France* de Chérueil, sem indicação da data de edição¹²⁹, *Essai sur la Révolution française* de Lanfrey, de 1858¹³⁰, e *Histoire universelle* de d'Aubigné, de 1626¹³¹.

Se esse quadro traçado pelo inventário permite uma visão aproximativa da biblioteca tal qual Flaubert a deixou, só podemos tecer considerações hipotéticas acerca de uma possível sistematização nessa organização. Segundo Leclerc:

Mais à lire cet inventaire, il est difficile de trouver une logique de rangement. [...] Peut-on tirer une interprétation du lieu où se trouvaient les *Œuvres* de Sainte-Thérèse: dans un placard du cabinet de toilette? On sait que Flaubert était doté d'une fabuleuse mémoire pour l'écrit: il devait retrouver immédiatement le livre qu'il cherchait parmi les 1600, sans éprouver le besoin d'un classement par auteur ou par genre.¹³²

¹²³ “*Manuel encyclopédique et pittoresque des Sciences et des Arts ou description raisonnée d'une galerie systématique composée de deux cent vingt-six planches gravées sur pierre*. Publié par une Société de Gens de Lettres et d'Artistes. – Paris, Herder & Cie, 1835, 2 vol. (t. I: Texte; t. II: Planches)” (Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l'Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 128).

¹²⁴ “LANGLOIS Eustache-Hyacinthe, *Stalles de la Cathédrale de Rouen*. – Rouen, N. Periaux, 1838” (Cf. Ibidem, p. 69).

¹²⁵ “NICOLAS Michel, *Études sur les Évangiles apocryphes*. – Paris, Lévy frères, 1866” (Cf. Ibidem, p. 82).

¹²⁶ “RENAN Ernest, *Études d'histoire religieuse [Les religions de l'antiquité, Le Peuple d'Israël, Les Historiens critiques de Jésus, Mahomet, La Vie des Saints, L'Imitation de Jésus-Christ, Calvin, Channing, La Nouvelle école hégélienne, La Tentation du Christ]*. – Paris, Lévy frères, 1857” (Cf. Ibidem, p. 88).

¹²⁷ “Maury. – *Histoire des religions de la Grèce Antique*, Paris, 1857, 3 vol., in-8°, demi-chagrin” (Cf. “Vente après décès de Mme Franklin-Grout. Antibes, 28-29-30 avril 1931[extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 175).

¹²⁸ “*Histoire de la ville de Rouen*, divisée en 6 parties, Rouen, Louis Du Souillet, 1731, et Bonaventure Lebrun, 1738, 2 vol. in-4°, veau ancien, dos ornés différ. dans les reliures, grand plan de Rouen” (Cf. Ibidem, p. 173).

¹²⁹ “Chérueil. – *Histoire de l'administration monarchique en France*, 2 vol., in-8°” (Cf. Ibidem, p. 174).

¹³⁰ “Lanfrey. – *Essai sur la Révolution française*, Paris, 1858, in-8°” (Cf. Ibidem, loc. cit.).

¹³¹ “AUBIGNÉ Agrippa d', *Histoire universelle*. – Amsterdam, Pour les Héritiers de Hier. – Comelin, 1626” (Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l'Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 18).

¹³² “Mas, lendo este inventário, é difícil encontrar uma lógica de ordenação. [...] Pode-se depreender uma interpretação do lugar onde se encontravam as *Obras* de Santa Teresa: num armário do banheiro? Sabe-se que Flaubert era dotado de uma memória fabulosa para o escrito: ele devia encontrar rapidamente o livro que buscava entre os 1600, sem sentir a necessidade de uma classificação por autor ou por gênero” (LECLERC, Yvan. “Entretien sur la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 195, grifos do autor).

Mesmo não podendo encontrar uma lógica, podemos assinalar o fato de a memória flaubertiana, que consegue recuperar facilmente um tomo sem lançar mão de qualquer tipo de organização tradicional, conforme observou Leclerc, sugerir que a biblioteca deveria estar organizada segundo o espaço de relações que o autor tecia ao colocar um livro ao lado do outro, revelando a existência de alguma espécie de aproximação entre as obras. O motor gerador dessas aproximações, isto é, a razão pela qual o autor teria colocado lado a lado obras distintas, não nos parece ser recuperável, já que ele dependeria de uma análise que ensinaria psicologizar as intenções do autor e não se trata aqui de colocar o autor no divã, nem de buscar qualquer intencionalidade autoral. Todavia, para além das motivações acidentais – tais como a colocada de um livro em determinado lugar pela mera falta de espaço ou por outra contingência arbitrária –, apontamos para o fato de essa ordenação da biblioteca flaubertiana, aparentemente inclassificável, revelar algo que expusemos no capítulo anterior, ao sublinhar uma característica do espaço da biblioteca: a possibilidade de literalmente colocar discursos em contato, de estabelecer relações infinitas entre as obras, ao organizar de maneira livre um acervo. Dessa forma, ao observar a organização de uma biblioteca, notamos a mesma característica que nos parece ser inerente ao discurso literário: a interdiscursividade que coloca num feixe de relações os discursos já-escritos, mobilizados de forma não hierárquica quando da enunciação de uma obra literária. Nas obras ficcionais e nas bibliotecas pessoais estamos, portanto, diante de um espaço que preponderantemente tece relações irrestritas entre os discursos, num espaço preponderantemente relacional.

Espraiando-se pelos cômodos da casa, mas concentrados em seu *cabinet de travail*, os livros da biblioteca flaubertiana, ordenados de forma aparentemente difusa ao longo das prateleiras das três estantes de carvalho, parecem denotar uma interessante relação com o já-escrito. Como já sublinhamos, não são observadas lógicas cronológicas ou autorais, visto que livros do mesmo autor espalham-se por estantes diferentes, nem lógicas relativas ao gênero, uma vez que, apesar de uma das estantes menores apresentar uma maior concentração de obras teatrais, nela também se encontram obras de Dante, Byron, Musset e Poe¹³³, para citar

¹³³ Cf. o inventário: “un volume intitulé *La Divine Comédie*, six volumes reliés œuvres de Lord Byron, [...] quatre volumes reliés, œuvres d’Alfred de Musset, [...] quatre volumes reliés œuvres d’Edgar Poë” (“um volume intitulado *A Divina Comédia*, seis volumes encadernados das obras de Lord Byron, [...] quatro volumes encadernados, obras de Alfred de Musset, [...] quatro volumes encadernados das obras de Edgar Poe”. “Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. Transcrição de Matthieu Desportes. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 151-2).

apenas alguns autores. Percebemos que é difícil, senão impossível, traçar qualquer tipo de generalização acerca da disposição dos livros¹³⁴.

Nesse sentido, parece-nos interessante notar que a falta de uma ordenação evidente aponta justamente para o aspecto difuso dessa biblioteca que reúne em um mesmo lugar discursos os mais distantes, tanto no que concerne a uma lógica espaçotemporal, quanto a uma lógica que separaria discursos ficcionais de discursos não ficcionais. Conforme se observa a partir do inventário, na estante maior, onde se poderia dizer que se encontrava o maior número de obras não literárias – a despeito de também existirem manuais, atlas, revistas e obras especializadas nos outros espaços da biblioteca –, Flaubert acondicionava lado a lado um exemplar acerca da revolução francesa e as obras de Chateaubriand¹³⁵, Voltaire e uma obra sobre arqueologia¹³⁶, as obras de Alexandre Dumas filho entre uma Biografia Universal e duas obras de Proudhon¹³⁷, um manual sobre ciências e artes e a *Manon Lescaut* de Prévost¹³⁸. A aproximação de discursos ficcionais e não ficcionais apresenta-se na biblioteca flaubertiana, dessa forma, em consonância com um aspecto da escrita de Flaubert por nós já observado no capítulo anterior: a confluência de discursos literários e discursos de outros campos do saber em uma escrita que os amalgama segundo a lógica discursiva própria da literatura, fazendo com que todos os discursos sejam (re)lidos ficcionalmente.

Percebe-se que a difusão da organização espacial da biblioteca flaubertiana pode ser lida como correlata de uma prática de escrita que reescreve todos os discursos possíveis de maneira indiscriminada, reapropriando-se de discursos literários e não literários para justapô-los em seu discurso ficcional. Assim, uma prática de leitura observada pela organização da biblioteca real, que parece ler discursos ficcionais e não ficcionais de maneira similar,

¹³⁴ Nesse sentido, contrariamente ao que postulou Daniel Fauvel, em excerto citado mais acima, percebemos ocorrências de pequenos núcleos de obras da antiguidade greco-latina, dos autores contemporâneos a Flaubert, do discurso ligado à história e de obras de referência, tais como dicionários e manuais, em mais de uma estante: observa-se que existem alguns dicionários acondicionados em uma das estantes menores e na estante maior; manuais na estante maior e no corredor; obras dos greco-latinos em uma das estantes menores e na estante maior, numa difusão que parece impedir a indicação de algum núcleo dominante para cada móvel ou cômodo da casa.

¹³⁵ Cf. o inventário: “*Essais de [sic pour sur] la Révolution française* par Lanfrey en un volume, les *Œuvres* de Chateaubriand en vingt-huit volumes” (“*Ensaio da [sic para sobre a] Revolução francesa* de Lanfrey em um volume, as *Obras* de Chateaubriand em vinte e oito volumes”. “*Inventaire après décès* par M^e Bidault [extrait]”. Transcrição de Matthieu Desportes. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 154).

¹³⁶ Cf. o inventário: “les *Œuvres* de Voltaire en soixante-douze volumes, ~~ru des~~ *Rudiment d'archéologie* par De Caumont” (“as *Obras* de Voltaire em setenta e dois volumes, ~~ru des~~ *Rudimentos de arqueologia* de De Caumont”. Ibidem, p. 153).

¹³⁷ Cf. o inventário: “*Biographie universelle* quatre-vingt-trois volumes, cinq volumes *Œuvres* d'Alexandre Dumas fils, deux volumes [de] Proudhon” (“*Biografia universal* oitenta e três volumes, cinco volumes das *Obras* de Alexandre Dumas filho, dois volumes [de] Proudhon”. Ibidem, p. 155).

¹³⁸ Cf. o inventário: “Un *Manuel des sciences et des arts* en deux volumes, *L'Histoire de Manon Lescaut et du chevalier Desgrieux [sic]* en un volume” (“Um *Manual de ciências e artes* em dois volumes, *A História de Manon Lescaut e do cavaleiro Desgrieux [sic]* em um volume”. Ibidem, p. 153).

coaduna-se com uma prática de escrita observada a partir da própria obra publicada de Flaubert, que, a fim de construir-se enquanto literatura, faz um uso intenso de discursos já-escritos sem hierarquizá-los, dando a ver uma biblioteca fantástica. Caminhamos mais uma vez da biblioteca real para a ficcional, deparando-nos com a biblioteca fantástica incendiada.

Voltando à primeira catalogação da biblioteca de Flaubert, deve-se aqui salientar que, apesar do rigor em seguir a localização das obras pertencentes ao escritor, o inventário mostrou-se sintético e pouco cuidadoso na identificação dos exemplares, mais preocupado, como era de se esperar em um inventário de bens, em relatar os pertences dando-lhes uma estimativa de valor financeiro, do que em traçar uma lista bibliográfica das obras. Nesse sentido, percebemos, ao longo da lista de livros, que o tabelião Bidault por vezes indicou apenas o número de obras de determinado autor sem mencionar os títulos, ou, de forma inversa, indicou apenas o título sem mencionar o autor, ou, ainda, omitiu a autoria de vários volumes, indicando apenas a quantidade de um grupo de livros aglomerados como sendo de “autores diversos”, conforme se pode observar nos excertos em que são inventariadas as obras encontradas no quarto de Ernest Commanville e no corredor da residência:

~~Dans le cabinet de travail:~~ la chambre de M. Commanville à côté de celle de M. Flaubert.

La *Revue des deux mondes* huit volumes, *Le Génie du christianisme* trois volumes, trois autres volumes de Chateaubriand, la *Revue Germanique* treize volumes, Ossian deux volumes, *Leçons françaises* deux volumes, *Essais* [sic pour *Essai*] sur l'éloquence deux volumes, le tout prisé quarante francs.

Dans le corridor: *Oraison funèbre* [sic] de Bossuet trois volumes, Roret, quarante-deux volumes d'auteurs divers, brochés, quatre-vingt-quinze autres volumes brochés également d'auteurs divers, et huit volumes reliés, le tout prisé quatre-vingts francs.¹³⁹

Se, no primeiro caso de omissão de autoria ou do título da obra, estes são facilmente identificáveis por meio de um confronto entre o inventário e os livros atualmente presentes na biblioteca de Canteleu, a segunda dificuldade impõe-se como uma impossibilidade a ser aceita pelo crítico literário, entrave que não nos deixa esquecer o caráter precário de qualquer estudo que se debruce sobre os restos materiais da produção de um escritor. Além disso, mesmo o

¹³⁹ “No ~~escritório~~: no quarto do Sr. Commanville, ao lado dos aposentos do Sr. Flaubert.

A *Revue des deux mondes* oito volumes, *O Gênio do cristianismo* três volumes, três outros volumes de Chateaubriand, a *Revue Germanique* treze volumes, Ossian dois volumes, *Lições francesas* dois volumes, *Ensaio* [sic para *Ensaio*] acerca da eloquência dois volumes, o todo estimado em quarenta francos.

No corredor: *Oração fúnebre* [sic] de Bossuet três volumes, Roret, quarenta e dois volumes de autores diversos, em brochura, noventa e cinco outros volumes em brochura, igualmente de autores diversos, e oito volumes encadernados, o todo estimado em oitenta francos” (“Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. Transcrição de Matthieu Desportes. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 155, grifos do autor).

confronto entre os catálogos revela-se problemático, visto o inventário apresentar inúmeras incoerências frente à comparação com a lista de livros atualmente conservados em Canteleu¹⁴⁰, conforme observou Leclerc em sua apresentação da biblioteca flaubertiana:

Mais le notaire Bidault n'avait rien d'un bibliographe scrupuleux: il était seulement chargé d'estimer un bien. [...] Même les chiffres qu'il donne ne sont pas fiables. Par exemple, M^e Bidault a compté dix Zola en tout, en deux meubles. Or les Zola qui se trouvent actuellement à Canteleu sont au nombre de douze, antérieurs à 1880, dont onze dédiés à Flaubert (si l'on inclut *Les Soirées de Médan*). Pour Du Camp, Renan et Sand par exemple, les comptes n'y sont pas non plus: 13 volumes de Du Camp dans l'inventaire alors qu'on trouve 16 livres dédiés à Flaubert dans la bibliothèque de Canteleu, 10 Renan dans l'inventaire pour 15 conservés, 80 Sand pour 85 conservés, en ne retenant bien évidemment que les livres antérieurs à 1880.¹⁴¹

Conforme aponta Leclerc, a existência de um número superior de livros em Canteleu sugere tanto a hipótese de um enxerto à biblioteca flaubertiana de livros que pertenceram aos herdeiros – suposição, vale notar, comprovada no tocante a outros títulos do acervo, conforme se verá adiante – quanto a possibilidade de um erro de cálculo do tabelião. Visando minimizar essas incoerências desse primeiro catálogo da biblioteca e tornar sua leitura mais clara, através da identificação das obras apenas parcialmente indicadas, o inventário, que até então nunca havia sido publicado, passou por uma reformulação, efetivada por René Rouault de la Vigne, a partir do cotejo do inventário com o acervo atualmente conservado em Canteleu¹⁴². A despeito da tentativa de fixar o real estado da biblioteca deixada por Flaubert, empreitada frustrada frente à impossibilidade de definição dos livros “de autores diversos”, memória para sempre perdida, esse novo catálogo de livros, apesar de desenhar uma configuração possível para a biblioteca de Flaubert e representar uma importante etapa nos estudos dedicados a esse

¹⁴⁰ O primeiro catálogo do que sobrou da biblioteca flaubertiana foi efetuado por Virginie Maslard em 1991, em seu mestrado na Université de Rouen, sendo revisto e corrigido por Jacqueline Thébault em 2001 e publicado na obra de Yvan Leclerc (LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001).

¹⁴¹ “Mas o tabelião Bidault não tinha nada de um bibliógrafo metódico: ele apenas estava incumbido de estimar bens. [...] Mesmo os números que ele fornece não são confiáveis. Por exemplo, Bidault contou dez Zolas ao todo, em dois móveis. Ora, os Zolas que se encontram atualmente em Canteleu somam doze, anteriores a 1880, dos quais onze são dedicados a Flaubert (se se incluir *As noites de Médan*). Para Du Camp, Renan e Sand, por exemplo, o cálculo também não confere: 13 volumes de Du Camp no inventário enquanto que se encontram 16 livros dedicados a Flaubert na biblioteca de Canteleu, 10 Renans no inventário para 15 conservados, 80 Sands para 85 conservados, levando-se em conta, evidentemente, apenas os livros anteriores a 1880” (LECLERC, Yvan. “Inventaires, mode d'emploi”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 9, grifos do autor).

¹⁴² O excerto do inventário restabelecido por René Rouault de la Vigne foi publicado pela primeira vez em 1957 na *Revue des Sociétés Savantes de Haute-Normandie*, nº 7, e retomado na obra organizada por Yvan Leclerc (ROUAULT DE LA VIGNE, René. “L'inventaire après décès de la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 157-170).

acervo, ainda apresentou, no entanto, incoerências e problemas de identificação¹⁴³, nos levando novamente a entrever a biblioteca real como uma metonímia de uma virtualidade perdida.

Desse modo, percebe-se a dificuldade de fixação do estado do acervo quando da morte do escritor, já que se recuperam apenas parcialmente quais eram os livros que realmente estavam na biblioteca de Flaubert quando este faleceu, numa empreitada sempre mediada por catalogações que pressupõem manipulações que, por mínimas que sejam, redefinem não a biblioteca inicial, mas uma nova biblioteca, ilusão a partir da qual o crítico literário deverá trabalhar. Além disso, a configuração dessa etapa da biblioteca merece algumas considerações no que concerne aos leitores que esta possuiu e aos traços nela impressos. Como ensinamos nesse trabalho observar uma prática de leitura efetuada na biblioteca do escritor, a fim de delinear uma possível biblioteca fantástica, nos voltamos para uma análise de possíveis marcas de leitura presentes nas obras. Nesse sentido, encontramos um panorama muito parecido com o do caso machadiano, visto que, de acordo com o levantamento do catálogo do acervo conservado em Canteleu¹⁴⁴, há raras indicações de obras com algum tipo de marca de leitura¹⁴⁵, além do fato já difundido de que Flaubert quase não anotava no corpo dos livros, mas em cadernos ou folhas à parte¹⁴⁶.

¹⁴³ “Mais Rouault de la Vigne, ou son informateur, a commis un certain nombre d’erreurs de transcription et il se livre à des rapprochements hasardeux, par exemple quand il identifie un exemplaire de *L’Éducation sentimentale*, relevé par Bidault, avec l’exemplaire dédié à Caroline, actuellement conservé à Canteleu: au moment de la mort de Flaubert, cet exemplaire se trouvait plus vraisemblablement dans la bibliothèque de la nièce, et non à Croisset” (“Mas Rouault de la Vigne, ou seu informante, cometeu certo número de erros de transcrição, além de entregar-se a aproximações arriscadas, como por exemplo quando ele identifica um exemplar de *A Educação sentimental*, catalogado por Bidault, ao exemplar dedicado a Caroline, atualmente conservado em Canteleu: no momento da morte de Flaubert, este exemplar encontrava-se, mais provavelmente, na biblioteca da sobrinha e não em Croisset”. LECLERC, Yvan. “Inventaires, mode d’emploi”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 10, grifos do autor).

¹⁴⁴ No catálogo da biblioteca conservada em Canteleu há a indicação das obras que contêm algum tipo de anotação (Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l’Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 15-149).

¹⁴⁵ Exemplos desses tipos de marcação, com a presença nos livros de traços muito discretos, à semelhança do caso encontrado na biblioteca de Machado de Assis, podem ser vislumbrados através do trabalho de digitalização das obras anotadas presentes na biblioteca flaubertiana, que vem sendo desenvolvido por uma equipe de pesquisadores ligados à Université de Rouen, à Universidad Nacional Autónoma do México e à Prefeitura de Canteleu, projeto do qual algumas obras já se encontram disponíveis para consulta on-line (Cf. <<http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliotheque/feuilletoir>>. Acesso em: 20 abr 2012). Além disso, também está disponível no site da Université de Rouen a sinalização dos livros com marcas de leitura e a indicação, em alguns dos exemplares, da localização dessas marcas, através do apontamento do número das páginas anotadas, conforme se pode verificar ao acompanhar o catálogo das obras da biblioteca de Flaubert publicado on-line. Este catálogo publicado no site da Université de Rouen refere-se ao cruzamento dos dados obtidos a partir de todas as listas de livros da biblioteca flaubertiana, a fim de reconstituir o estado da biblioteca tal qual Flaubert a deixou: o catálogo dos livros atualmente conservados em Canteleu (excetuados os livros de publicação posterior a 1880 e/ou com dedicatórias a terceiros), o inventário realizado após a morte do escritor e os catálogos dos dois leilões

Contudo, a possível observação dessas marcas de leitura presentes nos livros mostra-se problemática quanto a sua definição autoral, frente ao número de leitores que o acervo possuiu. Sem levar em conta os enxertos à biblioteca efetuados após a morte do autor, do qual trataremos adiante, parte dos livros da biblioteca flaubertiana foi herdada pelo escritor quando da morte de seu pai, em 1846¹⁴⁷. Nesse sentido, um rápido cotejo entre o inventário dos bens de Achille Cléophas Flaubert¹⁴⁸, pai do escritor, e os catálogos das obras da biblioteca flaubertiana – tanto o inventário executado após a morte do autor, quanto o catálogo das obras conservadas em Canteleu, que contém a referência bibliográfica completa das obras – permitiria identificar que uma parte considerável dos livros possivelmente pertenceu à biblioteca paterna, já que não apenas os títulos das obras são equivalentes, mas também a quantidade de volumes indicada para cada título nos dois inventários, o do pai e o de Flaubert, além do ano da edição do exemplar presente em Canteleu ser anterior a 1846, ano da morte de Achille Cléophas, o que indicaria mais diretamente a possibilidade da pertença a seu acervo¹⁴⁹.

efetuados após a morte da sobrinha e herdeira, Caroline Franklin-Grout, em 1931 (Cf. <http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliotheque/05acc_ag.php>. Acesso em: 11 mai 2010).

¹⁴⁶ “Flaubert prenait beaucoup de notes, mais à part, dans des carnets et des dossiers. Certains livres portent les traces physiques de ses lectures: des pages cornées (*Nana* de Zola, par exemple), des coups de crayons dans les marges, un trait vertical ou horizontal, quelques traits de soulignements, quelques croix, très peu de commentaires développés” (“Flaubert fazia muitas anotações, mas à parte, em cadernos ou folhas organizadas em dossiês. Alguns livros trazem marcas físicas de suas leituras: páginas dobradas (*Nana* de Zola, por exemplo), marcas a lápis nas margens, um traço vertical ou horizontal, alguns traços de sublinhado, algumas cruzes, raríssimos comentários desenvolvidos”. LECLERC, Yvan. “Entretien sur la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 197, grifos do autor).

¹⁴⁷ É o que nos relata Daniel Fauvel, comentando as descobertas de André Dubuc acerca da biblioteca flaubertiana: “Dans une étude consacrée à ‘Gustave Flaubert et l’œuvre de Pierre Corneille’, André Dubuc, notre regretté prédécesseur avait précisé que les ‘cinq petits volumes in-douze, revêtus de leur reliure d’époque avec les tranches dorées et portant le titre: *Chefs-d’œuvre dramatiques de Pierre et Thomas Corneille* avaient d’abord appartenu au chirurgien de l’Hôtel-Dieu avant d’être dévolus à son fils. Il en était de même des *Œuvres de Pierre Corneille, avec les commentaires de Voltaire* en douze volumes, éditées à Paris en 1817, chez Antoine-Augustin Renouard. Ces livres, acquis par Achille Cléophas Flaubert, devinrent sans doute la propriété de l’écrivain à la mort de son père” (“Em um estudo consagrado a ‘Gustave Flaubert e a obra de Pierre Corneille’, André Dubuc, nosso saudoso predecessor, precisou que os ‘cinco volumes in-12º, revestidos em sua encadernação de época com bordas douradas, levando como título *Obras-primas dramáticas de Pierre e Thomas Corneille*, pertenceram primeiramente ao cirurgião da Santa Casa, antes de serem transmitidos a seu filho. O mesmo ocorreu com as *Obras de Pierre Corneille, com comentários de Voltaire* em doze volumes, editadas em Paris, em 1817, pela casa de edição de Antoine-Augustin Renouard. Esses livros, adquiridos por Achille Cléophas Flaubert, certamente tornaram-se propriedade do escritor quando da morte de seu pai”. FAUVEL, Daniel. “De Croisset à Croisset: itinéraire de la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 188-9, grifos do autor).

¹⁴⁸ “Inventaire après décès d’Achille Cléophas Flaubert. 11 avril-23 mai 1846”. Disponível em: <<http://www.amis-flaubert-maupassant.fr/images/stories/Documents/inventaire.pdf>>. Acesso em: 19 nov 2011.

¹⁴⁹ Tal é o caso de exemplares com indicações de presença de marcas de leitura como, por exemplo, as obras de Plutarco, indicadas no inventário do pai como “*Œuvres de Plutarque vingt cinq volumes prisés ~~vint~~ trente francs*” (“Obras de Plutarco vinte e cinco volumes estimadas em ~~vinte~~ trinta francos”. Ibidem, p. 26) e no inventário de Flaubert como “*les œuvres de Plutarque en vingt-cinq volumes*” (“as obras de Plutarco em vinte e

Não obstante a atribuição de parte do acervo flaubertiano à herança paterna constituir apenas uma hipótese, nota-se que a pluralidade de leitores de uma biblioteca particular deve-se à própria constituição de um acervo pessoal, o que na maioria das vezes inclui não somente a aquisição de livros diretamente em livrarias e editores, mas a transmissão de exemplares via herança, como vimos, e a aquisição de livros de segunda mão, casos atestados pela presença de dedicatórias ou ex-líbris de terceiros¹⁵⁰. No entanto, a constatação de uma pluralidade de leitores da biblioteca real de Flaubert ultrapassa o ano de sua morte, em 1880, visto que esta permaneceu em mutação a partir do falecimento do autor.

A trajetória da biblioteca atualmente conservada na prefeitura de Canteleu, próximo ao lugar onde se localizava a antiga residência da família em Croisset, cruzará o país até o sul da França, antes de retornar à Normandia. No ano seguinte à morte de Gustave, a propriedade dos Flaubert em Croisset foi vendida, não se sabendo ao certo o destino dos livros e pertences do escritor, todos legados a sua sobrinha, Caroline Commanville. Com a morte de seu marido, a herdeira do escritor mudou-se para Antibes, no sul da França, na década de 1890, levando consigo os livros de seu tio, aos quais ela já adicionara os volumes de sua própria biblioteca pessoal, numa fusão entre o acervo flaubertiano e o acervo da herdeira. Em Antibes, já assumindo o nome de Caroline Franklin-Grout, decorrência de seu segundo casamento, ela

cinco volumes”. “Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p.151), cujos exemplares presentes em Canteleu foram publicados entre 1801 e 1805 (“PLUTARQUE, *Œuvres*. – Paris, Cussac, 1801-1805, 25 volumes”. Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l'Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 84); um exemplar da Bíblia, indicada no inventário do pai como “Bible de Sassy, douze volumes” (“Bíblia de Sassy, doze volumes”. “Inventaire après décès d'Achille Cléophas Flaubert. 11 avril-23 mai 1846”. Disponível em: <<http://www.amis-flaubert-maupassant.fr/images/stories/Documents/inventaire.pdf>>. Acesso em: 19 nov 2011, p. 27) e no de Flaubert como “La Bible de Sacy en douze volumes reliés” (“A Bíblia de Sacy em doze volumes encadernados”. “Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 152), cujos exemplares em Canteleu datam de 1789 a 1791 (“*La Sainte Bible, contenant l'Ancien et le Nouveau Testament*. Nouv. éd., traduite en françois sur la vulgate, par M. Le Maistre de Sacy. Ornée de trois cents figures, gravées d'après les dessins de M. Marillier et Monsiau. – Paris, Defer de Maisonneuve, 1789-1791, 12 vol”. Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l'Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 128); e as obras de Rousseau indicadas no inventário do pai como “Œuvres de Rousseau trente huit volumes” (“Obras de Rousseau trinta e oito volumes”. “Inventaire après décès d'Achille Cléophas Flaubert. 11 avril-23 mai 1846”. Op. cit., p. 26) e no de Flaubert como “les *Œuvres complètes* de J.J. Rousseau en trente-huit volumes” (“as *Obras completas* de J.J. Rousseau em trinta e oito volumes”. “Inventaire après décès par M^e Bidault [extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p.154), cujos exemplares em Canteleu datam de 1788 a 1793 (“ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Œuvres complètes*. Nouvelle édition, classée par ordre de matières, et ornée de quatre-vingt-dix gravures. – Paris, 1788-1793, 38 vol”. Cf. “Inventaire de la bibliothèque conservée à l'Hôtel de Ville de Canteleu”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 91).

¹⁵⁰ Tal é o caso da *Histoire universelle* de d'Aubigné, exemplar contendo ex-líbris de Jacob Asselin (“AUBIGNÉ Agrippa d', *Histoire universelle*. – Amsterdam, Pour les Héritiers de Hier. – Comelin, 1626”. Cf. Ibidem, p. 18); das obras de Goethe, contendo dedicatória ao Père Didon (“GOETHE Johann Wolfgang von, *Sämtliche Werke* [Œuvres complètes]. – Paris, Tetot frères, 1836, 5 vol.” Cf. Ibidem, p. 135) e das Bucólicas e Geórgicas de Virgílio, contendo inscrição manuscrita com o nome do proprietário e data, “Carolus de Meronville, 1702” (“VIRGILE, *Maronis Bucolica et Georgie* [Bucoliques et Géorgiques]. – Cologne, Joannis Kinchius, 1647”. Cf. Ibidem, p. 142).

conhece o escritor e acadêmico Louis Bertrand. Aficionado pela literatura, este se torna um grande amigo de Caroline e acaba por herdar a biblioteca flaubertiana, em 1931, ano da morte da sobrinha de Flaubert.

No mesmo ano, seguindo determinações da antiga herdeira, dois leilões são executados, nos quais são vendidas, entre outros pertences, cerca de 223 obras que pertenceram ao escritor, além de obras que faziam parte da biblioteca pessoal de Caroline, sendo todas repertoriadas nos catálogos dos leilões¹⁵¹. Apesar de catalogadas, não se pode recuperar com exatidão a totalidade de volumes vendidos, já que as listas de livros dos leilões também contêm lotes de livros não identificados, reunidos em indicações como “Lot de 12 volumes divers, de format in-12°, brochés et reliés, tous avec envoi à Flaubert”¹⁵².

Alguns anos depois, frente a dificuldades financeiras decorrentes de direitos autorais e impostos a serem pagos pela posse da biblioteca¹⁵³, Bertrand decide legar o acervo flaubertiano à Académie Française, da qual fazia parte. Com a morte do herdeiro em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, o transporte dos livros a Paris não pôde ser efetuado, fazendo com que se decidisse acondicioná-los em segurança no Museu Grimaldi de Antibes, em 1944. No entanto, antes que o lote fosse transferido para a capital francesa, em 1949 a Société des Amis de Flaubert encetaram uma negociação para que a biblioteca do escritor voltasse para sua cidade natal, conseguindo com que em 1952, após a Académie Française abrir mão do legado em proveito da Société des Amis, ela fosse finalmente transferida para Canteleu e disposta em estantes numa sala especial da prefeitura¹⁵⁴.

¹⁵¹ Os excertos dos catálogos contendo as obras vendidas nos dois leilões de 1931, cujas edições originais integrais podem ser consultadas através do site da Université de Rouen (Cf. <http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliographie/cat1931_antibes.pdf> e <http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliographie/cat1931_drouot.pdf>. Acesso em: 16 out 2011), encontram-se publicados na obra de Yvan Leclerc (“Vente après décès de Mme Franklin-Grout. Antibes, 28-29-30 avril 1931[extrait]” e “Catalogue de la succession de Mme Franklin-Grout-Flaubert. Hôtel Drouot, 18-19 novembre 1931 [extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 171-180 e p. 181-183).

¹⁵² “Lote de 12 volumes diversos, em formato in-12°, em brochura e encadernados, todos com dedicatórias a Flaubert” (“Vente après décès de Mme Franklin-Grout. Antibes, 28-29-30 avril 1931[extrait]”. In: LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit., p. 176).

¹⁵³ “Fidèle admirateur de Flaubert, Louis Bertrand dut payer des droits très élevés pour conserver ce legs, à cause notamment des livres dédiés à Flaubert par ses contemporains. L'exécution à la lettre du testament de Caroline le priva en outre d'un certain nombre de livre dispersés avec beaucoup de notes manuscrites de Flaubert au cours de deux ventes aux enchères en 1931” (“Fiel admirador de Flaubert, Louis Bertrand teve que pagar impostos muito elevados para conservar esse legado, devido sobretudo aos livros dedicados a Flaubert por seus contemporâneos. Além disso, a execução literal do testamento de Caroline o privou de certo número de livros e muitas anotações manuscritas de Flaubert, dispersados ao longo de dois leilões em 1931”. ANDRÉ-PIERREY, Christine. “La bibliothèque de Flaubert”. In: VARRY, Dominique (dir.). *Histoire des bibliothèques françaises. Vol 3: Les bibliothèques de la révolution et du XIX^e siècle, 1789-1914*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie; Promodis, 1991, p. 589).

¹⁵⁴ A recuperação do percurso histórico do acervo flaubertiano seguiu as indicações do artigo de André-Pierrey (Ibidem) e, sobretudo, dos artigos presentes no livro organizado por Leclerc (LECLERC, Yvan (dir.). Op. cit.).

Esse percurso tortuoso, que fez com que a biblioteca passasse por vários leitores, não a poupou de perdas, como vimos com os atestados casos de vendas em leilões, nem de adições, conforme um exame de sua configuração atual corrobora. De acordo com a catalogação do acervo hoje existente em Canteleu, estão guardados 1616 exemplares, dentre os quais aproximadamente um terço certamente não pertenceu ao autor francês, uma vez que trazem dedicatórias a terceiros – em sua maioria, a herdeira e sobrinha de Flaubert – ou são de publicação posterior ao ano da morte do autor. Dessa maneira, excetuando-se esses casos de obras fora do escopo de pertença a Flaubert, encontram-se conservados na biblioteca de Canteleu 1026 livros que possivelmente pertenceram ao autor, tendo havido uma redução de 440 volumes desde o inventário de Bidault, além da inclusão de quantidade semelhante de livros dos herdeiros¹⁵⁵.

Todavia, a determinação dos livros que realmente pertenceram ao escritor torna-se problemática, pois não podemos excluir a possibilidade de os herdeiros possuírem livros sem indicações de pertença e publicados em data anterior a 1880, mostrando que a determinação do escopo de pertença a Flaubert não prevê as exceções à regra. Percebe-se que, frente à inconsistência do único documento que indicaria as obras que pertenceram a Flaubert, o inventário de morte, a reconstituição desse acervo é praticamente impossível, impedindo qualquer relação crítica que tenha como horizonte o fetiche de se alcançar a totalidade do acervo flaubertiano ou, como falamos aqui de práticas de leitura, a totalidade das leituras efetivadas pelo autor.

Nesse sentido, lembramos as ressalvas a serem consideradas, ao abordarmos a fragilidade do estudo de uma biblioteca pessoal, conforme expusemos no item dedicado à biblioteca machadiana, no qual advertimos para a possibilidade de nem todos os livros de uma biblioteca terem sido lidos e para o fato de o autor tomar emprestados livros de amigos ou de bibliotecas públicas. No caso flaubertiano, sabe-se que ele era assíduo leitor da *Bibliothèque Nationale*, em Paris, da *Bibliothèque Municipale de Rouen*¹⁵⁶ e de gabinetes de leitura¹⁵⁷,

¹⁵⁵ As indicações das quantificações do acervo de Flaubert seguem as hipóteses de Leclerc (LECLERC, Yvan. “Inventaires, mode d’emploi”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 13).

¹⁵⁶ Registros de alguns períodos de empréstimo podem ser consultados no site da Université de Rouen, recobrando os livros emprestados da *Bibliothèque Nationale* entre 1870 e 1880 (Cf. <<http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliotheque/05bnf.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2010) e da *Bibliothèque Municipale de Rouen* entre 1856 e 1859 (Cf. <<http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliotheque/bmr57.php>>. Acesso em: 18 ago 2010) e entre 1877 e 1880 (Cf. <<http://flaubert.univ-rouen.fr/bibliotheque/05bmr.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2010).

¹⁵⁷ “Il [Flaubert] n’en néglige pas [...] les cabinets de lecture. C’est à celui de Saint Sulpice qu’il emprunte toutes les œuvres d’ecclésiastiques dont il a besoin pour *Bouvard & Pécuchet*” (“[Flaubert] não deixou de lado os gabinetes de leitura. Foi no gabinete de Saint Sulpice que ele tomou emprestadas todas as obras dos eclesiásticos das quais ele precisava para *Bouvard & Pécuchet*”. ANDRÉ-PIERREY, Christine. “La bibliothèque de

além de encontrarmos em sua correspondência e nos seus *Carnets de travail*¹⁵⁸ recorrentes referências a pedidos de empréstimo de exemplares junto de amigos¹⁵⁹. Conforme vimos no capítulo anterior, o próprio procedimento de escrita flaubertiano, que exigia uma quantidade enorme de leituras para a composição de suas obras, parece não ser viável sem se recorrer a empréstimos de livros, visto que a especificidade das leituras empreendidas pelo escritor foge aos contornos de uma biblioteca pessoal, já que “L’ampleur de ses lectures amène d’ailleurs Flaubert à emprunter le plus grand nombre de ces livres, à des amis érudits, comme Renan, ou auprès de différentes bibliothèques”¹⁶⁰.

Frente à virtualidade intransponível da biblioteca real, que impõe limites à observação dos procedimentos de leitura de Flaubert a partir de marcas deixadas em sua biblioteca, e sabendo que não era uma prática do escritor fazer anotações na chamada marginália, conforme já pontuamos, faz-se necessário observar, ainda que sinteticamente, as anotações de leitura do autor, deixadas em notas manuscritas dos chamados *Carnets de travail*¹⁶¹. Sem pretender estabelecer uma sistematização extensiva das anotações flaubertianas, algo por demais pretensioso para os contornos do presente trabalho, ensejamos analisar algumas dessas anotações tendo em vista a breve observação de uma prática de leitura que reverbera numa prática de escrita específica, a fim de compreender de que ordem é a reescrita dos discursos empreendida pela ficção flaubertiana, que extrapola em sua biblioteca ficcional a biblioteca real, delineando uma possível biblioteca fantástica.

Decorrentes não apenas de um trabalho de leitura efetivado no espaço discursivo da biblioteca, os trinta e um cadernos de notas de Flaubert, conservados na Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, englobam uma quantidade de notas variadas, cobrindo onze cadernos de notas de viagens, caracterizados pela anotação diária das viagens turísticas do

Flaubert”. In: VARRY, Dominique (dir.). *Histoire des bibliothèques françaises. Vol 3: Les bibliothèques de la révolution et du XIX^e siècle, 1789-1914*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie; Promodis, 1991, p. 590, grifos do autor).

¹⁵⁸ FLAUBERT, Gustave. *Carnets de travail* (Ed. estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988.

¹⁵⁹ “On sait, par ses déclarations épistolaires et par ses carnets de notes, qu’il a lu environ 1500 ouvrages pour son dernier roman, *Bouvard & Pécuchet*. Il emprunte tous ces livres, et il ne possède à peu près que des livres de référence” (“Sabe-se, através de suas declarações epistolares e por seus cadernos de notas, que ele leu aproximadamente 1500 obras para seu último romance, *Bouvard & Pécuchet*. Ele tomou de empréstimo todos esses livros, e praticamente possuiu apenas algumas obras de referência”. LECLERC, Yvan. “Entretien sur la bibliothèque de Flaubert”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l’Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 196, grifos do autor).

¹⁶⁰ “Além disso, a amplitude de suas leituras leva Flaubert a tomar emprestada a maior quantidade desses livros de amigos eruditos, como Renan, ou junto de diferentes bibliotecas” (ANDRÉ-PIERREY, Christine. “La bibliothèque de Flaubert”. In: VARRY, Dominique (dir.). *Histoire des bibliothèques françaises. Vol 3: Les bibliothèques de la révolution et du XIX^e siècle, 1789-1914*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie; Promodis, 1991, p. 590).

¹⁶¹ FLAUBERT, Gustave. Op. cit..

autor, como num diário de viagem, um caderno de aprendizagem, cobrindo anotações de estudo da gramática e do vocabulário da língua grega, um caderno com anotações autógrafas de Louise Colet e 18 cadernos mais diretamente relacionados com a prática de escrita literária. Estes últimos, nomeados de *Carnets de travail*, transcritos e publicados por Pierre-Marc de Biasi¹⁶², também apresentam um caráter híbrido, englobando anotações de planos e projetos de obras literárias a serem desenvolvidas, tomada de notas de citações dispersas, recobrindo máximas, conceitos e ideias lidas ou ouvidas, muito próximas da dinâmica da cópia a ser realizada pelas personagens de *Bouvard & Pécuchet* e incluída no inacabado segundo volume do romance¹⁶³, apontamentos de referências bibliográficas diversas, registros de pesquisas de campo desencadeadas pelo trabalho literário, compreendendo sobretudo notas topográficas das viagens efetivadas, além das anotações das leituras realizadas e das listas e contagens de livros lidos, que demonstram uma necessidade do escritor de controlar suas leituras através da quantificação, denotando uma relação intrínseca entre a prática de leitura e a prática de escrita¹⁶⁴.

A partir de uma breve análise das notas decorrentes das leituras efetivadas pelo autor, sobre as quais nosso interesse neste trabalho recai mais diretamente, percebem-se algumas recorrências quanto ao padrão das anotações. Nossa leitura desses registros observou dois tipos de notas mais relevantes, todas derivadas da transcrição de excertos do discurso lido: as citações literais ou aproximadas e as citações de estilo. Como veremos, essas anotações assemelham-se a um fichamento de citações muito próximo aos efetivados pelas práticas de pesquisa acadêmica, já que segue, na maior parte das ocorrências, um padrão de cópia de excertos, encabeçada pela indicação bibliográfica da obra lida e concluída pelo número da página da qual foi extraído o trecho.

Com relação às citações literais do discurso lido, caracterizadas pela transcrição *ipsis litteris* de trechos, com ou sem o uso de aspas, recobrindo algum assunto ou detalhe particular da obra, podemos citar como exemplo a leitura do volume da *Histoire des origines du christianisme, depuis le départ de saint Paul pour sa première mission jusqu'à l'arrivée de*

¹⁶² Seguiremos, neste trabalho, a tipologia dos cadernos estabelecida por Biasi (Cf. “Préface”. In: FLAUBERT, Gustave. *Carnets de travail* (Ed. estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988, p. 15-100).

¹⁶³ Cf. sobretudo o *Sottisier* e o *Dictionnaire des idées reçues* (In: *BP*).

¹⁶⁴ Essa necessidade imperiosa de efetivar inúmeras leituras para a composição de uma obra pode ser traduzida pela lista dos cerca de 300 livros lidos entre julho de 1872 e junho de 1874 (Cf. FLAUBERT, Gustave. *Carnets de travail* (Ed. estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988, *Carnet* 15, do Fº 63Vº, p. 507, até o Fº 67Vº, p. 527-530. A partir daqui todas as citações de fôlios específicos dos *Carnets de travail* serão identificadas no corpo do texto, entre parêntesis, pela abreviação do título (*CT*), seguida da indicação do número do caderno, do fôlio e da página correspondente à supracitada edição, respectivamente, reservando a nota de rodapé para a tradução do excerto).

saint Paul à Rome de Ernest Renan, de 1869, onde Flaubert insere também seus comentários acerca dos excertos copiados. Ressalta-se que essas citações, empreendidas ao longo dos *Carnets*, são de ordem diversa, visando a tomada de notas de informações ou ideias específicas veiculadas pela obra, sem a pretensão de “fichar” a obra inteira a fim de recuperar posteriormente todo o seu conteúdo. Nesse sentido, o trabalho de pesquisa efetivado na biblioteca parece operar uma condensação dos discursos, manejo que não permite uma plena contextualização da obra lida e que servirá à desmontagem dos saberes efetivada pelas personagens de *Bouvard & Pécuchet*, conforme veremos adiante, na qual os trechos discursivos condensados são confrontados uns aos outros sem que haja uma síntese possível. No trecho a seguir, da obra de Renan, percebe-se que a leitura de Flaubert detém-se em algumas passagens, sem ser exaustiva no que concerne à totalidade da obra:

[...]

< + > *Jésus poète*. “Tantôt il soutenait qu’il était venu continuer la loi de Moïse, tantôt la supplanter (le Christ); à vrai dire, c’était là, pour un grand poète comme lui, un détail insignifiant.” (p. 56.)

Béranger a appelé Napoléon “le plus grand poète des temps modernes”, Augier appelle poète un notaire; il faudrait s’entendre sur la signification des mots! (CT, *Carnet* 15, Fº 3, p. 472, grifos do autor)¹⁶⁵

Cumprindo o mesmo papel das citações literais, observamos que algumas das citações presentes nas notas flaubertianas eram, na verdade, citações aproximadas, já que elas caracterizam-se por apontamentos sintéticos que transformam de alguma forma o discurso lido, apesar de segui-lo de perto, condensando e parafraseando alguns trechos, copiando literalmente outros, o que mais uma vez demonstra que o interesse da leitura recai sobre apenas algum aspecto específico da obra, como se pode observar no excerto da leitura de um dos volumes do *Cours d’antiquités monumentales* de Arcisse de Caumont:

Cours d’antiquités Caumont

Moyen Age. [...]

Si le style d’un monument ne s’accorde pas avec la date qu’on lui assigne, cherchez un document précis. Mais souvent les dédicaces des églises ont eu lieu bien longtemps après leur exécution. Des retouches peuvent avoir modifié le style de l’église. (CT, *Carnet* 18, Fº 36, p. 838, grifos do autor)¹⁶⁶

¹⁶⁵

“[...]”

< + > *Jesus poeta*. ‘Às vezes ele sustentava que viera continuar a lei de Moisés, às vezes que viera suplantá-la (o Cristo); na verdade, tratava-se, para um grande poeta como ele, de um detalhe insignificante.’ (p. 56.)

Béranger nomeia Napoleão ‘o maior poeta dos tempos modernos’, Augier chama de poeta um tabelião; é preciso entrar em acordo quanto ao significado das palavras!”

¹⁶⁶

“*Curso de antiguidades* Caumont

Nota-se que só é possível determinar que o autor não citou integralmente o trecho se se confrontá-lo com o discurso lido, visto o não uso das aspas não garantir que se trata de paráfrase. No entanto, não nos parece que haja interesse em tal confronto¹⁶⁷, já que nosso interesse recai não no estabelecimento de uma tipologia extensa da leitura flaubertiana, mas nos efeitos, na obra de ficção, decorrentes da inclusão ostensiva de discursos alheios na trama romanescas, advindos de uma prática de escrita estritamente ligada a uma prática de leitura e que parecem delinear uma biblioteca fantástica a partir da extrapolação de uma suposta biblioteca real operada pela trama ficcional.

Já as citações que recobrem o estilo do discurso lido, apesar de mais escassas, demonstram que as leituras efetivadas vão além de simples recolhas de dados ou informações, mostrando um olhar atento de Flaubert-leitor para a forma do discurso lido, o que aponta para o aspecto potencialmente discursivo da relação empreendida com o já-dito ou escrito, ultrapassando as meras relações de referencialidade. O caso das anotações de leitura dos volumes da *Histoire des origines du christianisme* de Ernest Renan também ilustra claramente esse interesse pela forma e pelo estilo, desde a indicação bibliográfica do livro, que é seguida da precisão “*Sur le style*”, até os grifos utilizados por Flaubert, destacando as expressões

Idade Média. [...]

Se o estilo de um monumento não se conciliar com a data que lhe é atribuída, busque um documento preciso. Mas geralmente as consagrações das igrejas ocorreram muito tempo depois de suas execuções. Retoques podem ter modificado o estilo da igreja.”

¹⁶⁷ Somente a título de ilustração, e para corroborar que a citação por nós denominada de aproximada passou por um processo de síntese, fornecemos o excerto da obra de Caumont correspondente à anotação flaubertiana, com destaques em itálico para os trechos modificados e sublinhas para os trechos citados literalmente: “La première question qui se présente lorsqu’une anomalie vient contrarier des principes fondés sur une grande quantité de faits concordants, c’est de savoir si le fait exceptionnel est incontestablement prouvé; ainsi, lorsque le style d’un monument ne s’accorde pas avec la date qu’on lui assigne, on ne peut se livrer à trop de recherches pour découvrir si cet édifice n’a point été reconstruit à une époque postérieure, et si l’on ne peut trouver la preuve de cette reconstruction, il est encore prudent de rester dans le doute, car le silence des historiens ne peut souvent donner lieu qu’à une simple présomption. // D’un autre côté, les inductions qu’on tire souvent de la date de la consécration d’une église pour fixer l’époque à laquelle elle a été construite, ne sont pas toujours certaines par la raison que les dédicaces ont quelquefois eu lieu long-temps avant l’achèvement des édifices religieux. // Enfin, l’on ne fait pas toujours assez d’attention aux retouches nombreuses qui ont eu lieu dans presque toutes les églises, et qui en ont sensiblement modifié ou dénaturé le style primitif.” (“A primeira questão que se coloca quando uma anomalia vem contrariar princípios baseados em uma grande quantidade de fatos condizentes é saber se o fato excepcional é incontestavelmente provado; assim, quando o estilo de um monumento não se conciliar com a data que lhe é atribuída, se não for possível realizar suficientes investigações para descobrir se esse edifício não foi reconstruído em uma época posterior e se não for possível encontrar a prova dessa reconstrução, é ainda prudente permanecer na dúvida, pois o silêncio dos historiadores geralmente apenas propicia meras suposições. // Por outro lado, as induções que geralmente obtém-se a partir da data da consagração de uma igreja, a fim de fixar a época na qual ela foi construída, nem sempre são fiáveis, pois as dedicações às vezes ocorreram muito tempo antes do término dos edifícios religiosos. // Por fim, nunca se presta suficiente atenção aos inúmeros retoques que ocorreram em quase todas as igrejas e que modificaram sensivelmente ou desnaturaram seu estilo original.”. CAUMONT, Arcisse de. *Cours d’antiquités monumentales, professé à Caen, en 1830. Quatrième partie. Moyen Age. Architecture religieuse*. Paris: Lance; Caen: T. Chalopin Imprimeur; Rouen: Frère; London: Dulau, 1831, p. 229-230, grifos nossos).

estilísticas de interesse, “*si j’ose le dire*” e “*comble*”, e a sonoridade rítmica da frase, “*fidèle*”, “*celle*”, “*elle*”:

Saint Paul, de Renan (Sur le style)

[...]

“La compagne *fidèle* qui ne retire pas sa main à *celle* qu’*elle* a une fois serrée.”

[...]

“*Si j’ose le dire*”, etc. (p. 12.) “*Si j’ose m’exprimer ainsi*”, plusieurs fois répété. Il y a un fond académicien. (CT, *Carnet* 15, Fº 3, p. 471, grifos do autor)

x Dans les *Apôtres*:

p. 180: Il va mettre le *comble* à ses méfaits.

p. 183: Il fut touché à vif, bouleversé de fond en *comble*

p. 192: L’antipathie que les Juifs... était arrivée à son *comble*. (CT, *Carnet* 15, Fº 6, p. 474, grifos do autor)¹⁶⁸

Percebe-se, dessa forma, que Flaubert parece não empreender leituras exaustivas das obras, mas sim leituras pontuais, de acordo com seu interesse específico em alguns aspectos, copiando-os apenas ou comentando-os, negligenciando outros, numa prática muito próxima de uma prática de pesquisa que se mostra interessada não apenas *no que* está sendo lido, mas *na forma* como foi escrito o que está sendo lido, como vimos nos exemplos extraídos das notas de Renan. Novamente, sem poder nem querer colocar o autor no divã, não podemos, no âmbito desse trabalho, definir o porquê de seu interesse em alguns trechos das obras e não em outros. O que nos parece é que, mais uma vez, o autor está interessado na recolha de alguns trechos que potencialmente podem ser transformados em ficção, numa dinâmica de escrita que não prescinde de uma prática de leitura, intermediada por uma prática de pesquisa, vislumbrada através da sistemática dos fichamentos presentes nos *Carnets*. Assim, interessamos aqui analisar os efeitos dessa inclusão na ficção de vários discursos já filtrados pela tomada de notas efetivada nos *Carnets*, através da observação da maneira pela qual esses discursos são mobilizados e tensionados *na e pela* escrita ficcional, mostrando de que forma a

¹⁶⁸

“*São Paulo, de Renan (Sobre o estilo)*

[...]

‘A companheira fiel que não retira sua mão daquela que *ela* uma vez estreitou.’

[...]

‘*Se me permite dizer*’, etc. (p. 12.) ‘*Se me permite assim me expressar*’, repetido várias vezes. Há um fundo acadêmico.”

“x Nos *Apóstolos*:

p. 180: Ele levará ao *cúmulo* seus erros.

p. 183: Ele se sentiu ultrajado, transtornado ao *cúmulo*

p. 192: A antipatia que os Judeus... chegara a seu *cúmulo*.”

biblioteca fantástica se constrói no entremeio da biblioteca real, enquanto uma virtualidade, e da biblioteca ficcional.

De forma semelhante ao que fizemos com relação à escritura machadiana, observemos um caso no qual há explícita citação de um discurso lido em *Bouvard & Pécuchet*, romance marcado pela leitura de inúmeras obras, efetivada pelas duas personagens. Em uma das várias empreitadas dos dois copistas, os amigos resolvem seguir uma vida regrada pelas condutas preconizadas pela religião católica. Para tanto, munem-se de leituras tais como o *Manuel du séminariste*¹⁶⁹, obra lida e anotada por Flaubert em seus *Carnets*, conforme vemos no excerto abaixo:

Manuel du Séminariste ou Entretiens, etc,
Tronson, 2 vol. in-12, 1832.
[...] (CT, *Carnet* 6, Fº 22, p. 907, grifos do autor).

“[...] Le repas est une action d’une telle nature qu’elle demande toute la présence de notre esprit et tout l’effort de notre cœur pour la bien faire. (p. 422.)

Il faut manger par obéissance parce que Dieu veut que nous mangions pour entretenir la vie qu’il nous donne. Nous devons manger avec gémissement, considérant que c’est par cette voie que l’homme a perdu l’innocence et qu’il a pris occasion de se révolter mille fois contre son Dieu.”

[...] (CT, *Carnet* 6, Fº 24, p. 907, sublinhas nossas)¹⁷⁰

Dentre várias das recomendações do autor, que rendem três fólios de anotações nos *Carnets*, nos deteremos por ora nesse trecho no qual são relatadas as indicações que concernem ao tema da refeição. Percebe-se que o excerto em destaque passará para o capítulo IX da obra ficcional com modificações mínimas, além da transcrição da indicação bibliográfica, que traz precisões não apenas acerca do nome da obra, mas também de sua materialidade, com especial destaque para a informação do formato, em detrimento da indicação do nome do autor:

¹⁶⁹ TRONSON, Abbé Louis. *Manuel du séminariste ou Entretiens sur les principales obligations de la vie chrétienne et de la vie ecclésiastique*, 2 vol in-12. Lyon, Paris: Rusand, 1832.

¹⁷⁰ “*Manual do Seminarista ou Discussões*, etc,
Tronson, 2 vol. in-12, 1832.
[...]”

““[...] A refeição é uma ação de tal natureza que ela demanda toda a presença de nosso espírito e todo o esforço de nosso coração para bem efetuá-la. (p. 422.)

É forçoso comer por obediência porque Deus quer que comamos a fim de conservar a vida que ele nos dá. Nós devemos comer emitindo gemido, considerando que foi por esse meio que o homem perdeu a inocência e que ele valeu-se dessa oportunidade para revoltar-se mil vezes contra seu Deus.’
[...]”

Bouvard se deixa conduir ao mês de Marie. Les enfants qui chantaient des hymnes, les gerbes de lilas, les festons de verdure, lui avaient donné comme le sentiment d’une jeunesse impérissable. Dieu se manifestait à son cœur par la forme des nids, la clarté des sources, la bienfaisance du soleil; – et la dévotion de son ami lui semblait extravagante, fastidieuse.

– “Pourquoi gémis-tu pendant le repas?”

– “Nous devons manger en gémissant” répondit Pécuchet; “car l’Homme par cette voie, a perdu son innocence” phrase qu’il avait lue dans le *Manuel du séminariste*, deux volumes in-12 empruntés à M. Jeufroy. Et il buvait de l’eau de la Salette, se livrait portes closes à des oraisons jaculatoires, espérait entrer dans la confrérie de Saint-François.

Pour obtenir le don de persévérance, il résolut de faire un pèlerinage à la sainte Vierge. (BP, p. 332, sublinhas nossas)¹⁷¹

Nessa cena, mais uma das tantas nas quais os dois copistas aplicam em seu dia-a-dia o que leram, dando-nos a ler trechos risíveis, nota-se a comicidade da situação na qual a personagem é colocada. A leitura da obra de Tronson, que serviria para guiar os aspirantes a seminaristas em uma ação que, segundo o autor, exige “toute la présence de notre esprit et tout l’effort de notre cœur”, serve para sublinhar a estupidez pela qual as personagens são caracterizadas, ao colocar Pécuchet na estranha e ridícula ação de comer gemendo. A seriedade do discurso normativo cristão, que apregoaria condutas de vida para os eclesiásticos, é ridicularizada quando empregada no cotidiano dos copistas, visto que, como nas demais empreitadas das personagens, a conduta preconizada pelo discurso lido malogra quando confrontada com a aplicação empírica, na medida em que as virtudes e a fé que os copistas almejavam não são adquiridas, a despeito de toda a pretensa fundamentação que o discurso lido lhes fornecera.

A citação da fonte no corpo do texto, “phrase qu’il avait lue dans le *Manuel du séminariste*, deux volumes in-12 empruntés à M. Jeufroy”, sentença que desvela a repetição de um discurso lido por Pécuchet, revela também o peso de autoridade do discurso já-escrito, já que este é colocado como uma justificativa, tida como plausível, à inquirição de Bouvard. Nota-se que, para as personagens, essa autoridade não advém da *autoria*, pois o nome do

¹⁷¹ “Bouvard consentiu em acompanhar o mês de Maria. As crianças que cantavam hinos, os ramos de lilás, os festões de folhas verdes transmitiam-lhe como que o sentimento de uma imperecível juventude. Deus manifestava-se ao seu coração pela forma dos ninhos, a transparência das fontes, a magnanimidade do sol, e a devoção do amigo parecia-lhe extravagante, fastidiosa.

– Por que gemes tanto durante a refeição?

– Nós devemos comer gemendo – respondeu Pécuchet –, pois foi por esse meio que o homem perdeu a inocência.

Havia lido essa frase no *Manual do Seminarista*, dois volumes in-12 emprestados pelo Padre Jeufroy; e bebia água de La Salette, entregava-se, a portas fechadas, a orações jaculatórias, contava entrar na Irmandade de São Francisco.

Para alcançar o dom da perseverança, resolveu fazer uma peregrinação à Virgem Maria.” (BP, p. 214, sublinhas nossas)

autor pouco parece importar para a pretensa “veracidade” dos discursos, na medida em que ele é solapado pela indicação da materialidade da obra, “deux volumes in-12”. Dessa maneira, para os copistas, o que importa é estar escrito e publicado na forma de livro, como se a publicação de um discurso garantisse sua validade e veracidade.

Também é interessante observar que a justificativa de Pécuchet coloca-se de forma a parecer veicular uma razão lógica para seus atos: “*car l’Homme par cette voie, a perdu son innocence*”. A conjunção *car*, ao pressupor uma relação direta entre comer e a perda da inocência humana, denuncia o próprio engodo no qual caem as personagens: ao lerem obras buscando encontrar a fé e as virtudes cristãs, estabelecem um pacto de leitura balizado pela lógica, quando as explicações pressupõem um pacto baseado na crença em uma verdade unívoca. A relação, de roupagem lógica, entre o ato de comer e a inocência humana não se faz legítima porque está em um escrito publicado, como acreditam os copistas, mas somente se se considerá-la, *a priori*, como verdadeira, não porque seja possível demonstrar logicamente as relações estabelecidas pelo discurso, mas porque se crê nessas relações. Não admira que os copistas, ao final deste capítulo dedicado à religião, ao verem Marcel, seu empregado, numa cena de oração abnegada, discutam nos seguintes termos:

En rentrant chez eux, ils trouvèrent au bas de l’escalier, sous la madone, Marcel à genoux, et qui priaît avec ferveur. La tête renversée, les yeux demi clos, et dilatant son bec-de-lièvre, il avait l’air d’un fakir en extase.

– “Quelle brute!” dit Bouvard.

– “Pourquoi? Il assiste peut-être à des choses que tu lui jalouserais, si tu pouvais les voir. N’y a-t-il pas deux mondes, tout à fait distincts? L’objet d’un raisonnement a moins de valeur que la manière de raisonner. Qu’importe la croyance! *Le principal est de croire.*”

Telles furent à la remarque de Bouvard les objections de Pécuchet. (BP, p. 369, grifos nossos)¹⁷²

Dessa forma, não apenas a maneira pela qual as personagens efetivam suas leituras é ironizada pela narrativa, mas também o próprio discurso lido, advindo de uma prática de pesquisa e de uma reescrita da biblioteca, é diminuído ao se sublinhar seu aspecto risível e sua inocuidade nas empreitadas dos copistas. Apesar de verem o escrito como veículo da verdade, os amigos pretendem que este seja lógico e que não haja discordância entre os diversos

¹⁷² “À chegada, encontraram Marcel, ao pé da escadaria, rezando fervorosamente diante da Madona. A cabeça para trás, os olhos semicerrados, dilatando o beijo rachado, tinha o aspecto de um faquir em êxtase.

– Que bruto! – exclamou Bouvard.

– Por quê? Talvez contemple coisas que lhe causariam inveja, se pudesse vê-las. Não há dois mundos inteiramente diversos? O objeto de um raciocínio vale menos do que a maneira de raciocinar. Que importa a crença? *O essencial é crer.*

Tais foram, ao reparo de Bouvard, as objeções de Pécuchet.” (BP, p. 241-2, grifos nossos)

escritos, deparando-se, a cada passo, a verdadeiros confrontos discursivos que relativizam a “verdade” de cada escrito, ao colocá-lo entre trechos de discursos conflitantes e descontextualizados, o que sublinha sua esterilidade e leva as personagens a abandonarem a empreitada e se voltarem para outro campo do saber. Veremos, no capítulo seguinte deste trabalho, que esse confronto discursivo que dá lugar à desmontagem dos discursos já-escritos e recopiados no romance, parece estar intrinsecamente ligado à inclusão na ficção de personagens-leitores e de suas leituras, através da ficcionalização da biblioteca, artifício realizado sobretudo pelo uso do discurso indireto livre.

No caso da leitura do *Manuel du séminariste*, percebemos que houve cópia quase literal de um excerto de um discurso lido, facilmente identificável, mas que esse foi manipulado de forma a aparecer não como veiculador de uma verdade, mas como um discurso minado pela ironia. Contudo, nota-se que esse discurso aparece de forma condensada, numa pequena frase que figura na ficção de forma a equivaler a toda a obra, a ser representativa de um todo ao qual não se tem acesso. O mesmo procedimento é observado em outro trecho do capítulo IX, no qual Pécuchet busca em vão a virtude da castidade:

Pécuchet, désireux de la perfection, chercha ses vices. Les bouffées d’orgueil depuis longtemps étaient parties. Son goût du travail l’exemptait de la paresse. Quant à la gourmandise, personne de plus sobre. Quelquefois des colères l’emportaient. Il se jura de n’en plus avoir.

Ensuite, il faudrait acquérir les vertus, premièrement l’Humilité; – c’est-à-dire se croire incapable de tout mérite, indigne de la moindre récompense, immoler son esprit, et se mettre tellement bas que l’on vous foule aux pieds comme la boue des chemins. Il était loin encore de ces dispositions.

Une autre vertu lui manquait: la chasteté – car intérieurement, il regrettait Mélie, et le pastel de la dame en robe Louis XV, le gênait avec son décolletage.

Il l’enferma dans une armoire, redoubla de pudeur jusques à craindre de porter ses regards sur lui-même, et *couchait avec un caleçon*.

Tant de soins autour de la Luxure la développèrent. Le matin principalement il avait à subir de grands combats – comme en eurent saint Paul, saint Benoît et saint Jérôme, dans un âge fort avancé. De suite, ils recouraient à des pénitences furieuses. La douleur est une expiation, un remède et un moyen, un hommage à Jésus-Christ. Tout amour veut des sacrifices – et quel plus pénible que celui de notre corps!

Afin de se mortifier, Pécuchet supprima le petit verre après les repas, se réduisit à quatre prises dans la journée, par les froids extrêmes ne mettait plus de casquette. (*BP*, p. 329-30, grifos nossos)¹⁷³

¹⁷³ “Sequioso de perfeição, Pécuchet investigou os seus próprios vícios; os acessos de orgulho de há muito haviam cessado. O gosto pelo trabalho eximia-o da preguiça; quanto à gula, ninguém era mais sóbrio. Por vezes, a cólera o arrebatava.

Jurou a si próprio não mais entregar-se a ela.

Nessa passagem, é possível entrever a mesma dinâmica que ironiza as atitudes das personagens, ao mostrá-las como passíveis de serem risíveis e como exageradas, já que a tentativa de fugir da luxúria leva a personagem não somente a temer o decote de uma pintura, mas até mesmo a evitar olhar para si mesmo e, em seguida, a se penitenciar. O exagero à beira do absurdo, que aponta para a estupidez das personagens, é auxiliado, mais uma vez, pela ineficiência de seus atos, na medida em que a busca pela castidade faz, contraditoriamente, desenvolver a luxúria. No entanto, formando a cena risível que descreve as ações de Pécuchet, encontramos um detalhe interessante, a alusão ao fato de ele dormir de ceroulas, detalhe preconizado pelo já citado *Manuel du séminariste* e copiado por Flaubert em seus *Carnets*:

[...]
 Le grand moyen pour prévenir bien des inconvénients contre la modestie qui pourraient arriver la nuit est de *ne coucher jamais sans caleçon*. C'est ainsi qu'en a usé saint Fulgence.
 [...] (CT, *Carnet* 6, Fº 24, p. 908, grifos nossos)¹⁷⁴

Percebemos que, nesse caso, um detalhe mínimo, quase insignificante, da obra ficcional também advém de uma leitura, filtrada pela pesquisa efetivada nas anotações de Flaubert, contribuindo para a construção de uma determinada imagem das personagens, que será contemplada pelo leitor como algo a ser ridicularizado. A leitura e a prática de pesquisa flaubertiana que anota trechos pontuais das obras condensando-as, sem pretender recuperar o contexto geral do discurso, vêm ao encontro do estabelecimento de uma relação mais difusa com os discursos lidos, permitindo que esses sejam tensionados na escrita ficcional em parcelas condensadas de discursos espalhados por toda a obra. Percebe-se que a interdiscursividade presente na escritura flaubertiana se faz através da inclusão desses trechos

Era preciso adquirir virtudes, em primeiro lugar a humildade, isto é, julgar-se incapaz de qualquer mérito, indigno da menor recompensa, imolar o espírito e rebaixar-se a ponto de ser calcado aos pés como a lama dos caminhos. Estava ainda longe destas disposições.

Faltava-lhe outra virtude: a castidade. Intimamente, recordava-se de Mélie, e o retrato a pastel da dama vestida à Luís XV perturbava-o com o seu decote.

Trancou-a num armário, redobrou de pudor a ponto de temer olhar para si próprio, *e dormia de ceroulas*.

Tantas precauções contra a luxúria acabaram por desenvolvê-la. Pelas manhãs, principalmente, travava grandes combates, como São Paulo, São Bento e São Jerônimo, em idade bem avançada; submetia-se logo a furiosas penitências. A dor é uma expiação, um remédio, um meio, uma homenagem a Jesus Cristo. Todo amor requer sacrifícios, e qual mais penoso do que o do nosso corpo?

Para mortificar-se, Pécuchet suprimiu o conhaque depois das refeições, reduziu a quatro as pitadas de rapé durante o dia, e quando o frio chegava ao auge, não punha o boné.” (BP, p. 212-3, grifos nossos)

¹⁷⁴ “[...]”

O melhor modo de prevenir-se dos vários inconvenientes contra o pudor que podem ocorrer à noite é *nunca se deitar sem ceroulas*. Foi assim que fez São Fulgêncio.

[...]” (grifos nossos)

que, metonimicamente, remetem ao todo de outros discursos, construindo um verdadeiro livro feito de livros, o que nos remete à biblioteca fantástica de Foucault, mas que, semanticamente, não recuperam a totalidade das obras, uma vez que eles já foram filtrados pela prática de pesquisa que condensou o discurso lido. Essas pequenas condensações discursivas pulverizadas ao longo da ficção, retirados de seu contexto de origem, confrontados uns com os outros e/ou ironizados, são, paradoxalmente, a base a partir da qual se estrutura a obra ficcional, como se ela não pudesse existir fora dessa biblioteca que reescreve determinados discursos para que seja possível enunciá-la. Trata-se aqui, mais uma vez, de uma extrapolação da virtualidade da biblioteca real operada pela biblioteca ficcional.

Dessa maneira, parece haver uma reescrita da biblioteca que se faz a contrapelo dela mesma, já que os discursos aparecem de forma vital na obra, constituindo a própria condição de enunciabilidade da ficção, mas para serem atacados pela escrita ficcional, retroagindo a ironia no próprio procedimento, visto que a trama romanesca, colocando as personagens em situações risíveis, acaba igualmente por ridicularizar a leitura que é por elas efetivada e que é permeada de discursos alheios. A própria inclusão de citações passa a ser vista com, no mínimo, alguma suspeita.

Frente a esse romance que parece querer minar todos os discursos já-escritos, mas que se constrói a partir de uma acumulação de discursos, vejamos de que forma alguns críticos contemplam a relação interdiscursiva presente na escritura flaubertiana, no tocante às questões subjacentes ao que se poderia chamar de *erudição*, uma vez que o acúmulo de saberes em Flaubert não parece estar vinculado a uma concepção positiva de erudição, ligada a um *lógos* ou a uma referencialidade empírica, mas a uma erudição enquanto potência preponderantemente discursiva¹⁷⁵.

Seguindo o que pontua a crítica flaubertiana, os discursos alheios parecem intervir na ficção, como vimos, sempre marcados por um tratamento irônico. Abordando o caso da leitura do *Traité pratique du pied-bot* de Vincent Duval, obra presente na biblioteca médica do pai de Flaubert e lido pela personagem Charles de *Madame Bovary*, Florence Emptaz¹⁷⁶ mostra que o autor condensou e abreviou o discurso científico, justapondo numa frase longa todas as diferentes denominações usadas para descrever os vários tipos de deformidade do pé, a saber, os termos correntes de origem latina, os termos especializados de origem grega e suas

¹⁷⁵ Retomamos brevemente, conforme se verá, as questões acerca da relação entre erudição e acúmulo de saberes já abordadas no primeiro capítulo desta dissertação.

¹⁷⁶ EMPTAZ, Florence. "Gustave Flaubert apprenti orthopédiste: de la bibliothèque paternelle à l'espace romanesque". In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 221-35.

traduções para o francês, criando um efeito de paródia que ridiculariza o jargão médico inacessível, jargão esse que está, inclusive, sendo desenvolvido pela obra de Duval, visto que, nesse tratado, o autor inventa os termos técnicos, a partir de raízes gregas, para rebatizar as deformidades do pé. Soma-se a isso o fato de essa leitura ser efetivada pela personagem Charles, que apresenta dificuldades em decifrar o discurso científico e aplicá-lo ao seu caso, levando-o a cometer equívocos na condução do tratamento pós-operatório, que acarretará a amputação do pé do doente. Assim, Flaubert segue de perto o discurso científico, mas para ironizá-lo, num caso muito parecido ao de *Bouvard & Pécuchet*, onde leitores são levados a situações risíveis a partir da tentativa de aplicar o que é lido. A impressão que se tem, a partir da empreitada de Charles, é de que não há transmissão de nenhum conhecimento possível, na medida em que o relato de procedimentos médicos redundava numa experiência malograda.

Já Gisèle Séginger mostra que, frente a uma intensa documentação através de leituras efetivadas para a composição de *La tentation de saint Antoine*, Flaubert opera uma montagem de filosofias através da condensação de saberes diversos e de sua transformação em visões, fazendo com que estas sejam arroladas numa estrutura narrativa que “confond délire et savoir [et] fait de la fiction un processus de *dé-lecture* qui déconstruit ce que les savoirs lient”¹⁷⁷. A autora aponta que Flaubert faz um uso ficcional dos saberes, visando explorar não seu valor de documento, mas seu potencial imagético, através da empreitada irônica de *Bouvard & Pécuchet*, onde “Flaubert libère la part de récit, d’affabulation, qu’impliquent les théories. La quête de l’Origine du monde et du But de la Connaissance conduisent au seuil de la folie et de l’hallucination”¹⁷⁸. Nesse delírio de visões, o discurso ficcional acumula os discursos dos saberes para, no caso de *La tentation de saint Antoine*, fazer o leitor construir imagens e, no caso de *Bouvard & Pécuchet*, mostrar a inoperância desses discursos enquanto veiculadores de verdades unívocas, evidenciando o fato de a erudição não estar mais ligada a uma transmissão de conhecimento ou de verdades.

De forma semelhante, Matthieu Desportes, aponta que, para a composição do conto *Hérodias*, apesar de haver lido enorme quantidade de livros para apreender detalhes históricos, políticos, religiosos e geográficos envolvendo a história de São João Batista e Herodes Antipas, Flaubert procederá a uma operação de “dire le moins pour suggérer le

¹⁷⁷ “confunde delírio e saber [e] faz da ficção um processo de *des-leitura* que desconstrói o que os saberes unem” (SÉGINGER, Gisèle. “La Tentation et les savoirs”. *Flaubert. Revue critique et génétique*, nº 1, 2009. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index389.html>>. Acesso em: 14 mar 2009, p. 9, grifos do autor).

¹⁷⁸ “Flaubert libera a porção de narração, de fabulação que as teorias implicam. A busca da Origem do mundo e do Objetivo do Conhecimento conduzem à fronteira da loucura e da alucinação” (SÉGINGER, Gisèle. “Forme romanesque et savoir. Bouvard et Pécuchet et les sciences naturelles”. *Revue Flaubert*, nº 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010, p. 3).

plus”¹⁷⁹, deixando toda a trama histórica em segundo plano e chegando até mesmo a parecer negligenciar a documentação prévia empreendida, ao, por exemplo, aumentar a altura das muralhas de Machaerous ou antecipar a ocorrência de eventos históricos no conto. A pretensa documentação anterior seria responsável por filtrar elementos mínimos que permitiriam a enunciação da obra ficcional, tendo em vista não uma relação de referencialidade com a realidade empírica, mas a fim de permitir a *sugestão*, deixando o espaço aberto para o leitor construir imagens a partir dos fragmentos deixados por esses outros discursos. Nesse sentido, em consonância com a ideia de uma biblioteca fantástica, Florence Vatan elucida bem o papel propriamente imaginativo dessa erudição, decorrente do aspecto interdiscursivo da obra flaubertiana:

C'est en ce sens que *le savoir scientifique, dans l'univers flaubertien, a souvent partie liée avec le rêve et la contemplation*. La science permet d'accéder – au prix il est vrai de tensions – à l'“exaltation vague” qui est selon Flaubert le summum de l'art. Si Flaubert parcourt les bibliothèques avec la même ardeur qu'il se livre à des enquêtes de terrain, ce n'est pas seulement par souci du détail “chic” (comme le font ses amis les Goncourt), c'est pour *porter le travail de l'imagination à sa plus haute puissance et donner corps à cet imaginaire qui “naît et se forme”*, selon Michel Foucault, “dans l'entre-deux des textes”.¹⁸⁰

Dessa forma, essa documentação que aparece de forma deturpada, ironizada, fragmentada ou desconstruída poeticamente pelo discurso ficcional denota o fato de estarmos diante de uma escritura pouco ou nada preocupada com uma erudição, no sentido restrito de *sapiência* ou *ilustração*, ou com uma reprodução do real. De forma semelhante à escritura de Machado, a ficção de Flaubert também coloca em relevo na própria estrutura da obra o uso dos discursos alheios, mostrando que sua literatura só pode ser construída, enunciada, a partir dos discursos já-escritos. A interdiscursividade da escritura flaubertiana demonstra a impossibilidade de se fazer literatura sem a inserção em um já-escrito, sem a reescrita de uma biblioteca discursiva, mesmo que essa reescrita implique a desconstrução ou a fragmentação

¹⁷⁹ “dizer menos para sugerir mais” (DESPORTES, Matthieu. “*Hérodias* ou comment faire un cinquième évangile”. In: LECLERC, Yvan (dir.). *La bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001, p. 303).

¹⁸⁰ “É nesse sentido que *o saber científico, no universo flaubertino, geralmente está associado com o sonho e com a contemplação*. A ciência permite aceder – ao preço, é verdade, de tensões – à ‘vaga exaltação’ que segundo Flaubert é o apogeu da arte. Se Flaubert percorre as bibliotecas com o mesmo ardor com o qual ele se abandona às pesquisas de campo, não é apenas pelo interesse pelo detalhe ‘chique’ (como fazem seus amigos, os Goncourt), é para *levar o trabalho da imaginação até a sua mais alta potência e dar corpo a esse imaginário que ‘nasce e se forma’*, segundo Michel Foucault, ‘no intervalo dos textos’” (VATAN, Florence. “Flaubert et les sciences. Avant-propos: Du désir de savoir à l'art de (faire) rêver”. *Revue Flaubert*, n° 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010, p. 9, grifos nossos).

da própria biblioteca. Para a construção da biblioteca fantástica é necessário, pois, perscrutar o tênue limiar tensional entre as bibliotecas real e ficcional.

Frente a uma sólida instituição de cultura escrita, a desconstrução dessa biblioteca discursiva parece apontar criticamente para as relações a serem estabelecidas com a tradição escrita, uma vez que a ficção não prescinde do já-escrito para ser enunciada e para ser reconhecida como legítima, tal como vimos no exemplo machadiano, mas a necessária relação com essa tradição já-consolidada se fará através de uma subversão da lógica discursiva desses discursos, mostrando a possibilidade de uma crítica à tradição de cultura escrita elaborada de dentro da própria instituição escrita, desnaturalizando-a e problematizando, inclusive, as formas segundo as quais uma obra se torna *legível*, através do questionamento em torno da ficcionalização da leitura dos copistas

Desse modo, as condições de enunciabilidade e de legibilidade da obra flaubertiana parecem estar intimamente ligadas a uma prática de escrita efetivada a partir de uma prática de leitura e de pesquisa que não se querem veladas, sendo sublinhadas por uma estrutura romanesca autorreflexiva que, ao se constituir enquanto um livro feito de livros, ficcionaliza o sistema literário ao figurar o processo de leitura das personagens *Bouvard & Pécuchet*. Analisaremos, então, no próximo capítulo, essa “biblioteca dentro da obra” flaubertiana, a fim de melhor compreender as relações entre as práticas de leitura, a escrita ficcional autorreflexiva de Flaubert, sua enunciabilidade e sua legibilidade, já que, ensejando circunscrever – e construir – nosso objeto de análise, isto é, a biblioteca fantástica, nossa incursão pela biblioteca real flaubertiana nos convida a seguir pelos (des)caminhos de sua biblioteca ficcional.

Entremos, pois, nas bibliotecas ficcionais de Machado de Assis e Gustave Flaubert.

CAPÍTULO III: A BIBLIOTECA DENTRO DA OBRA: FICCIONALIZAÇÃO DO LITERÁRIO

“La bibliothèqu est en feu”

Michel Foucault, “La bibliothèqu fantastique”

Falar de uma possível relação interdiscursiva nas obras de Machado e Flaubert, operada no espaço das bibliotecas reais dos escritores, como vimos no capítulo anterior, nos levou a observar a biblioteca como o lugar onde a enunciabilidade e a legibilidade das obras se colocam como problemas. Percebemos que essa interdiscursividade, através de maneiras diferentes em Machado e Flaubert, questiona a própria legibilidade e enunciabilidade das obras, com implicações também diversas.

No entanto, vemos em ambos uma autorreflexividade que parece estar correlacionada a esse aspecto crítico das escrituras dos autores. Ao incluir em sua trama ficcional os discursos já-escritos, as obras mimetizariam uma biblioteca ficcional, fazendo com que essa operação ocorra de maneira explícita, mostrando ao leitor suas formas de construção e incluindo na ficção os elementos do sistema literário. Ensejamos observar a seguir de que maneira essa relação crítica da literatura consigo mesma se dá a ver através da figuração do sistema literário¹⁸¹, que igualmente traz a biblioteca para dentro das obras.

Percebemos que, além de uma autorreflexividade, que julgamos ser uma das características cardeais de ambos os autores, essa inserção, no discurso romanesco, de uma ficcionalização de elementos do sistema literário acaba por reforçar a imagem de uma biblioteca ficcional, caminhando para a biblioteca fantástica. Para além da ideia foucaultiana do livro feito de outros livros, livros que incluem em si todos os discursos possíveis de uma utópica biblioteca total, entreveremos na própria obra os outros elementos que tornam a biblioteca e o livro possíveis: o autor, a escrita, o leitor e a leitura. Assim, vejamos como a biblioteca e a literatura entram na obra de ficção machadiana e flaubertiana para fazê-la falar

¹⁸¹ Ressaltamos que a ficcionalização do sistema literário e a autorreferencialidade não constituem exclusividades das escrituras dos autores aqui estudados, visto ser este um aspecto vislumbrável em toda a literatura ocidental, tais como comprovam os casos das obras de Rabelais, Cervantes e Diderot, para citar apenas os mais eminentes. O que nos interessa no presente trabalho é entender as decorrências e os efeitos dessa figuração, compreendidos no âmbito da historicidade das literaturas estudadas.

sobre si mesma, colocando em questão a própria literatura e fazendo explodir as bibliotecas reais no cerne de bibliotecas fantásticas incendiadas.

3.1. MACHADO DE ASSIS: ESCRITA, AUTOR E LEITOR FICCIONAIS

Machado de Assis, em sua obra tida pela fortuna crítica como inauguradora de uma nova fase de sua produção literária, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, lança mão de um interessante artil ficcional: ao colocar a personagem Brás Cubas não apenas como narrador do romance, mas como autor da própria obra, Machado de Assis opera um importante deslocamento e desestabilização da significação da obra. Se a recepção crítica da época estava acostumada a tratar a figura do autor, entendida então como a pessoa física do escritor, como a responsável pela obra, tanto ética, moral e judicialmente¹⁸², quanto no que concernia à significação e interpretação do romance, a ficção de Brás Cubas apontava, de forma muito refinada, através da figura risível de um defunto autor, para a impossibilidade de uma garantia autoral vinda de fora do próprio discurso ficcional. Como buscar a significação e a garantia da obra na figura do autor se esse não é de carne e osso, mas uma personagem feita de papel e de tinta?

Com a inclusão do recurso ao autor ficcional, Machado de Assis acabou por problematizar as práticas de leitura crítica de sua época, inviabilizando as interpretações de cunho biografista e antecipando uma postura crítica que contempla o autor como uma instância construída a partir do agenciamento discursivo operado *no* e *pelo* discurso ficcional¹⁸³, apartado de toda e qualquer referência à figura pessoal do autor que, ademais, está morto¹⁸⁴. Quando Brás Cubas assina o livro de Machado de Assis, entrevemos todo o percurso de construção de uma função autoral, vislumbrando até mesmo o momento no qual o autor coloca sua assinatura da capa do livro. Somos, então, levados a acompanhar esse

¹⁸² Essa responsabilidade no que concernia a valores éticos e morais pode ser ilustrada com os famosos casos dos processos judiciais sofridos por Flaubert, por causa da pretensa imoralidade de seu romance *Madame Bovary*, e por Baudelaire, por suas *Les fleurs du mal*, mostrando até que ponto a pessoa física do escritor poderia ser atrelada à obra de ficção.

¹⁸³ Abordamos no presente trabalho a noção de função autor seguindo tanto a obra “Qu’est-ce qu’un auteur?” do filósofo francês Michel Foucault (FOUCAULT, Michel. “Qu’est-ce qu’un auteur?”. *Dits et écrits I* (1954-1969). Paris: Gallimard, 1994 [1969]), quanto os postulados acerca dessa noção presentes em *L’ordre du discours* (Idem. *L’ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971), comentados no primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁸⁴ Quando falamos em morte do autor, o fazemos numa clara alusão à obra de Roland Barthes (BARTHES, Roland. “La mort de l’auteur”. *Œuvres complètes. Tome III*. Paris: Seuil, 2002 [1968], p. 40-5).

percurso e a nos colocar nele, já que somos constantemente interpelados por esse narrador *sui generis*, observando, ficcionalmente, a forma pela qual o discurso ficcional é construído e um possível percurso de leitura do romance. A literatura está aqui defronte ao espelho, e nos revela a sua máscara, alardeando a todo instante seu constructo artificioso.

A inclusão na obra machadiana do autor ficcional, ou autor suposto, foi abordada com minúcia pelo crítico português Abel Barros Baptista, no livro intitulado *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, questão tratada como uma marca da produção romanesca da chamada segunda fase machadiana¹⁸⁵ e como “a pedra angular da ficção de Machado e da ficção de Machado enquanto *ficção do livro*”¹⁸⁶. Para o autor, o procedimento machadiano de ficcionalização autoral é correlato de uma ficção do livro, que operaria um importante apagamento do autor real, Machado de Assis:

O que faz de qualquer um deles [Brás Cubas, Dom Casmurro, Aires] um autor suposto é a ficção do livro enquanto resultado de uma decisão – iniciativa, livre determinação, controle, presença etc. – de um autor ficcional e por este apresentado e destinado como *se o outro autor, o convencionalmente não-ficcional, não existisse*.¹⁸⁷

Dessa forma, entrevemos que a inclusão do autor ficcional na obra machadiana não é um mero ardil ficcional inconsequente. O movimento que opera a assinatura ficcional de Brás Cubas interfere diretamente na maneira como a obra coloca-se ao público, impossibilitando que se recorra à figura do autor, enquanto pessoa física, como garantia da obra, legando peremptoriamente a responsabilidade da obra a uma instância preponderantemente discursiva – já que o autor é ficcional, construído, portanto, pelo próprio discurso – e instaurando uma verdadeira ficção do livro, dando-nos a ler comentários acerca de procedimentos de escrita e de leitura, que são questionados pela voz mordaz de Brás Cubas. Com um recurso astucioso, Machado antecipa em vida o gesto final da morte real do autor de carne e osso, que finda o

¹⁸⁵ Para Abel Baptista, todos os cinco romances da chamada segunda fase de Machado, incluindo o romance em terceira pessoa *Quincas Borba*, encenariam autores supostos, conforme a nomenclatura do crítico português, ou autores ficcionais, conforme preferimos nomear neste trabalho: “Verifica-se, por exemplo, no caso de *Esauí e Jacó*, que o narrador que diz ‘eu’ está tão distante do autor real como qualquer narrador dramatizado: o ‘eu’ não dramatizado é apenas uma das máscaras – disfarces ou caretas, mantendo os termos até aqui usados (provavelmente todos inadequados) – a que o autor recorre. E então, considerando *Quincas Borba*, não teremos já qualquer razão para continuar a pensar que a narrativa é assumida pelo próprio Machado de Assis, em seu próprio nome, sem qualquer mediação: o que permite pensar que os cinco romances da ‘segunda fase’ encenam diferentes ficções de autor, dispersando a origem única e tornando-a efetivamente tão suposta como qualquer autor suposto” (BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 123-4, grifos do autor).

¹⁸⁶ Idem. *Autobiografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 362, grifos do autor.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 363, grifos do autor.

ciclo da obra e retira desta a figura indesejável que sobredetermina a ficção, conforme bem observou Augusto Meyer, ao falar da morte física do autor:

E agora que o velho Joaquim Maria saiu pela porta invisível, deixando como rastro um ponto de interrogação, Machado de Assis, o outro, o inumerável, o prismático, o genuíno Machado, feito do sopro das palavras gravadas no papel e da magia do espírito concentrado entre as páginas, começará realmente a viver. O homem presente e corpóreo, com a sua pele, as suas vísceras, os seus achaques, o mulato macio e polido com o seu ramo de carvalho do Tasso, o acadêmico integrado em seu papel, enalhado em si mesmo, resignado a si mesmo, tem o grave inconveniente de estar vivo. A sua presença é um estorvo inevitável que se levanta entre a obra e o intérprete.¹⁸⁸

Dessa maneira, vemos que a construção do autor ficcional retomaria, por antecipação, a noção de morte do autor, com a delineação de uma verdadeira função autoral, circunscrita pela própria ficção, e de uma ficção do livro, aspecto que nos interessa mais diretamente, já que apontaria para a possibilidade de uma biblioteca fantástica poder ser incluída na trama da ficção. Vejamos, portanto, como se colocam alguns elementos da ficção autoral na obra de Machado, responsável pela inclusão da ficção do livro.

Para Abel Barros Baptista, há uma série de elementos presentes na obra que concorrem para a construção desse autor ficcional. Como acima expusemos, o livro de Machado não só apresenta um narrador que diz que está escrevendo o livro que lemos, como também coloca essa personagem na posição de autor, visto que é Brás Cubas e não Machado quem assina o livro. Para o crítico português, o título *Memórias póstumas de Brás Cubas* seria uma condensação de duas instâncias sobrepostas, instalando o autor ficcional: a citação do título da obra da personagem, *Memórias póstumas*, e a assinatura do livro, *de Brás Cubas*. Nas palavras do crítico:

Mas ao mesmo tempo, o título não substitui outra coisa, vale por si mesmo, como já vimos: e nessa medida é *uma ficção*, justamente a ficção inaugural que faz com que o livro apresentado por Machado de Assis coincida quase que totalmente com o livro apresentado por Brás Cubas. O ponto de não-coincidência é o próprio título: o espaço de passagem, como atrás se sustentou, que abre a ficção da coincidência quase total e instala o autor suposto.¹⁸⁹

Percebe-se que o gesto inaugural de Machado não é o de colocar uma personagem escrevendo um livro – fato talvez presente na literatura desde sempre –, mas o fato de este

¹⁸⁸ MEYER, Augusto. “Os galos vão cantar”. *Machado de Assis (1935-1958). Ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 124.

¹⁸⁹ BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 166, grifos do autor.

assinar a obra, sendo o lugar primordial dessa assinatura o próprio título do livro. Contudo, notamos que o título é justamente a brecha pela qual, ao mesmo tempo, delimita-se a ficção de Brás Cubas e a de Machado de Assis. A preposição *de* em “Memórias póstumas *de* Brás Cubas” mostra o limiar entre as duas instâncias, a “coincidência quase total” de Baptista, instaurando o autor ficcional ao mesmo tempo em que o aponta como um artilheiro romanesco, como um artifício, mostrando a ficção enquanto máscara.

A função autoral, apesar de ter seu lugar principal de ambígua instalação no título, aparece igualmente reforçada ao longo de toda a obra, desde quando Brás Cubas escreve a famosa dedicatória ao “verme que primeiro roeu as frias carnes de [s]eu cadáver” (*MPBC*, p. 93), dedicatória que, por seu conteúdo, só pode ser vinculada ao defunto autor ficcional, até em momentos mais inusitados, como o prólogo ao leitor, paratexto geralmente da alcunha do autor, como Machado costumava fazer em outros livros¹⁹⁰, mas que aqui já se insere na ficção autoral, uma vez que o prólogo não apenas é enunciado pela personagem, que já fala aos leitores na primeira pessoa do singular, mas é também assinado por Brás Cubas:

[...] Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adoptei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. [...]

[...] Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

(*MPBC*, p. 97-8, sublinhas nossas)

Ao lado desses dois paratextos, a dedicatória e o prólogo, temos outro paratexto que também reforça a função autoral de Brás Cubas e, como já apontamos, busca desfazer o engodo crítico de se buscar a garantia e a significação da obra na figura do autor: o prólogo publicado na terceira edição em livro, quarta edição a contar da publicação periódica, realmente assinado por Machado de Assis, mas no qual este se exime da responsabilidade pela narrativa, trava um diálogo com a primeira recepção crítica da obra e desloca mais uma vez o lugar da função autoral para a personagem:

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são um romance?” Macedo Soares,

¹⁹⁰ Confronte-se, por exemplo, o primeiro romance machadiano, *Ressurreição*, ou alguns dos volumes de contos, tais como *Relíquias de casa velha*, para citar apenas dois casos, que apresentam paratextos assinados pelo próprio Machado.

em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adoptei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.” Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garret na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. [...] (MPBC, p. 95-6, sublinhas nossas)

Ao colocar Brás Cubas como o autor do livro, caracterizando o defunto autor pelo estilo de suas *Memórias*, por suas “rabugens de pessimismo”, Machado reiteraria uma possível morte do autor, dando a ver a instalação de uma instância autoral discursivamente construída, mostrando que, nas palavras de Augusto Meyer, “É assim que morre o homem para que a obra possa viver. Morre a cada momento, em cada frase acabada, em todo ponto final”¹⁹¹. Essa desautorização do autor real, Machado de Assis, é reiterada pelo prólogo, no qual o autor, em vez de responder ele próprio à crítica, retira da obra os argumentos para replicar a seus contemporâneos, recorrendo à voz de Brás Cubas, sublinhando o lugar de autor da personagem, visto como uma autoridade construída discursivamente, na qual “A obra em si mesma é tudo” (MPBC, p. 98). Mais uma vez, desenha-se uma função autoral ficcional que apaga a figura de Machado e trava um embate com determinadas posturas crítico-interpretativas, conforme aponta Baptista:

Assim, a ficção do autor suposto não se limita a desenhar situações narrativas em que um narrador aparece a representar uma perspectiva, uma experiência, uma visão do mundo, numa palavra, *exprimindo-se*: ao assinar a ficção do autor suposto, Machado endereça o livro ao leitor, confronta-o com a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de apreender o autor a partir do livro e, principalmente, assume a condição de romancista que não se constitui instância de legitimação da leitura nem se mostra disponível para regressar como instância de legitimação de qualquer leitura que pretenda identificar o autor suposto a partir do livro.¹⁹²

Desse modo, a partir do título que coaduna o lugar do autor suposto e quase coincide com o livro que lemos, temos duas decorrências: a exposição do processo de construção de um lugar autoral, como vimos, simbolizado pelo lugar da assinatura desse autor ficcional,

¹⁹¹ MEYER, Augusto. “Os galos vão cantar”. *Machado de Assis (1935-1958). Ensaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 126.

¹⁹² BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 364, grifos do autor.

presente no título¹⁹³, e a exposição do lugar do leitor. Se levarmos em conta essa quase coincidência entre os livros, operada pelo título, percorremos, ao ler a obra machadiana, o próprio livro que está sendo escrito por Brás Cubas, vendo, inclusive, nosso lugar de leitor ser a todo o momento colocado em evidência, na constante interpelação ao leitor operada pelo narrador, como vemos nos excertos abaixo:

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o *leitor* não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, *pode saltar o capítulo*; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre *lhe* digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos. (MPBC, p. 108, grifos nossos)

Há, aí, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, há aí uma alma sensível, *que está de certo um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia*, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, *me chame cínico*. Eu cínico, *alma sensível*? Pela coxa de Diana! esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo. Não, *alma sensível*, eu não sou cínico, eu fui homem; [...] (MPBC, p. 161, grifos nossos)

Nesse diálogo com o leitor, percebemos que o narrador joga, de maneira ficcional, com as possibilidades de leitura de determinado leitor, sugerindo uma imensa liberdade de leitura, já que a própria estrutura da obra é colocada como algo maleável, podendo o leitor “saltar o capítulo” e seguir um percurso próprio de leitura. Afetando uma liberdade ficcionalmente forjada e retoricamente destinada a aguçar a curiosidade do leitor que, efetivamente, não saltará o capítulo, o narrador machadiano interpela seu interlocutor de forma a proceder como se o nosso percurso e as nossas expectativas de leitura pudessem estar espelhados nesse diálogo explicitado e ficcional, construindo também uma ficcionalização de um trajeto possível de leitura, ao frustrar e tornar manifesta essa frustração, no que se refere ao horizonte de expectativas dos leitores de romances românticos, como sugere a interpelação ao leitor, chamado de “alma sensível”, ou, de maneira mais explícita, no capítulo CXXXV, intitulado “Oblivion”, no qual o narrador descreve o leitor como uma dama que se interessa apenas por histórias de amor:

¹⁹³ Essa exposição, operada através da ficção, do processo de construção do autor ficcional, consumado pela assinatura de Brás Cubas, é o que caracterizaria o autor ficcional ou suposto, segundo Baptista: “Aqui chegados e antes de prosseguir, podemos estabelecer uma conclusão decisiva sobre o traço distintivo do autor suposto: o motivo do autor suposto consiste na *exposição ficcional do próprio processo de assinatura de autor*” (BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 151, grifos do autor).

E agora sinto que, se alguma *dama* tem seguido estas páginas, fecha o livro e não lê as restantes. *Para ela extinguiu-se o interesse da minha vida, que era o amor*. Cincoenta anos! Não é ainda a invalidez, mas já não é a frescura. Venham mais dez, e eu entenderei o que um inglês dizia, entenderei que “cousa é não achar já quem se lembre de meus pais, e de que modo me há de encarar o próprio ESQUECIMENTO”. (MPBC, p. 277-8, grifos nossos)

Percebe-se que, nesse excerto, ao indicar que acabaram os episódios amorosos, Brás Cubas coloca para o leitor o principal item necessário em uma ficção romanesca que prezasse o melodrama: o amor. No entanto, ao refutá-lo como um artifício romanesco, correlacionado com a expectativa da “dama” leitora, o narrador delineia um paradigma de leitura contra o qual o romance está sendo construído, a saber, um percurso romântico de leitura¹⁹⁴. A desqualificação do leitor, efetuada através da desqualificação de seus supostos paradigmas de leitura, segue aqui a mesma estrutura que busca desnaturalizar formas de ler encontrada nos primeiros romances de Machado, sobretudo em *Ressurreição*, conforme aponta a análise de Hélio de Seixas Guimarães acerca do primeiro romance machadiano:

Ao procurar imprimir naturalidade ao seu relato, acaba desvelando os clichês, sem substituí-los por outros supostamente mais naturais ou verdadeiros. Sob essa aparente contradição está delineada uma postura do narrador: ao mesmo tempo em que denuncia a artificialidade e a mentira de procedimentos narrativos tidos por normais, recusa-se a procurar outros, sublinhando assim o fato de que o romance é um relato construído, no qual a verossimilhança importa mais do que a verdade.¹⁹⁵

Não podemos deixar de notar a ironia com que o narrador interpela seu leitor, frustrando-lhe as expectativas e colocando-se contra determinadas formas de ler, que obrigam a narrativa a legitimar-se através da feitura de um livro que mobilize de alguma forma todas as convenções artificiosas romanescas, “transforma[ndo] a frustração de expectativas e as dificuldades de atingir o público em matéria de uma produção ficcional que a todo tempo questiona sua capacidade de comunicação e até mesmo sua possibilidade de existência”¹⁹⁶. O leitor é levado, então, a entrever tanto o percurso de construção da obra como o de uma possível leitura do romance, passando a observar não apenas o que é dito pela ficção, mas

¹⁹⁴ Entreremos nessa ficcionalização do leitor a delineação do interlocutor real – e possivelmente romântico – que Machado teria em seu contexto de produção, cujas expectativas são sistematicamente frustradas pela narrativa, visto que julgamos ser possível, na esteira de Hélio de Seixas Guimarães, “encontrar refratadas no leitor ficcionalizado projeções acerca de seu interlocutor – seja ele real, potencial ou ideal” (GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004, p. 28).

¹⁹⁵ Ibidem, p. 130-1. Cf. a aproximação estabelecida pelo crítico entre a ironia despendida aos parâmetros e procedimentos românticos em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e os romances da chamada primeira fase (Ibidem, p. 188 et seq.).

¹⁹⁶ Ibidem, p. 39.

também a forma como ela foi escrita, numa possível autorreflexividade da obra, aspecto também observado por Abel Baptista:

O leitor não acede simplesmente às recordações de Brás Cubas: há outro movimento, o próprio movimento da escrita, exibindo-se através de comentários e digressões, até mais vasto, envolvendo decisões e opções que não se enquadram no estrito modelo memorialístico.¹⁹⁷

Essa autorreflexividade da obra machadiana se dá tanto através dessa ênfase nas próprias instâncias literárias, autor e leitor, reveladas pelo recurso irônico de um defunto autor ficcional entediado com a eternidade, quanto pelas inúmeras vezes em que o narrador fala sobre a construção da própria obra, divagando sobre as opções romanescas possíveis – “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte” (*MPBC*, p. 99) ou “se adoptei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre [...]” (*MPBC*, p. 97) –, ou disserta sobre o que deveria entrar no romance, chegando ao ponto de colocar na trama ficcional excertos daquilo que o narrador diz que eram apontamentos para a escrita de um capítulo, trazendo para o livro a ficcionalização do processo de escrita pretensamente ocorrido nos bastidores da obra, como vemos no capítulo XLV, intitulado “Notas”, inteiramente dedicado às anotações do defunto autor para a escrita do episódio do enterro de seu pai:

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d’água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as corréas, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... *Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.* (*MPBC*, p. 173, grifos nossos)

Nota-se nesse excerto que Brás Cubas tece um inventário de notas sobre um “capítulo triste e vulgar que não escrev[e]”. No entanto, apesar de dissertar acerca do que seria próprio a um capítulo que narrasse o enterro de seu pai, seguindo uma série de lugares-comuns próprios a esse tipo de evento – que talvez estivessem no horizonte de expectativas de um determinado leitor – e fazendo com que o romance passasse a falar de seus próprios procedimentos de escrita, enquanto possibilidades a serem ou não seguidas pelo narrador,

¹⁹⁷ BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 182.

Brás Cubas acaba, como em muitas passagens do livro, narrando de forma denegada: ao dizer que não fará o triste capítulo do enterro do pai, termina justamente por narrar esse capítulo, ao listar tudo o que estava previsto para entrar no episódio. Percebemos que o narrador inclui em seu romance todos os clichês previstos, mas de forma irônica, já que estes são colocados como um paradigma a ser afastado, como se a narração mostrasse o que todos querem ler ao mesmo tempo em que aponta para essas expectativas de leitura como algo que não deveria mais entrar no romance. Novamente vemos convenções narrativas sendo problematizadas pela própria ficção de Machado, tal como vimos o procedimento de citação sendo colocado em xeque no capítulo anterior desta dissertação.

Nesse sentido, a narração desenha como que uma dobra sobre si mesma, passando a refletir, inclusive, acerca da materialidade do livro, como no capítulo XXII, “Volta ao Rio”, no qual o narrador regressa da Europa ao saber da iminente morte da mãe:

Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor. Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público in-folio, mas in-12, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... principalmente vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo. (MPBC, p. 144, sublinhas nossas)

Dizendo que não alongará o capítulo, mas persistindo em dissertar sobre coisas alheias à matéria da narração, o defunto autor, além de reiterar-se novamente como o autor do livro que lemos (“que sou autor”), ficcionaliza o ato de escrever, o momento em que ele se deixa levar pela escrita que vai “comendo papel”, e segue com considerações acerca da relação entre a materialidade do livro, tamanho e diagramação, e os tipos de leitores convenientes a esse. Nesse quadro narrativo, quase que entrevemos o autor Brás Cubas debruçado sobre a escrita, como se este estivesse tecendo o romance ao mesmo tempo em que o lemos, aparecendo no excerto todos os elementos necessários à feitura do livro: a pena, o papel, a margem, o tipo, as vinhetas, o texto, o capítulo, o corte do livro, seu formato, o autor e os leitores, dando especial destaque às vinhetas, ornamento tipográfico indicando que o leitor que prefere “pouco texto” também é apreciador de ornamentos materiais que apenas enfeitam a página, em detrimento do assunto narrado, sugerindo que seu leitor dedique-se a leituras fáceis e, talvez, pouco leia, em mais uma desqualificação de seu interlocutor.

Assim, as *Memórias póstumas de Brás Cubas* parecem dar um relevo incomensurável ao ornamento, como no caso do detalhe tipográfico irrisório que apenas enfeita a obra, para torná-la agradável ao público, num movimento muito semelhante ao observado no capítulo

anterior, no qual mostramos que as citações eram incluídas na trama ficcional enquanto um ornamento artificialmente imposto, objetivando a legitimação da obra. Nesse sentido, é interessante observar outro excerto do romance, no capítulo XXIV, “Curto, mas alegre”, que sucede a narração da morte da mãe de Brás Cubas, no qual a personagem coloca o discurso alheio e as frases feitas como um ornamento discursivo:

Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. Jamais o problema da vida e da morte me oprimira o cérebro; nunca até esse dia me debruçara sobre o abismo do Inexplicável; faltava-me o essencial, que é o estímulo, a vertigem...

Para lhes dizer a verdade toda, *eu reflectia as opiniões de um cabeleireiro*, que achei em Modena, e que se distinguia por não as ter absolutamente. Era a flor dos cabeleireiros; por mais demorada que fosse a operação do toucado, não enfadava nunca; ele intercalava as penteadelas com muitos motes e pulhas, cheios de um pico, de um sabor... Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas *eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto*. Tratei-a como tratei o latim: *embolsei três versos de Virgílio, dous de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação*. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. *Colhi de todas as cousas a fraseologia, a casca, a ornamentação...*

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe *exponho e realço a minha mediocridade*; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defuncto. (MPBC, p. 146, grifos nossos)

Nesse trecho, após revelar mais uma vez que acabara de usar uma opinião alheia, citando o discurso do outro, neste caso de um cabeleireiro italiano, Brás Cubas aborda com uma fina ironia a questão da inclusão de ornamentos no discurso, ornamentação que, lembre-se, é, na passagem anteriormente citada, colocada pela personagem como um elemento caro a seu leitor. Tratando aqui mais uma vez da repetição de fórmulas, frases feitas e citações como legitimação para seu discurso, o defuncto autor narra como empreendeu seus estudos na universidade, decorando apenas a roupagem discursiva – “as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto” – das ciências, tais como a história, a jurisprudência, a filosofia e o latim, a fim de poder inseri-la posteriormente em seu discurso, ornado de versos de Virgílio e de Horácio, de “locuções morais e políticas”. Todo o procedimento de aproveitar apenas o básico do que a universidade lhe oferecera, para apenas fingir uma sapiência que ele não possuía, é ironicamente desvelado pela personagem como uma “mediocridade”, cuja exposição e realce deveriam espantar o leitor, mas que acaba por revelar criticamente o próprio artifício

empregado ao longo de todas as *Memórias*: como não lembrar aqui que o livro que lemos é igualmente recheado de frases feitas, de citações e de uma verborragia estéril?¹⁹⁸

O método medíocre concernente ao estudo das ciências, apontado como meio de adquirir o ornamento discursivo a ser empregado nas “despesas da conversação”, ou seja, para legitimar seu discurso nas conversas banais das rodas sociais, é também aquele que agrega ao discurso “a fraseologia, a casca, a ornamentação”, sublinhando a mediocridade de Brás. Respingados pela mediocridade parecem estar a própria obra – que recorre às citações e a todas as convenções romanescas para legitimar-se enquanto literatura, apesar de igualmente apontá-las como artificialmente impostas – e o leitor – figurado como sequioso de uma literatura reconhecida como legítima e como legível, segundo as condições de legibilidade impostas. Buscando trabalhar ficcionalmente com a problemática circundante à enunciabilidade e à legibilidade da própria literatura, percebemos que a biblioteca ficcional machadiana parte da biblioteca real para extrapolá-la e questioná-la, apontando para a tradição literária como algo imposto, dando a ler uma biblioteca fantástica incendiada pela ficção tagarela do inverossímil defunto autor.

Nesse sentido, a voz indefinida e problemática de Brás Cubas, pretensamente enunciada a partir do inverossímil além-túmulo, reencontra a tensão com o já-escrito efetuada na biblioteca real, colocando-se numa contraposição crítica a ela, tal como abordado no capítulo anterior, já que a própria caracterização de um autor ficcional morto inviabiliza qualquer possibilidade de legado, através de uma voz tagarela que opera um deslocamento com relação à tradição e não funda – ou, ao menos, não pretende fundar – nenhuma genealogia, como, aliás, evidencia o próprio narrador ao desvelar as negativas e o saldo da derradeira negativa da sua trajetória de vida, no revelador e famoso capítulo CLX, “Das negativas”, que fecha o livro deixando o leitor numa espécie de terra arrasada, da qual nada se salva, visto o saldo-negativo ser a impossibilidade máxima de continuidade: “[...] ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (*MPBC*, p. 301). Eis o incêndio e o cheiro das cinzas que novamente elevam-se do livro que lemos.

¹⁹⁸ Para um aprofundamento acerca dessa verborragia estéril, presente em Machado de Assis e Gustave Flaubert, no que se refere à repetição de clichês que, por sua iteratividade, instauram o silenciamento da narrativa, desvinculando-a de uma comunicabilidade possível e constituindo uma “tagarelice das ideias feitas”, remetemos à dissertação de Livia Cristina Gomes (GOMES, Livia Cristina. *Machado com Flaubert ou a política da escrita*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011).

Dessa forma, com a ficcionalização do autor e de um possível percurso de leitura, Machado de Assis traz para o romance não apenas os elementos concernentes ao livro, construindo um livro feito de (sobre) elementos do sistema literário, numa biblioteca ficcionalizada, como ensejávamos mostrar, mas tece uma fina reflexão sobre as possibilidades enunciativas de sua literatura, ao questionar o que era *legível* em seu contexto de produção, colocando criticamente quais eram os parâmetros de leitura de seu público leitor. Ao lado do procedimento da citação, trazido à ficção de forma igualmente problemática, conforme já expusemos, essa autorreflexividade própria de sua escritura parece fazer frente a uma questão própria de uma literatura “em formação” que, devido a seu impasse constitutivo, coloca justamente em relevo na trama ficcional quais as condições e as decorrências de se escrever literatura nos oitocentos, através de um movimento que visa “incorporar à escrita as condições precárias do ambiente cultural”¹⁹⁹, decorrentes de uma problemática interna ao próprio sistema literário que se via confrontado à precariedade do público leitor.

Nesse sentido, Hélio de Seixas Guimarães afirma que, confrontada com a evidência de um público leitor diminuto – escassez decorrente dos altos índices de analfabetismo e da concorrência exercida pelos romances europeus que entravam no país e caíam no gosto do público – que apontaria para a inexistência de um campo ou sistema literários no Brasil, ou, ao menos, para a dificuldade em se fazer literatura sem um público leitor consistente, a ficção machadiana introjetaria essa problemática ao operar uma ficcionalização dos leitores, sobretudo a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sublinhando a “precariedade e instabilidade de toda comunicação assim como de qualquer forma de conhecimento”²⁰⁰.

Reencontramos aqui algumas das questões deixadas em aberto no fim do tópico relativo à biblioteca real de Machado de Assis, nas quais também refletíamos acerca da citação como procedimento artificioso que legitima a obra ao incluí-la numa rede de textos já-escritos. De forma semelhante, a autorreflexividade da ficção de Machado, ao revelar como artificiosos os procedimentos que constituem o fazer literário, como vimos, nos leva a novamente questionar os procedimentos segundo os quais uma obra é *enunciável* e *legível*, deixando entrever a ficção machadiana como um gesto que se contrapõe às formas de escrever e de dar a ler uma ficção, que estavam sendo forjadas em sua época, forçando o leitor a ler um romance obtuso e a reencontrar a questão primordial – e talvez jamais resolvida – da crítica literária: “o que é literatura?”.

¹⁹⁹ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004, p. 120.

²⁰⁰ Ibidem, p. 288.

Assim sendo, estabelece-se uma relação muito particular com o literário e com seus elementos, numa narrativa que se dobra sobre si mesma, ficcionalizando o que é próprio da literatura, para construir um discurso que é como uma biblioteca, com seus discursos alheios, seus leitores, suas leituras, seus autores produzindo e suas obras sendo forjadas, delineando uma prática de escrita que se quer reveladora de si mesma, assumindo uma postura preponderantemente crítica com relação a seu próprio discurso ficcional e com relação às suas condições de enunciabilidade e de legibilidade, ao questionar e problematizar os processos de escrita e de leitura, desnaturalizando as formas de ler e de escrever e apontando a artificialidade da própria instituição literária imposta. O efeito crítico do livro feito de livros estabelecido a partir de uma biblioteca real extrapolada pela ficção é, pois, vertiginoso, retroagindo sobre o próprio fazer literário e sobre a condição de existência da literatura brasileira: a biblioteca fantástica, construída a partir do encontro entre a biblioteca real e a biblioteca ficcional, questiona-se mais uma vez e aparece ao leitor incendiada.

Partiremos agora para o incêndio da biblioteca de Gustave Flaubert, última parada de nosso percurso.

3.2. GUSTAVE FLAUBERT: LEITURAS FICCIONAIS E DISCURSO INDIRETO LIVRE

Gustave Flaubert, em sua obra póstuma e inacabada, *Bouvard & Pécuchet*, coloca em cena um enredo romanesco peculiar. Numa estrutura que parece girar em falso, os dois amigos Bouvard e Pécuchet, ambos copistas, após encontrarem-se, aposentarem-se de seus ofícios e retirarem-se para o campo, passam a dedicar-se sucessivamente à leitura de vários temas, dentre eles a agricultura, a política, a religião, a história, a ciência, a medicina, a literatura... Numa empreitada enciclopédica, eles percorrem quase todos os campos do saber, buscando a cada passo “aplicar” o que leem em experiências do cotidiano, experiências sempre malsucedidas, sempre recomeçadas, só que em outro campo discursivo, num movimento que vai do *ler* ou *ouvir* ao *fazer*, tal como apontou Foucault:

C'est que, pour les deux bonshommes, être tenté c'est croire. Croire à ce qu'ils lisent, croire à ce qu'ils entendent dire, croire immédiatement et indéfiniment au murmure du discours. Toute leur innocence se précipite dans

l'espace ouvert par le langage déjà dit. Ce qui est *lu* et *entendu* devient aussitôt ce qui est à *faire*.²⁰¹

Ao final desse percurso espiralar – que passa pela leitura, pela crença no que está publicado, pelo desejo de que os discursos se sintetizem, até chegar ao impasse, sucessivamente, a cada empreitada por um campo do saber –, parte da narrativa à qual só temos acesso por meio de planos e cenários manuscritos, já que a obra ficou inacabada com a morte do autor em 1880, e ao cabo de experimentos malogrados decorrentes desse processo de leitura, as personagens resolvem voltar a copiar toda sorte de discursos, retomando sua antiga função de copista, em mais uma volta da espiral, atingindo o que poderíamos chamar da macroestrutura do livro, visto que os amigos, após desenharem microespirais ao longo da sua odisseia pelos saberes, esboçam uma grande espiral ao se colocarem numa posição semelhante à do começo do livro, uma vez que reassumem, ao final, a atividade de copiar que lhes era característica no início da narrativa, porém de forma deslocada, visto que a cópia será efetuada de maneira indiscriminada, todos os discursos podendo ser copiados, e não apenas como uma atividade burocrática de cópia de documentos.

O que restou dessa obra que se propunha monumental – já que almejava abarcar de maneira enciclopédica, porém irônica, os saberes desenvolvidos pela humanidade –, além de partes manuscritas do *Sottisier*, de *L'album de la marquise*, do *Catalogue des idées chic* e do *Dictionnaire des idées reçues*, que entrariam na cópia das personagens e figurariam no segundo volume do livro, foi esse romance amorfo que lemos atualmente, cujas páginas nos mostram as leituras bibliográficas dos dois copistas, expostas ao lado de suas decorrentes experimentações, como podemos perceber na primeira de suas empreitadas, no capítulo II, quando eles resolvem fazer um pomar e dedicam-se, para tanto, à agronomia:

Levés dès l'aube, ils travaillaient jusqu'à la nuit, le porte-jonc à la ceinture. Par les froides matinées de printemps Bouvard gardait sa veste de tricot sous sa blouse, Pécuchet sa vieille redingote sous sa serpillière; – et les gens qui passaient le long de la claire-voie les entendaient tousser dans le brouillard.

Quelquefois Pécuchet tirait de sa poche *son manuel*; et il en étudiait un paragraphe, debout, avec sa bêche auprès de lui, dans la pose du jardinier qui décorait le frontispice du livre. Cette ressemblance le flattait.

²⁰¹ “Porque, para os dois ingênuos, ser tentado é crer. Crer no que leem, crer no que ouvem dizer, crer imediatamente e infinitamente no murmúrio do discurso. Toda a sua inocência precipita-se no espaço aberto pela linguagem já-dita. O que é *dito* e *ouvido* logo se transforma no que *está por fazer*” (FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 119, grifos do autor).

même beaucoup. Il en conçut plus d'estime pour l'auteur. (BP, p. 97, grifos nossos)²⁰²

Percebemos nesse trecho que o processo de leitura das personagens, visando à aplicação numa experiência do mundo empírico, está ligado a uma leitura que prevê que os discursos de alguma maneira espelham uma dada realidade, ou seja, que estes estabelecem uma relação direta – e, portanto, sem mediação – com o real empírico, abordagem ilustrada pela atitude de Pécuchet, que não consegue desvencilhar-se dos livros em meio ao trabalho no campo e que chega ao cúmulo de encontrar semelhança entre a sua figura e a figura do jardineiro representada na capa do livro, levando-o a estimar – e, subentende-se, acreditar – mais (n)o autor do manual. A inclusão da estupidez na relação que os copistas empreendem com o discurso alheio denota a forma irônica pela qual o narrador descreve seu processo de leitura, apontando a marca da ironia do próprio romance que está sendo construído. Dessa forma, vemos que a ironia e a crítica tecidas pelo romance ultrapassam a simples desconstrução dos discursos alheios, conforme observamos no capítulo anterior, sendo o rebaixamento efetivado também na própria forma pela qual as personagens leem, mostrando que a oposição ao discurso científico efetuada pelo romance é diretamente problematizada pela leitura equivocada dos ridículos copistas, que desejam, por exemplo, que o discurso histórico reflita a verdade, tal como percebemos no objetivo, enunciado pelas personagens no capítulo IV, da empreitada da escrita da biografia do duque d'Angoulême, que se define pela tentativa da escrita da verdade, em oposição à escrita parcial da História:

Il envoyait en post-scriptum des règles de critique, prises dans le cours de Daunou:

[...]

Peu d'historiens ont travaillé d'après ces règles – mais tous en vue d'une cause spéciale, d'une religion, d'une nation, d'un parti, d'un système, ou pour gourmander les rois, conseiller le peuple, offrir des exemples moraux.

Les autres, qui prétendent narrer seulement, ne valent pas mieux. Car on ne peut tout dire. Il faut un choix. Mais dans le choix des documents, un certain esprit dominera; – et comme il varie, suivant les conditions de l'écrivain, *jamais l'histoire ne sera fixée*.

“C'est triste”, pensaient-ils.

Cependant on pourrait prendre un sujet, *épuiser les sources*, en faire bien l'analyse – puis *le condenser dans une narration*, qui serait comme un

²⁰²

“Levantavam-se ao romper da alvorada e trabalhavam até à noite. Nas frias manhãs de primavera, Bouvard trazia a camiseta de tricô embaixo da blusa, e Pécuchet, a velha sobrecasaca sob o avental, de sorte que as pessoas, ao passarem junto da clarabóia, ouviam-nos tossir em meio da neblina.

Às vezes, Pécuchet tirava do bolso o *manual*, estudando um parágrafo, a enxada ao lado, *na mesma postura do jardineiro que ilustrava a capa do livro*. Como essa semelhança o lisonjeava muitíssimo, sentiu maior estima pelo autor.” (BP, p. 40, grifos nossos)

raccourci des choses, reflétant la vérité tout entière. Une telle œuvre semblait exécutable à Pécuchet.

[...]

– “Si nous écrivions la vie du duc d’Angoulême?” (BP, p. 191-1, grifos nossos)²⁰³

A escrita da vida do duque – projeto tão infinito e impossível quanto o livro que lemos, já que prevê a leitura de toda a biblioteca possível, através de um “esgotamento das fontes documentais” – pressupõe que seja possível a sintetização de todos os pontos de vista acerca do biografado, na tentativa de fixar a história, numa condensação de discursos que, como vimos no capítulo anterior, não se coadunam e não correspondem a uma verdade unívoca. Indo contra a esterilidade dos saberes acumulado, desvelada pelo próprio romance, as personagens operam leituras equivocadas que são igualmente desveladas como risíveis, visto as personagens serem caracterizadas como imbecis. A desconstrução dos discursos do saber, porém, não deve ser invalidada pela estupidez das personagens e o livro de Flaubert encarado como uma simples narrativa cômica inconsequente, uma vez que, tal como ressalta Jorge Luis Borges, a tolice dos copistas não suprime o caráter crítico da obra:

Flaubert declaró que uno de sus propósitos era la revisión de todas las ideas modernas; sus detractores argumentan que el hecho de que la revisión esté a cargo de dos imbéciles basta, en buena ley, para invalidarla. Inferir de los percances de estos payasos la vanidad de las religiones, de las ciencias y de las artes, no es otra cosa que un sofisma insolente o que una falacia grosera. Los fracasos de Pécuchet no comportan un fracaso de Newton.

Para rechazar esta conclusión, lo habitual es negar la premisa. Digeon y Dumesnil invocan, así, un pasaje de Maupassant, confidente y discípulo de Flaubert, en el que se lee que Bouvard y Pécuchet son “dos espíritus bastante lúcidos, mediocres y sencillos”. Dumesnil subraya el epíteto “lúcidos”, pero el testimonio de Maupassant – o del propio Flaubert, si se consiguiera – nunca será tan convincente como el texto mismo de la obra, que parece imponer la palabra “imbéciles”.

La justificación de *Bouvard et Pécuchet*, me atrevo a sugerir, es de orden estético y poco o nada tiene que ver con las cuatro figuras y los diecinueve modos del silogismo. Una cosa es el rigor lógico y otra la

²⁰³

“Enviava, em pós-escrito, as regras de crítica anotadas no curso de Daunou:

[...]

Poucos historiadores submeteram-se a essas regras nos seus trabalhos, empolgados todos eles por uma causa especial, uma religião, uma nação, um partido, um sistema, ou para censurar os reis, aconselhar o povo, apresentar exemplos morais.

Os que apenas pretendiam narrar não são melhores; pois não se pode dizer tudo, a seleção é inevitável. Mas, na escolha dos documentos, costuma dominar certo estado de espírito, e como este varia, segundo as condições do escritor, *jamais será fixada a história*.

‘É triste’, pensavam eles.

No entanto, poder-se-ia adotar um assunto, *esgotar as fontes*, analisá-lo bem, e depois *condensá-lo numa narração* que seria um resumo dos fatos, *refletindo integralmente a verdade*. Uma obra assim parecia possível a Pécuchet.

[...]

– E se escrevêssemos a vida do Duque de Angoulême?” (BP, p. 110-1, grifos nossos)

tradición ya casi instintiva de poner las palabras fundamentales en boca de los simples y de los locos.²⁰⁴

Percebemos que, por trás da problemática crítica aos saberes, efetuada de maneira irônica por dois personagens imbecis, há um importante efeito de leitura decorrente da exposição de uma leitura que, ainda que equivocada, parece minar todas as possibilidades de acumulação e de transmissão do conhecimento, além de estabelecer uma profunda reflexão acerca das condições de legibilidade de forma ampla. Estamos, pois, diante de um romance que ficcionaliza um importante elemento da biblioteca, a leitura, mas de forma bastante dúbia, visto que esta é efetuada por personagens que, por mais estúpidos que sejam, estão na mesma posição dos leitores reais, nós, que temos entre as mãos o livro de Flaubert, o que nos leva a indagar: até que ponto não somos contaminados pela ironia despejada sobre Bouvard e Pécuchet? Até que ponto a leitura ainda é viável enquanto um ato comunicativo?

Demonstrando esses descaminhos da leitura – e por que não também da biblioteca? – e sem perceberem o engodo no qual caem continuamente, as duas personagens nos levam a um desfilar discursivo, delineando a forma pela qual os dois amigos pesquisam, leem e apreendem o que leram, numa ficcionalização da leitura e dos livros. Lemos, portanto, na obra de Flaubert, a exposição dessa espécie de revisão bibliográfica dos dois copistas, que leem e discutem os diversos temas, citados de uma forma bastante peculiar, incluindo em suas falas citações e trechos de toda a espécie de discursos científicos, numa exposição ficcional de uma forma possível de leitura e de pesquisa, exposição ficcional de como se inclui e se amalgama discursos díspares num só discurso.

Nesse sentido, podemos observar essa profusão discursiva na leitura e na discussão dos copistas e a forma caótica através da qual os discursos advêm na fala das personagens no excerto a seguir, do capítulo III, no qual Bouvard e Pécuchet decidem aprender química:

²⁰⁴ “Flaubert declarou que um de seus propósitos era a revisão de todas as ideias modernas; seus difamadores argumentam que o fato de a revisão estar a cargo de dois imbecis basta, precisamente, para invalidá-la. Inferir dos malogros destes palhaços a esterilidade das religiões, das ciências e das artes, nada mais é que um sofisma insolente ou uma falácia grosseira. Os fracassos de Pécuchet não comportam um fracasso de Newton. Para refutar essa conclusão, o usual é negar a premissa. Digeon y Dumesnil invocam, assim, um excerto de Maupassant, confidente e discípulo de Flaubert, no qual se lê que Bouvard e Pécuchet são “dois espíritos bastante lúcidos, medíocres e ingênuos”. Dumesnil sublinha o epíteto “lúcidos”, mas o depoimento de Maupassant – ou o do próprio Flaubert, se fosse possível – nunca será tão convincente como o próprio texto da obra, que parece impor a palavra “imbecis”. A justificação de *Bouvard et Pécuchet*, atrevo-me a sugerir, é de ordem estética e pouco ou nada tem a ver com as quatro figuras e os dezenove modos do silogismo. Uma coisa é o rigor lógico e outra a tradição já quase instintiva de pôr as palavras fundamentais na boca dos ingênuos e dos loucos”. BORGES, Jorge Luis. “Vindicación de *Bouvard & Pécuchet*”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1932], p. 260.

Pour savoir la chimie, ils se procurèrent *le cours de Regnault* – et apprirent d’abord que “*les corps simples sont peut-être composés*”.

On les *distingue* en métalloïdes et en métaux, – différence qui n’a “*rien d’absolu*”, dit l’auteur. De même pour les acides et les bases, “*un corps pouvant se comporter à la manière des acides ou des bases, suivant les circonstances*”.

La notation leur parut baroque. – Les Proportions multiples troublèrent Pécuchet.

– “Puisqu’une molécule de A, je suppose, se *combine* avec plusieurs parties de B, il me semble que cette molécule *doit* se diviser en autant de parties; mais si elle se *divise*, elle *cesse* d’être l’unité, la molécule primordiale. Enfin, je ne comprends pas.”

– “Moi, non plus!” disait Bouvard.

Et ils recoururent à *un ouvrage moins difficile, celui de Girardin* – où ils acquirent la certitude que dix litres d’air *pèsent* cent grammes, qu’il n’*entre* pas de plomb dans les crayons, que le diamant n’*est* que du carbone.

Ce qui les ébahit par-dessus tout, c’est que la terre comme élément n’*existe* pas. (BP, p. 116, grifos nossos)²⁰⁵

Observamos, nessa passagem, a presença não apenas de referências nominais a livros que as personagens leram, como o “cours de Regnault” e “celui de Girardin”, mas também de partes desses discursos em citações diretas, com o uso de aspas, lugar por excelência da inclusão do discurso alheio, que é inserido na própria enunciação sem que haja uma incorporação ao próprio discurso, delineando uma quebra na linha discursiva e marcando o lugar da alteridade, apontando para o que Jacqueline Authier-Revuz chamou de heterogeneidade marcada, sendo aqui a heterogeneidade compreendida como uma forma de inscrição do outro no discurso²⁰⁶: “Une double désignation est ainsi opérée par les formes de

²⁰⁵ “Para estudar química, mandaram buscar *o compêndio de Regnault* e aprenderam, antes de mais nada, ‘*que os corpos simples talvez sejam compostos*’.

Dividem-se em metais e metalóides – diferença que ‘*nada tem de absoluto*’, diz o autor. O mesmo acontece aos ácidos e às bases, ‘*podendo um corpo comportar-se como ácido ou como base, conforme as circunstâncias*’.

A notação lhes pareceu estapafúrdia. As proporções múltiplas confundiram Pécuchet.

– Pois se uma molécula de A, suponhamos, se *combina* com diversas partes de B, parece-me que essa molécula *deve* dividir-se em outras tantas partes; mas, se ela se *divide*, *deixa* de ser uma unidade, a molécula primordial. Afinal, não entendo nada.

– E eu muito menos! – dizia Bouvard.

E recorreram a *uma obra mais fácil, a de Girardin*, onde adquiriram a certeza de que dez litros de ar *pesam* cem gramas, que não *entra* o chumbo na composição do lápis, que o diamante nada mais *é* do que carbônio.

O que mais os embasbacou foi saber que, como elemento, a terra não *existe*.” (BP, p. 54, grifos nossos)

²⁰⁶ “[...] formes de ‘l’hétérogénéité montrée’ en ce qu’elles inscrivent ‘de l’autre’ dans le fil du discours – discours indirect libre, ironie – [...]” (“[...] formas da ‘heterogeneidade indicada’ no que elas inscrevem ‘o outro’ na cadeia discursiva – discurso indireto livre, ironia – [...]”. AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. In: *Langages*, nº 73, 1984, p. 98).

l'hétérogénéité montrée: celle d'*une place* pour un fragment de statut autre dans la linéarité de la chaîne, celle d'*une altérité* à laquelle renvoie le fragment”²⁰⁷.

Apesar do emprego das aspas nos dois primeiros parágrafos, percebemos que um olhar mais detido no excerto não nos permite atribuir esses trechos, que apontariam para a inclusão da voz do outro, a nenhuma voz definida, não obstante a indicação “dit l’auteur”, glosa que sublinha a alteridade discursiva. A própria maneira pela qual os trechos de discursos são condensados e pulverizados ao longo do excerto inviabiliza a definição da voz narrativa, conforme veremos.

A profusão de discursos alheios aparece igualmente, no segundo parágrafo, fora do lugar da alteridade marcada pelas aspas, no meio do discurso relatado do narrador: “On les distingue en métalloïdes et en métaux”. Esse excerto, entremeado por outros trechos com a presença das aspas, poderia facilmente indicar que estamos diante de discursos alheios relatados pelo narrador, que não empregaria as aspas por não se tratar de citações literais, mas, possivelmente, de paráfrases. Todavia, ao lembrarmos o contexto narrativo no qual surgem esses discursos, a saber, a leitura dos copistas de uma obra sobre química – “Pour savoir la chimie, ils se procurèrent le cours de Regnault” –, notamos a possibilidade de esses excertos fora das aspas serem igualmente o relato da leitura e discussão dos copistas acerca desses discursos alheios, mostrando o lugar do discurso do outro de forma vertiginosa: discurso do narrador relatando discursos de personagens relatando discursos. Frente à indecidibilidade das alternativas, vemos pedaços de frases que não podemos mais distinguir se se trata do narrador relatando os discursos alheios dos campos do saber ou de um discurso indireto livre com o relato das personagens acerca desses discursos.

É interessante notar que tanto o emprego do discurso indireto livre quanto o uso das aspas opera aqui uma indicação da inclusão da alteridade e de seu lugar, da voz e do discurso do outro, de forma definida com as aspas e de forma difusa com o discurso indireto livre, já que ambos constituem-se heterogeneidades indicadas, sendo, porém, a primeira marcada e a segunda não marcada:

Je distingue dans cet ensemble les formes marquées, repérant la place de l'autre par une marque univoque (discours direct, guillemets, italiques, incises de glose) et les formes non marquées du montré, où l'autre est donné

²⁰⁷ “Uma dupla designação é, dessa forma, operada pelas formas da heterogeneidade indicada: a de *um lugar* para um fragmento de caráter diverso na linearidade da cadeia, a de uma *alteridade* à qual o fragmento refere-se” (AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. In: *Langages*, nº 73, 1984, p. 103, grifos do autor).

à reconnaître sans marquage univoque (discours indirect libre, ironie, pastiche, imitation...).²⁰⁸

Contudo, mesmo quando há o emprego das aspas, no qual o lugar do outro é indicado e definido pelo cerceamento gráfico, a definição da proveniência da voz se coloca de forma problemática no romance. Tal é o caso dos trechos “les corps simples sont peut-être composés” e “un corps pouvant se comporter à la manière des acides ou des bases, suivant les circonstances”, que, frente à contextualização da leitura dos copistas, podem ser tanto a citação dos discursos do saber quanto a citação da fala das personagens, num discurso direto. Nesse mesmo sentido, quando temos claramente um discurso direto, com a marcação gráfica do travessão, indicando a fala dos copistas, não sabemos qual é o limite da voz dos amigos e da intromissão do discurso que eles leem, ficando indefinido em suas vozes onde termina a citação das leituras e onde começa sua discussão acerca das mesmas: “– ‘Puisqu’une molécule de A, je suppose, se combine avec plusieurs parties de B, il me semble que cette molécule doit se diviser en autant de parties; mais si elle se divise, elle cesse d’être l’unité, la molécule primordiale. Enfin, je ne comprends pas’”.

Percebemos que nas três possibilidades citadas – discurso relatado do discurso alheio, discurso indireto livre ou discurso direto –, o uso do tempo verbal nos excertos contendo o discurso do outro, seja ele a fala dos copistas ou o discurso dos diversos campos do saber, é sempre o mesmo, a saber, o presente do indicativo, causando uma mescla de vozes e um apagamento das referências, quando nos deparamos com um trecho sem nenhuma marca gráfica, tal como: “Et ils recoururent à un ouvrage moins difficile, celui de Girardin – où ils acquirent la certitude *que* dix litres d’air *pèsent* cent grammes, qu’il n’*entre* pas de plomb dans les crayons, que le diamant n’*est* que du carbone”, no qual não sabemos de quem é a voz das sentenças que vêm depois da conjunção *que* em destaque, podendo estas ser, inclusive, citações diretas, mas sem aspas, das próprias obras lidas pelas personagens.

Observando essa mesma profusão indefinida de vozes narrativas, a partir do emprego de um problemático discurso indireto livre a fim de relatar a leitura das personagens, a crítica flaubertiana Claudine Gothot-Mersch analisa justamente a indefinição operada entre a voz dos discursos lidos e a dos copistas:

²⁰⁸ “Distingo nesse conjunto as formas marcadas, assinalando o lugar do outro por meio de uma marca unívoca (discurso direto, aspas, itálicos, incisa de glosa) e as formas não marcadas do indicado, onde o outro deve ser reconhecido sem marcação unívoca (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação...)” (AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. In: *Langages*, nº 73, 1984, p. 98).

Alors que la forme adoptée est résolument dialoguée: questions et réponses, présent, emploi de possessifs de la première personne, nous n'avons aucune garantie qu'une seule des phrases que l'on vient de lire représente exactement la parole d'un des personnages – ni même qu'elle y renvoie: car toutes peuvent aussi renvoyer non pas à ce qu'ont dit Bouvard et Pécuchet, mais à ce qu'ils ont lu dans les traités; questions et réponses peuvent s'échanger dans un même livre, d'un livre à l'autre, de Bouvard et de Pécuchet aux livres, ou entre les deux amis. De plus, comme dans l'extrait précédent, le texte condense à l'excès la discussion, sans afficher pourtant, à aucun moment, les caractères d'un résumé narratif.²⁰⁹

Nessa troca de perguntas e respostas, numa leitura de aparência dialogal, os discursos aparecem de forma dúbia, sem que se lhes reconheça a voz. Nessa profusão discursiva difusa, nota-se que os trechos citados, conforme vimos no capítulo anterior, desconexos de seu lugar de enunciação, isto é, de seus discursos de origem, adquirem o estatuto de máximas gerais que se confrontam umas com as outras, denotando a nulidade do saber acumulado, desvendado em sua inoperância, uma vez que os discursos coadunam sentenças que trazem verdades relativizadas e discordantes entre si. De roupagem dialógica, a leitura dos copistas, feita de retalhos de textos condensados, não atinge nenhuma síntese, já que Flaubert “*invente une organisation fictionnelle qui les [les savoirs et les discours] retourne, il fragmente les argumentations, les dispersant dans les énoncés de locuteurs différents*”²¹⁰, construindo um discurso que se assemelha a uma bela colcha de retalhos que, olhada de perto, revela sua costura imperfeita e transmuta-se num farrapo.

Nesse sentido, outro trecho de *Bouvard & Pécuchet* também mostra essa condensação máxima de discursos, na qual as personagens se perdem, no capítulo V, quando passam a ler obras sobre a estética:

La science qu'on nomme esthétique, trancherait peut-être leurs différends. Un ami de Dumouchel, professeur de philosophie, leur envoya une liste d'ouvrages sur la matière. Ils travaillaient à part, et se communiquaient leurs réflexions.

D'abord qu'est-ce que le Beau?

²⁰⁹ “Não obstante a forma adotada ser deliberadamente dialogada: perguntas e respostas, presente, emprego de possessivos da primeira pessoa, não temos nenhuma garantia de que uma única das frases que lemos represente exatamente a fala de uma das personagens – nem mesmo que ela refira-se à fala das personagens: porque todas elas podem igualmente referirem-se não ao que dizem Bouvard e Pécuchet, mas ao que eles leram nos tratados; perguntas e respostas podem ser trocadas dentro de um mesmo livro, de um livro a outro, de Bouvard e Pécuchet aos livros, ou entre os dois amigos. Além disso, como no excerto anterior, o texto condensa ao extremo a discussão, sem denotar, entretanto, em nenhum momento, o aspecto de um resumo narrativo” (GOTHOT-MERSCH, Claudine. “La parole des personnages”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 219).

²¹⁰ “*inventa uma organização ficcional que modifica [os saberes e os discursos], ele fragmenta as argumentações, dispersando-as nos enunciados de locutores diferentes*” (Gisèle Séginger. “La Tentation et les savoirs”. *Flaubert. Revue critique et génétique*, nº 1, 2009. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index389.html>>. Acesso em: 14 mar: 2009, p. 7).

Pour *Schelling* c'est l'infini s'exprimant par le fini, pour *Reid* une qualité occulte, pour *Jouffroy* un fait indécomposable, pour *De Maistre* ce qui plaît à la vertu; pour le *P. André* ce qui convient à la Raison.

[...]

Ils se perdaient ainsi dans les raisonnements. Bouvard, de moins en moins, croyait à l'esthétique.

– “Si elle n'est pas une blague, sa rigueur se démontrera par des exemples. Or, écoute.” Et il lut une note, qui lui avait demandé bien des recherches.

“*Bouhours* accuse Tacite de n'avoir pas la simplicité que réclame l'histoire. *M. Droz*, un professeur, blâme Shakespeare pour son mélange du sérieux et du bouffon, *Nisard*, autre professeur, trouve qu'André Chénier est comme poète au-dessous du XVII^e siècle, *Blair*, Anglais, déplore dans Virgile le tableau des harpies. *Marmontel* gémit sur les licences d'Homère. *Lamotte* n'admet point l'immoralité de ses héros, *Vida* s'indigne de ses comparaisons. Enfin, tous les faiseurs de rhétoriques, de poétiques et d'esthétiques me paraissent des imbéciles!” (*BP*, p. 219-21, grifos nossos)²¹¹

Percebemos que a condensação, no excerto acima, advém de uma fusão num mesmo parágrafo, ou até numa mesma frase, de vozes de discursos díspares, que têm apenas sua autoria indicada, seguida de um resumo extremamente sintético das ideias veiculadas na obra, em pedaços de enunciados, não sendo possível a recuperação de seu contexto de origem, condição necessária para um confronto de ideias visando uma desconstrução dos saberes e redundando num malogro, tal qual os copistas empreendem. Numa enumeração das diversas teorias, a lista dos discursos do saber poderia seguir-se *ad infinitum*, trazendo para a obra de ficção todos os discursos da biblioteca fantástica, numa profusão confusa de vozes. Conforme vimos no excerto anterior do romance, aqui estamos igualmente diante de uma indefinição das vozes narrativas, já que a indicação “Ils travaillaient à part, et se communiquaient leurs réflexions” aponta para a possibilidade de o que se segue ser um discurso indireto livre – amálgama, portanto, das falas das personagens com a voz do narrador – contento as reflexões

²¹¹ “A ciência a que se chama estética talvez resolvesse as suas divergências. Um amigo de Dumouchel, professor de filosofia, enviou-lhes uma lista de obras sobre a matéria. Estudavam separadamente, comunicando-se, depois, as conclusões.

Antes de tudo, que é o Belo?

Para *Schelling*, é o infinito exprimindo-se pelo finito; para *Reid*, uma qualidade oculta; para *Jouffroy*, um fato indecomponível; para *De Maistre*, o que agrada à virtude; para o *Padre André*, o que convém à razão.

[...]

Eles perdiam-se, assim, nos seus raciocínios. Bouvard acreditava cada vez menos na estética.

– Se ela não for uma pilhéria, o seu rigor poderá ser demonstrado por meio de exemplos. Ouve!

E leu uma nota que lhe havia custado muitas pesquisas.

‘*Bouhours* acusa Tácito de não possuir a simplicidade reclamada pela História.’

‘*Droz*, um professor, censura Shakespeare por misturar o sério com o grotesco. *Nisard*, outro professor, acha que, como poeta, André Chénier está abaixo do século XVII. *Blair*, inglês, deplora em Virgílio o quadro das Harpias. Lamenta *Marmontel* as licenças poéticas de Homero; *Lamotte* não admite, absolutamente, a imortalidade [sic] dos seus heróis; *Vida* indigna-se com as suas comparações. Enfim, todos os forjadores de retóricas, de poéticas, de estéticas, me parecem uns imbecis!’” (*BP*, p. 130-2, grifos nossos)

dos amigos, confundindo-se, entretanto, com o próprio discurso do saber lido por eles. Estamos diante não apenas de uma biblioteca vertiginosa, mas de uma vertigem das falas.

A dispersão de pedaços de discursos condensados nos enunciados do narrador e das personagens, sem que seja possível definir os limites entre as vozes destes entre si e entre as vozes destes e as advindas dos discursos do saber, num efeito próprio do discurso indireto livre, marcado pela indefinição extrema – ou, se preferirmos, pela fusão – das vozes, delineia a leitura irônica dos copistas, que traz para a narrativa todos os livros possíveis de uma biblioteca ficcional. Essa leitura, ao privilegiar a indefinição da voz narrativa, inclui uma biblioteca de discursos que não para de falar, numa proliferação tagarela à qual se suspende a pergunta recorrente da crítica literária: “quem fala?”. Num apagamento-limite dos enunciadores, tal como sugere Authier-Revuz, o discurso indireto livre da biblioteca fantástica flaubertiana faz com que os discursos como que adquiram vida própria, numa estéril repetição onde “fala-se” indefinidamente:

En effet, les formes non marquées de l'hétérogénéité montrée – discours indirect libre, ironie... d'une part, métaphores, jeux de mots... d'autre part – représentent, par le continuum, l'incertitude qui y caractérise le repérage de l'autre, *une autre forme de négociation* avec l'hétérogénéité constitutive: une forme plus *risquée*, parce qu'elles jouent avec la dilution, la dissolution de l'autre dans l'un, d'où celui-ci peut sortir emphatiquement confirmé, mais aussi où il peut se perdre.

Aussi, mènent-elles, sans rupture, aux discours qui, au plus près de l'hétérogénéité constitutive, renoncent à toute protection vis-à-vis d'elle, tentant l'impossible de “faire parler” celle-ci, dans le vertigineux effacement de l'énonciateur traversé par le “ça parle” de l'interdiscours ou du signifiant tels que le dessinent, absolus mythiques, le Livre “entièrement recopié” de Flaubert dont le *Dictionnaire des idées reçues* et *Bouvard et Pécuchet* étaient des éléments ou des ébauches, et le Livre “qui a lieu tout seul”, “sans voix d'auteur”, produit par une “algèbre” du signifiant, de Mallarmé, dont le *Coup de dés* était une approche.²¹²

Na verborragia da biblioteca fantástica, na qual se torna impossível a identificação das vozes narrativas, vemos que a ficcionalização da problemática leitura dos copistas faz-se de

²¹² “Com efeito, as formas não marcadas da heterogeneidade indicada – discurso indireto livre, ironia... por um lado; metáforas, jogo de palavras... por outro – representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza aqui a determinação do outro, *uma outra forma de negociação* com a heterogeneidade constitutiva: uma forma mais *arriscada*, porque *elas flertam com a diluição, a dissolução do outro em si*, de onde este pode sair enfaticamente confirmado, mas também onde ele pode se perder. Da mesma maneira, elas levam, sem ruptura, aos discursos que, mais próximos da heterogeneidade constitutiva, renunciam a toda proteção face a ela, tentando o impossível de ‘fazer falá-la’, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo ‘fala-se’ do interdiscurso ou do significante, tais como o delineiam, absolutamente míticos, o Livro ‘inteiramente recopiado’ de Flaubert, do qual o *Dicionário das ideias feitas* e *Bouvard et Pécuchet* foram os ingredientes ou os esboços, e o Livro ‘que se produz a si mesmo’, ‘sem voz do autor’, produzido por uma ‘álgebra’ do significante, de Mallarmé, do qual o *Lance de dados* foi uma aproximação” (AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. In: *Langages*, nº 73, 1984, p. 108, sublinhas nossas).

maneira intrínseca ao aparecimento do livro feito de livros imiscuído num não menos problemático discurso indireto livre, que contribui para que se coloque em posição dubitativa tanto os discursos dos campos do saber, quanto a própria forma pela qual as personagens empreendem suas leituras. Dessa forma, os olhos do leitor, ao perceber a ironia cunhada por essa leitura dos copistas, se não se voltam de imediato para a forma literária da obra, são levados a questionar seu próprio procedimento de leitura e a observar, ao menos, a profusão de discursos inseridos no romance, através da boca das personagens. O leitor nota que o romance flaubertiano se constrói sobre uma teia de discursos variados, sem os quais a própria ficção ficaria inviabilizada, como um castelo de cartas que se desfaz com um sopro.

Assim, a estrutura da obra evidencia seu maquinário ao mimetizar, ainda que de forma irônica, a maneira como se faz um romance a partir da indiscriminada inserção de discursos alheios em sua própria trama ficcional, discursos que entram na trama do literário e passam a ser regidos pela lógica do ficcional, desvinculados de sua origem enunciativa do campo do saber científico ao qual pertenciam, tal como já expusemos no primeiro capítulo desta dissertação. Como vimos, a literatura serve-se dos discursos dos outros campos sem, no entanto, se subordinar a eles, visto que os discursos entram na lógica discursiva ficcional, perdendo seu valor de documento, já que esvaziados de sentido. A acumulação dos saberes em *Bouvard & Pécuchet*, portanto, não denota uma acumulação de erudição, nem a tentativa de construir uma referencialidade com a realidade empírica, afastando-se de uma relação meramente documental com os discursos e reiterando uma postura crítica tanto com esses discursos, quanto consigo mesma, ao colocar seus próprios elementos de composição como assunto ficcional e ao questionar as condições de legibilidade da própria obra através da ficcionalização da leitura dos dois copistas. Vemos então uma obra autorreflexiva, que se dobra sobre si mesma, aglomerando discursos e construindo uma ficção que se quer uma biblioteca fantástica, potencialmente aglutinadora de todos os discursos possíveis, retomando mais uma vez a biblioteca de Babel borgiana, numa proliferação de vozes e de discursos encadeados vertiginosamente, como vimos, num efeito de *trompe-l'œil*, decorrente da colocada em perspectiva abissal dos pedaços de discursos condensados e espalhados pela ficção nas vozes narrativas indefinidas, conforme sugere a exposição de Claudine Gothot-Mersch:

Sa solution [de Flaubert] originale a été de multiplier les formes intermédiaires entre le discours direct et le récit de paroles, et de traiter le tout par très petites tranches (son emploi de l'italique et des guillemets lui

permet d'utiliser des fragments de style direct d'un seul mot, et il ne s'en prive pas). [...]

[...] pour notre trouble, et pour notre désir, au calcul des perspectives se substitue finalement un jeu de trompe-l'œil.²¹³

Ao apontar para a própria enunciabilidade da obra, sublinhando que o romance que lemos não poderia ser enunciado sem se recorrer a essa extrapolação dos discursos presentes na biblioteca real, a ficção de Flaubert nos leva a questionar também o que é legível nessa barafunda discursiva que não nos oferece nenhuma síntese, parecendo apontar para a impossibilidade de construção de conhecimento através do acúmulo do saber, além de questionar a própria comunicabilidade e transmissibilidade dos discursos.

Diante da impossibilidade de escrever sem se relacionar com o já-escrito, o romance flaubertiano em crise vai descortinar seus próprios elementos constitutivos, apontando seus limites, contrapondo-se à instituição escrita já consolidada, incluindo em sua trama todos os discursos possíveis numa mescla de vozes, quase até o colapso da própria literatura, delineando percursos ficcionais de leituras impossíveis, num questionamento das formas de se ler e de legitimar uma obra por sua inserção numa tradição escrita, apontando para o que torna uma obra *dizível* e *legível* e para sua problemática correlata.

Nascida do confronto entre as bibliotecas real e ficcional, a biblioteca fantástica desconstruída e em chamas nos impele, aqui, a desnaturalizar as formas dadas de enunciabilidade e de legibilidade, nos forçando a sentir o cheiro das cinzas a cada vez que abrimos o livro.

²¹³ “Sua solução [de Flaubert] original foi multiplicar as formas intermediárias entre o discurso direto e a narração de falas e organizar o todo por pequenos pedaços (o uso do itálico e das aspas permitiu-lhe empregar fragmentos de uma única palavra em estilo direto, aos quais frequentemente lança mão). [...] para nossa inquietação, e para nosso prazer, ao cálculo das perspectivas substitui-se, enfim, um jogo de trompe-l'œil” (GOTHOT-MERSCH, Claudine. “La parole des personnages”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983, p. 221).

BIBLIOTECAS EM CHAMAS

“Quizá me engañen la vejez y el temor, pero sospecho que la especie humana – la única – está por extinguirse y que la Biblioteca perdurará: iluminada, solitaria, infinita, perfectamente inmóvil, armada de volúmenes preciosos, inútil, incorruptible, secreta.”

Jorge Luis Borges, “La biblioteca de Babel”

Nossa errância pelos (des)caminhos dos labirintos das bibliotecas fantásticas de Machado e Flaubert, partindo inicialmente de um efeito de leitura – que vislumbrava a existência de um livro feito de outros livros sendo tecido por meio de escrituras autorreflexivas que colocavam em relevo os próprios elementos concernentes ao fazer literário –, nos levou a percorrer várias paragens, em meandros de uma busca crítica de cerceamento de nosso objeto de estudo, buscando a saída de um labirinto que insistia em abrir-se em múltiplas outras possibilidades, em novos percursos que exigiriam a delineação de novos labirintos críticos, que vertiginosamente abrir-se-iam em outros labirintos, talvez *ad infinitum...*

Numa primeira parada de nosso percurso, partimos de um questionamento inicial às decorrências críticas de nosso objeto, tangenciando o escopo da literatura comparada e da crítica genética, a fim de delinear as relações interdiscursivas operadas pelo fazer literário dentro da noção de rede discursiva, seguindo os postulados de Michel Foucault²¹⁴, a partir dos quais pudemos entrever a possibilidade de relações não hierárquicas entre discursos serem estabelecidas nas bibliotecas, vistas não como o lugar de recolha das fontes, mas como o lugar onde se estabelecem práticas de leitura que permitem a existência e o estabelecimento de determinadas práticas de escrita, propiciando a enunciabilidade das obras, já que, como vimos, a literatura não se faz fora da biblioteca, ou seja, uma obra literária só pode ser enunciada *dentro e a partir de* uma rede de relações interdiscursiva em permanente mutação.

Contudo, nosso ponto de partida, ao perceber como um efeito de leitura, presente nas escrituras machadiana e flaubertiana, o livro feito de outros livros, nos levou a perscrutar a ideia de Foucault acerca da biblioteca fantástica²¹⁵, objetivando delimitar o que entrevemos

²¹⁴ FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

²¹⁵ Idem. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 103-122.

aqui como a existência de uma *biblioteca fantástica* em Flaubert e Machado, entrevista não como um conceito preestabelecido, mas como uma construção crítica nascida do encontro entre a crítica foucaultiana e nosso olhar sobre as obras literárias dos autores estudados, no intervalo entre, de um lado, o lugar de enunciação delineado por nosso percurso e, de outro, o lugar ocupado pelas escrituras machadiana e flaubertiana e pelas teorias e críticas literárias mobilizadas *em e por* nosso percurso.

A partir da noção foucaultiana da biblioteca fantástica, pudemos alargar o conceito de biblioteca, passando a contemplá-la também dentro de uma rede relacional de discursos, entrevedo novamente relações fluidas e não unívocas nela sendo estabelecidas, numa dispersão que impede a reconstrução das próprias trajetórias relacionais, problematizando, inclusive, abordagens que encaram a biblioteca como detentora de uma erudição positiva, ligada a um *lógos*, como um lugar da documentação, da ilustração ou da sapiência, para pensá-la como o lugar da construção do imaginário, do sonho, de uma potência preponderantemente explosiva. Vê-se, portanto, que a própria reflexão teórica desenvolvida acerca da biblioteca fantástica nos afastou da viabilidade de uma recolha de dados materiais nas bibliotecas particulares, uma vez que estas passaram então a ser contempladas como uma *potência*, no que elas nos oferecem em suas *virtualidades*.

Reencontrando a virtualidade das bibliotecas reais de Machado e Flaubert, adentramos de vez nos (des)caminhos de bibliotecas que se mostraram em sua precariedade constitutiva, apontando para trajetórias de formação de acervo tão erráticas quanto o nosso labirinto crítico, que serpenteavam pela história real de legados permeados por heranças, perdas, doações, enxertos, manipulações críticas: acompanhamos nesse percurso o despontar não das bibliotecas reais, mas de reconstruções de acervos, erigidas por críticos literários que se debruçaram sobre a catalogação de despojos livrescos. Os restos materiais dessas bibliotecas, por seu caráter metonímico, apontavam novamente para as virtualidades perdidas das totalidades das bibliotecas reais e das práticas de leitura de ambos os escritores, desvelando as bibliotecas pessoais como bibliotecas fantásticas, através do apagamento das marcas, de seu aspecto elíptico, das relações vislumbradas entre tomos ou do imaginário potencialmente entrevisto, nos obrigando a caminhar para as bibliotecas ficcionais, a fim de melhor compreender as relações interdiscursivas operadas no interior dessas bibliotecas reais, reveladas em sua virtualidade. Virtualidade a partir da qual foi possível contemplar, dessa maneira, algo do encontro enigmático entre os despojos das bibliotecas reais e a explosão

discursiva operada pelas bibliotecas ficcionais, começando a adentrar nas relações discursivas tensionais estabelecidas pelas ficções machadiana e flaubertiana.

Ainda perdidos por entre as estantes intrincadas das bibliotecas reais dos autores, caminhamos para suas escrituras, vislumbrando já um pouco das bibliotecas ficcionais infiltradas nas bibliotecas particulares, movidos pelo intuito de compreender as práticas de leitura de ambos os escritores, que se mostraram patentemente problematizadoras com relação à biblioteca discursiva *com a qual* ou *contra a qual* as ficções constituíam-se, uma vez que a enunciabilidade das obras operada *na* e *a partir da* biblioteca não se mostrou uma reescritura de continuidade passiva do já-dito, mas, pelo contrário, revelou-se um agenciamento discursivo operacionalizador de uma construção de relações pautadas pela tensão estabelecida com o discurso já-escrito, numa posição preponderantemente crítico-reflexiva de questionamento da própria biblioteca, propiciando o questionamento da possibilidade de verdades unívocas serem veiculadas pelos discursos alheios e problematizando as formas já-dadas ou impostas de *fazer* e de *ler* literatura, isto é, desnaturalizando as condições de *enunciabilidade* e de *legibilidade* das obras ficcionais.

E eis que nosso labirinto crítico nos aponta sutilmente para um desvio e nosso percurso poderia abrir-se num aprofundamento das implicações das escrituras de ambos os autores, no que se refere a suas enunciabilidades no seio dos campos literários aos quais pertencem, já que suas obras, ao questionar as decorrências de *fazer* e de *ler* literatura, parecem igualmente refletir sobre seus sistemas literários, apontando para uma possível significação crítica de suas obras, se estas forem observadas na relação tensional com a produção de seus contemporâneos, levando-as a questionarem-se: é possível vislumbrar um campo literário formado no Brasil dos oitocentos? Quais suas implicações? Quais as decorrências da criação de uma instituição literária forjada como a ABL? Como se apresenta o campo literário francês? Quais as implicações da enunciação problemática da obra de Flaubert, que se recusa a uma filiação a qualquer instituição? Qual a relação de ambos com a tradição escrita?²¹⁶

Resistindo ao canto das Sirenas, seguimos nas bibliotecas particulares e ficcionais de nossos autores e percebemos que ambos colocam-se numa posição de autoquestionamento da literatura, apontando talvez para uma crise do romance e do literário, ao desvelar criticamente,

²¹⁶ Os questionamentos aventados estão fortemente imbuídos da teorização de Bourdieu acerca do campo literário, noção que fatalmente deveria ser rediscutida – e não meramente acatada – no que tange à problematização operada pelas escrituras de Machado e Flaubert (BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1998 [1992]).

ainda que de maneira ficcionalizada, o funcionamento da literatura, através de ardis romanescos diferentes e com efeitos igualmente diferentes. Nesse ponto, seguimos para outra paragem de nosso percurso, nos aprofundando completamente nas veredas das bibliotecas ficcionais, antes apenas parcialmente vislumbradas, observando então de que forma a ficção do livro em ambos os autores concorre para a construção da autorreflexividade de suas escrituras, reforçando o questionamento do funcionamento da própria literatura, dando a ver bibliotecas extrapoladas por uma ficção preponderantemente irônica e em chamas.

Aqui novamente as estantes abriram-se num abismo vertiginoso e as labaredas dos tomos irônicos das escrituras de Flaubert e Machado quase nos engoliram, com o ácido cáustico do riso de suas vozes ambíguas que indeterminam o limite da ironia que lemos. Nosso percurso poderia seguir pelo intrincado labirinto das escrituras irônicas dos autores, que parecem consumir a tudo e a todos, não ficando talvez nem o leitor, nem o próprio livro, imunes à corrosão. De que ordem é essa ironia? Quais são seus limites? Onde e como ela se constrói? Como o leitor a apreende? De quem é a voz da ironia? São questões múltiplas que enriqueceriam a compreensão das bibliotecas fantásticas, construídas por meio de escrituras preponderantemente irônicas, mas que nos levariam para outra odisseia, para outras bibliotecas em chamas.

Persistindo no encalço da biblioteca fantástica operada no intervalo da biblioteca real e ficcional, percebemos, então, que a ficção de Machado de Assis, ao incluir em sua trama romanescas uma gama infinita de citações e alusões, muitas vezes deturpadas, problematiza a ideia de uma filiação à tradição ou de uma continuidade dos discursos já-escritos presentes na biblioteca, já que sua escritura inclui o discurso alheio através de uma recontextualização que dessacraliza o texto original, de modo a rebaixar a citação, num movimento que ironiza o discurso alheio, mas que também aponta para o próprio procedimento de citar de forma irônica, procedimento revelado em sua artificialidade imposta, uma vez que a citação aparece de maneira ficcional como meio risível de legitimação discursiva socialmente imposta, numa ironia que retroage na própria ficção, que igualmente faz um uso abusivo de citações e alusões.

A própria forma reiterada pela qual a ficção inclui discursos alheios e alardeia a sua inclusão faz com que também percebamos seu caráter artificial, propiciando que contemplemos a interdiscursividade como um elemento intrinsecamente necessário à feitura do livro. Somos levados a nos voltar para a estrutura da obra, na qual se opera a construção da ficção autoral, por meio do recurso ao defunto autor ficcional que nos mostra os artifícios da

própria escritura, numa ficcionalização da escrita que descortina os elementos necessários para que a obra seja escrita, questionando o que deve ser *dizível* na literatura. Vimos na biblioteca ficcional machadiana as formas de escrever serem apontadas como artificialmente forjadas e impostas. Paralelamente à ficção autoral, e como decorrência dessa, observamos a construção de uma ficção da leitura, sobretudo com a exposição de elementos que determinados leitores esperam encontrar no livro e com a desqualificação desses mesmos leitores, mostrando igualmente que formas de ler são impostas e questionando o que era imposto como *legível*.

Desse modo, percebemos que as convenções narrativas são reveladas pela ficção de Machado e que o recurso à citação enquanto forma de legitimação discursiva também é colocado como uma convenção, levando o leitor a perceber a interdiscursividade presente na obra como um recurso ambíguo necessário para a enunciabilidade e para a legibilidade da ficção. Ao apontar as formas de ler e escrever como algo artificial, como algo construído e imposto, somos obrigados a não encará-las como naturais, questionando-as e problematizando a própria literatura brasileira enquanto sistema, já que as noções de legado e tradição parecem ser repostas pela empreitada da biblioteca ficcional machadiana, através da voz inverossímil do defunto autor tagarela construído pelo recurso ao autor ficcional.

Nesse sentido, questionar as formas de escrever e de ler, dentro de um sistema literário em formação, acarreta um efeito de leitura singular: a autorreflexividade do livro feito de livros, que origina uma reflexão acerca da enunciabilidade e da legibilidade da obra, aponta para a precariedade da literatura que se forma e forja-se a si mesma a partir de elementos artificiais impostos, que devem ser desnaturalizados, questionados, refletidos, a fim de encontrar o que é a literatura e qual a responsabilidade de fazê-la.

Já adentrados no fogo da biblioteca fantástica de Gustave Flaubert, percebemos que as citações incluídas na trama ficcional advêm de uma prática de leitura e de pesquisa empreendida na biblioteca real do escritor, que condensa os discursos alheios e os insere de maneira sintetizada, descontextualizada e dispersa na ficção, a fim de estabelecer um confronto discursivo desconstrutivo, mostrando que não é possível entrever nenhuma construção de erudição, no sentido de instrução e sapiência, na acumulação de discursos. O próprio movimento da ficcionalização da leitura, que desconstrói os discursos alheios, no afastamento das verdades unívocas que seus campos do saber pretendiam veicular, ironizando-os, também é o responsável pela ironização da própria leitura empreendida pelas

personagens, mostrando que não apenas os discursos são rebaixados, mas também o próprio procedimento de citar, problematizado pela estupidez dos copistas.

Assim, a forma como os discursos aparecem na biblioteca ficcional é determinante para o estabelecimento de uma relação tensional com a biblioteca discursiva presente na biblioteca real, visto que a mobilização dos discursos já-escritos operada de maneira singular pela ficção nos pareceu construir a ficcionalização da leitura, responsável pela inclusão de uma reflexão crítica acerca da ciência, dos saberes e, de maneira mais pungente, da leitura e da *legibilidade* da obra. A interdiscursividade da biblioteca ficcional foi, então, observada através da ficcionalização da leitura operada por meio do recurso ao discurso indireto livre, que procedeu a uma profusão discursiva indeterminadora da voz narrativa, incluindo o livro feito de livros dentro de uma verborragia onde “fala-se” sem que se percebam os limites da ironia que desconstrói igualmente os discursos e as formas de ler que buscam legitimação nos discursos alheios. O próprio procedimento de leitura dos copistas, que parece ser também partilhado pelo leitor da ficção flaubertiana, é contaminado pela ironia, nos levando a observar e questionar esses procedimentos.

Vimos que a inclusão de discursos de forma iterativa parece igualmente revelar que o livro flaubertiano não se faz sem o recurso aos discursos alheios já-escritos, assinalando os elementos constitutivos da enunciabilidade da obra como um aspecto a ser sublinhado, o que aponta para a ficção enquanto máscara, desvelando seus elementos como algo imposto, artificial, construído e já-consolidado pela instituição literária. Nessa autorreferencialidade, que desnuda a enunciabilidade da obra e problematiza sua legibilidade, observamos uma ficção que, ao incluir em si todos os discursos possíveis, ao apontar para a interdiscursividade como um elemento necessário de relacionamento com a cultura de tradição escrita enquanto forma de legitimação da obra, acaba por reencontrar-se ao operar um desnudamento dessa relação com a biblioteca, mostrando os procedimentos de ler e de escrever que se impõem como algo natural, mas que devem ser requestionados e desnaturalizados.

Nesse sentido, questionar as formas de escrever e ler dentro de um sistema literário já-consolidado, como o francês, de longa tradição escrita, nos leva a ver um efeito de leitura que coloca o livro feito de livros como uma forma de questionar e minar as relações com o já-escrito por dentro da própria tradição de cultura escrita. Trata-se de desnaturalizar o que é já-dado, recolocando a literatura enquanto questão, trazendo para a própria ficção os questionamentos que implicam a responsabilidade de fazer literatura e de mantê-la significativa, de mantê-la viva.

Conforme vimos através de nossa incursão pelas bibliotecas fantásticas, o questionamento com relação aos discursos já-escritos, operado pelas escrituras machadiana e flaubertiana no seio das bibliotecas reais desveladas em suas virtualidades, nos levou a observar a tensão discursiva estabelecida com relação à própria biblioteca, que apareceu em ambos os escritores de maneira a problematizar a acumulação de conhecimento ou da tradição literária escrita como uma forma de erudição, questionando as formas de ler e de escrever, reflexão reforçada pelas bibliotecas ficcionais que desvelam o caráter autorreflexivo das obras, conforme vimos com as ficcionalizações da escrita inverossímil de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por meio do defunto autor ficcional que nega qualquer legado, e da leitura impossível de *Bouvard & Pécuchet*, por meio do discurso indireto livre que indetermina as vozes e impede uma síntese dos discursos.

Reencontramos, nesse ponto, escrituras que acabam por colocar como problema a possibilidade mesma da transmissão de conhecimento, apesar da intensa solicitação aos discursos alheios operada pela enunciabilidade da própria trama ficcional, delineando livros feitos de outros livros que acabam por incendiar a biblioteca fantástica, não apenas porque o gesto ficcional da tentativa de incluir potencialmente todos os discursos possíveis explode a biblioteca, como parece sugerir a metáfora foucaultiana que serve de epígrafe a esta dissertação²¹⁷, mas porque a própria inclusão indiscriminada de discursos colocados de forma dúbia e irônica, num procedimento de citação igualmente problematizado e irônico que, conforme expusemos, questiona a acumulação discursiva enquanto formadora de uma erudição e de uma transmissibilidade de conhecimento, acaba por colocar a biblioteca em chamas, arrasando-a e descortinando-a como algo que se revela, no limite, inútil, tal como parece apontar as caracterizações mais extremas da biblioteca de Babel de Jorge Luis Borges, desvelada não apenas em sua impossibilidade utópica, mas em sua esterilidade, já que os vinte

²¹⁷ Retomamos a epígrafe já citada no capítulo I de nosso trabalho, na qual Foucault expande a ideia do livro feito de livros a partir de *La tentation de saint Antoine*, num excerto que merece ser aqui retomado: “[*La Tentation*] C’est moins un livre nouveau, à placer à côté des autres, qu’une oeuvre qui s’étend sur l’espace des livres existants. Elle les recouvre, les cache, les manifeste, d’un seul mouvement les fait étinceler et disparaître. Elle n’est pas seulement un livre que Flaubert, longtemps, a rêvé d’écrire; elle est le rêve des autres livres: tous les autres livres, rêvants, rêvés, – repris, fragmentés, déplacés, combinés, mis à distance par le songe, mais par lui aussi rapprochés jusqu’à la satisfaction imaginaire et scintillante du désir. Après, *Le Livre* de Mallarmé deviendra possible, puis Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges. *La bibliothèque est en feu*” (“[*A Tentação*] É menos um livro novo, a ser colocado ao lado dos outros, que uma obra que se estende sobre o espaço dos livros existentes. Ela os recobre, os esconde, os manifesta, de um único movimento os faz brilhar e desaparecer. Ela não é somente um livro que Flaubert, por muito tempo, sonhou escrever; ela é o sonho dos outros livros: todos os outros livros, sonhadores, sonhados, – retomados, fragmentados, deslocados, combinados, afastados pelo sonho, mas por ele igualmente aproximados até a satisfação imaginária e cintilante do desejo. Depois, *O Livro* de Mallarmé se tornará possível, em seguida Joyce, Roussel, Kafka, Pound, Borges. *A biblioteca está em chamas*”. FOUCAULT, Michel. “La bibliothèque fantastique”. In: GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983 [1967], p. 106-7, sublinhas nossas).

e cinco caracteres tipográficos da biblioteca não podem ser decifrados, mostrando que os livros nada significam e nada mais transmitem, restando o monumento da biblioteca infinita, incorruptível e inútil²¹⁸:

([...] Admiten que los inventores de la escritura imitaron los veinticinco símbolos naturales, pero sostienen que esa aplicación es casual y que los libros nada significan en sí. Ese dictamen, ya veremos, no es del todo falaz.)

Quizá me engañen la vejez y el temor, pero sospecho que la especie humana – la única – está por extinguirse y que la Biblioteca perdurará: iluminada, solitaria, infinita, perfectamente inmóvil, armada de volúmenes preciosos, inútil, incorruptible, secreta.²¹⁹

Dessa forma, as bibliotecas fantásticas de nossos autores logram operar uma reflexão vertiginosa, atingindo o que é dito – questionando os discursos alheios em si e o que estes (não) podem transmitir – e as formas pelas quais se diz o que é dito – questionando a própria trama das obras que lança mão do recurso à inclusão do discurso alheio. Apontando a todo o momento para a interdiscursividade como um recurso artificial, como um meio de legitimação das obras que devem se relacionar de alguma forma com o já-escrito para poderem ser enunciadas, para serem *dizíveis* e para serem reconhecidas como legítimas por seu público leitor, isto é, para serem *legíveis*, a estrutura das obras é colocada em relevo, já que a ficção se mostra enquanto uma máscara, desvelando a problemática decorrente de sua própria enunciabilidade e legibilidade.

Vemos de que maneira, paradoxalmente, o que abre para o discurso do outro, com a interdiscursividade inerente à estrutura das obras, leva a ficção a voltar-se sobre si mesma, numa dobra que coloca a literatura enquanto objeto²²⁰, enquanto questão crítica primordial, acarretando não um fechamento alienado da literatura sobre si mesma, visto que a autorreferencialidade crítica aparece não num diálogo autista e puramente formalista da

²¹⁸ Esse e outros aspectos da biblioteca de Babel borgiana são, sobretudo em sua relação com a escritura de Calvino, analisados pela tese de Maria Elisa Rodrigues Moreira, à qual remetemos nosso leitor (MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *Literatura e biblioteca em Jorge Luis Borges e Ítalo Calvino*. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários, Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012). Devemos a indicação desse estudo a Carolina Augusto Messias.

²¹⁹ “Admitem que os inventores da escritura imitaram os vinte e cinco símbolos naturais, mas sustentam que essa aplicação é casual e que os livros nada significam em si. Essa teoria, conforme veremos, não é de todo falsa”. “Talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta” (BORGES, Jorge Luis. “La biblioteca de Babel”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1944], p. 466-7 e 470).

²²⁰ Retomamos aqui a ideia barthesiana da literatura que se coloca como literatura-objeto, através de uma reflexão em torno da linguagem e da própria literatura, apontando para a modernidade da colocada da literatura como questão, característica do advento da escritura em meados do século XIX, conforme expusemos da introdução desta dissertação, à qual remetemos nosso leitor.

literatura consigo mesma, mas uma reflexão que a questiona enquanto um *fazer*, em sua essência e em sua recepção, reencontrando as questões primordiais da literatura, que a ligam ao mundo ao torná-la *sensível*²²¹ ao leitor: como fazer literatura? Como narrar? Como ler? O que a torna possível? *O que é, enfim, literatura?* O binômio inicial, que entrevíamos nas bibliotecas reais e ficcionais, coadunou-se num interessante trinômio que se revelou uno: do encontro entre as duas faces das bibliotecas particulares extrapoladas, em suas virtualidades, pelas bibliotecas ficcionais incendiadas, vislumbramos as bibliotecas fantásticas que vertiginosamente se colocam como questão infinita da própria literatura.

Sem saber ao certo se em nossa errância pelos incêndios das bibliotecas deixamos algum fio de Ariadne que nos permitisse a saída certa do labirinto, encontramos vários caminhos alternativos a serem seguidos, em brechas que, aparentando saídas sedutoras, desembocariam em outros labirintos não menos intrincados, numa teia rizomática talvez infinita. Apontando para outros percursos críticos, outras paragens a serem exploradas, reencontramos o mito de Dédalo e seguiremos para a construção de novos labirintos, nos perdendo em outras bibliotecas de Machado de Assis e Gustave Flaubert, ainda, talvez, fascinados com o inquietante cheiro e gosto das cinzas das bibliotecas fantásticas de seus livros que ardem em nossas mãos e incendeiam-se sob nossos atônitos olhos.

²²¹ Utilizamos a palavra *sensível*, do verbo *sentir*, remetendo à duplicidade semiológica mais patentemente percebida na palavra *sentido*, que remete tanto àquilo que possui uma significação, quanto ao que é percebido sensorialmente.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1975 [1904].

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1975 [1881].

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard et Pécuchet*. Paris: Gallimard, 1979 [1881].

_____. *Carnets de travail* (Edição estabelecida por Pierre-Marc de Biasi). Paris: Balland, 1988.

_____. *Correspondance*. Tome III. Janvier 1859 – décembre 1868. Paris: Gallimard, 1991.

Tradução

FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Trad. Galeão Coutinho e Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Crítica genética e literatura comparada

BRUNEL, Pierre; PICHOIS, Claude; ROUSSEAU, André-Michel. *Qu'est-ce que la littérature comparée?*. Paris: Armand Colin, 2000.

DURANTE, Erica. "Critique génétique et littérature comparée: D'une fausse impasse dans la théorie littéraire contemporaine". *Revue Recto/Verso*, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revuerectoverso.com/spip.php?article47>>. Acesso em: 18 jan 2009.

GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994.

- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- NITRINI, Sandra Margarida. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 1997.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. *La littérature générale et comparée*. Paris: Armand Colin, 1994.
- PICHOIS, Claude; ROUSSEAU, André-Michel. *La littérature comparée*. Paris: Armand Colin, 1967.
- PINO, Claudia Amigo (org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- _____; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever. Uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação*. São Paulo, Educ, 2000 [1992].
- WELLEK, René. “A crise na literatura comparada”. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia (orgs.). *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 108-19.
- WILLEMART, Philippe. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria, FAPESP, 1995.
- _____. *A pequena letra em teoria literária: a literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure*. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999.
- _____. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CAPES, 2005.
- _____. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.
- ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo. Ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Teoria literária e obras gerais

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”. In: *Langages*, n° 73, 1984, p. 98-111.

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo. Ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964.

_____. “La mort de l’auteur”. *Œuvres complètes. Tome III*. Paris: Seuil, 2002 [1968], p. 40-5.

_____. *Le degré zéro de l’écriture suivi de Nouveaux essais critiques*. Paris: Seuil, 1953, 1972.

_____ et al. *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982.

_____. “Préface à Sade, Fourier et Loyola”. *Œuvres complètes. Tome III*. Paris: Seuil, 2002 [1971], p. 701-7.

BORGES, Jorge Luis. “La biblioteca de Babel”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1944], p. 465-471.

_____. “Pierre Menard, autor del Quijote”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1944], p. 444-450.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l’art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1998 [1992].

CARPEAUX, Otto Maria. “Os mistérios da biblioteca”. *Reflexo e realidade. Ensaios*. Rio de Janeiro: Fontana, 1978, p. 271-77.

COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.

_____. *Le démon de la théorie*. Paris: Seuil, 1998.

DIDEROT, Denis. *Les Deux Amis de Bourbonne suivi de Ceci n'est pas un conte*. Paris: Le livre de Poche, 1996 [1770, 1773].

FOUCAULT, Michel. “Des espaces autres” [Conférence au Cercle d'études architecturales, 14 mars 1967]. *Dits et écrits IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard, 1994 [1984], p. 752-762.

_____. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

_____. *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

_____. “Qu'est-ce qu'un auteur?”. *Dits et écrits I (1954-1969)*. Paris: Gallimard, 1994 [1969].

GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Bernard Grasset, 1961.

KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998 [1966].

LOPEZ, Telê Ancona. “A criação literária na biblioteca do escritor”. In: *Cienc. Cult.*. São Paulo, v. 59, nº 1, 2007, p. 33-37. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária. Enunciação, escritor, sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1993].

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *Literatura e biblioteca em Jorge Luis Borges e Ítalo Calvino*. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários, Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [Ática, 1978].

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005 [2000].

_____. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramallete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RIGOLI, Juan. *Lire le délire. Aliénisme, rhétorique et littérature en France au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 2001.

SARRAUTE, Nathalie. “L’ère du soupçon”. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1996, p. 1577-87.

SPITZER, Léo. *Études de style*. Trad. Éliane Kaufholz, Alain Coulon, Michel Foucault. Paris: Gallimard, 1970.

STAROBINSKI, Jean. “La relation critique”. *L’œil vivant II: La relation critique. Essai*. Paris: Gallimard, 1970, p. 9-33.

FORTUNA CRÍTICA MACHADIANA

ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (orgs.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. *Autobiografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BARBOSA, J. A. “Volúpia lasciva do nada: uma leitura de ‘Memórias póstumas de Brás Cubas’”. *Revista USP*. São Paulo, nº 1, mar/mai, 1989, p. 107-120.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, A. “À roda do quarto e da vida”. *Revista USP*. São Paulo, nº 2, jun/ago, 1989, p. 101-104.

EULÁLIO, Alexandre. “O Esaú e Jacó na obra de Machado de Assis: as personagens e o autor diante do espelho”. *Escritos*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 347-365.

GRIECO, Agrippino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin, Edusp, 2004.

GUIDIN, Márcia Lígia; GRANJA, Lúcia; RICIERI, Francine Weiss (orgs.). *Machado de Assis. Ensaaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2001.

MEYER, Augusto. “De machadinho a Brás Cubas”. *Teresa – Revista de literatura brasileira* 6/7. São Paulo: USP, Editora 34, Imprensa Oficial, 2006, p. 409-417.

_____. *Machado de Assis (1935-1958). Ensaaios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. “O romance machadiano”. In: BARBOSA, João Alexandre (org.). *Textos críticos: Augusto Meyer*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986, p. 327-337.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *A obra de Machado de Assis. Ensaaios premiados do 1º Concurso Internacional Machado de Assis*. Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, Governo Federal, 2006.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Cintilações francesas. Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar*. São Paulo: Nankin, 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006.

_____. “Machado de Assis – The location of an author”. In: *Portuguese literary & cultural studies*, v. 13-14, 2006, p. XIX-XXXIX.

ROUANET, Sérgio Paulo. “A forma shandiana: Laurence Sterne e Machado de Assis”. *Teresa – Revista de literatura brasileira* 6/7. São Paulo: USP, Editora 34, Imprensa Oficial, 2006, p. 318-338.

FORTUNA CRITICA FLAUBERTIANA

ANDRÉ-PIERREY, Christine. “La bibliothèque de Flaubert”. In: VARRY, Dominique (dir.). *Histoire des bibliothèques françaises. Vol 3: Les bibliothèques de la révolution et du XIX^e siècle, 1789-1914*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie; Promodis, 1991, p. 588-590.

BORGES, Jorge Luis. “Vindicación de *Bouvard & Pécuchet*”. *Obras completas I*. Barcelona: Emecé Editores, 1989 [1932], p. 259-262.

DEBRAY-GENETTE, Raymonde. *Métamorphoses du récit. Autour de Flaubert*. Paris: Seuil, 1988.

GALÍNDEZ-JORGE, Verónica. *Alucinação, memória e gozo místico. Dimensões dos manuscritos de “Un Cœur Simple” e “Hérodias” de Flaubert*. 2000. 122 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Fogos de artifício. Flaubert e a escritura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GENETTE, Gérard; TODOROV, Tzvetan (orgs.). *Travail de Flaubert*. Paris: Seuil, 1983.

GOMES, Livia Cristina. *Machado com Flaubert ou a política da escrita*. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LECLERC, Yvan (dir.). *La Bibliothèque de Flaubert: inventaires et critiques*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; Centre Flaubert, 2001.

MESSIAS, Carolina Augusto. *A biblioteca caleidoscópica: um modo de ler La Vie mode d'emploi e Bouvard et Pécuchet*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, em fase de finalização.

_____. “Um modo de ler um livro-biblioteca: a reescritura perequiana na composição de *La vie mode d'emploi*”. In: *Revista de Letras*. São Paulo, v. 50, nº 1, 2010, p. 129-145. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/3169/2898>>. Acesso em: 25 mar 2012.

PROUST, Marcel. “À propos du style de Flaubert”. In: FLAUBERT, Gustave. *L'éducation sentimentale*. Paris: Gallimard, 1927 [1920], p. 473-6.

RANCIÈRE, Jacques. “O efeito de realidade e a política da ficção”. In: *Novos Estudos – CEBRAP*. São Paulo, nº 86, mar, 2010, p. 75-90.

ROUSSET, Jean. “Madame Bovary ou le livre sur rien”. *Forme et signification. Essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel*. Paris: José Corti, 1962.

SARRAUTE, Nathalie. “Flaubert le précurseur”. *Paul Valéry et l'Enfant d'Éléphant; Flaubert le précurseur*. [Paris]: Gallimard, 1986, p. 59-89.

SÉGINGER, Gisèle. “Forme romanesque et savoir. Bouvard et Pécuchet et les sciences naturelles”. *Revue Flaubert*, nº 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010.

_____. “La Tentation et les savoirs”. *Flaubert. Revue critique et génétique*, nº 1, 2009. Disponível em: <<http://flaubert.revues.org/index389.html>>. Acesso em: 14 mar 2009.

VALÉRY, Paul. “La Tentation de (saint) Flaubert”. *Œuvres complètes I*. Paris: Gallimard, 1957, p. 613-619.

VATAN, Florence. “Flaubert et les sciences. Avant-propos: Du désir de savoir à l'art de (faire) rêver”. *Revue Flaubert*, nº 4, 2004. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue4>>. Acesso em: 14 mai 2010.